

INTRODUÇÃO À SAGRADA ESCRITURA E BIBLIOLOGIA

Prof. Marco Antonio Teixeira Lapa



2009



Copyright © UNIASSELVI 2009

Elaboração:

Prof. Marco Antonio Teixeira Lapa

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri

UNIASSELVI – Indaial.

220

L299C Lapa, Marco Antônio Teixeira.

Caderno de estudos: introdução à sagrada escritura e bibliologia/
Marco Antonio Teixeira Lapa, Centro Universitário Leonardo da Vinci. -
UNIASSELVI, 2009.

ix; 177 p. :il

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7830-155-2

1. Bíblia. 2. Escritura sagrada - Religião. 3. Bibliologia.

I. Centro Universitário Leonardo Da Vinci. *Núcleo de Ensino a Distância.*

II. Título.

APRESENTAÇÃO



Prezado acadêmico!

O Caderno de Estudos da disciplina de Introdução à Sagrada Escritura e Bibliologia foi elaborado através de uma abordagem histórica, bíblica e teológica para que, com clareza, você seja introduzido(a) no estudo da Bíblia com segurança. Procurei observar o desenvolvimento dos fatos, a cronologia histórica e as argumentações sólidas que respondem às perguntas: “Como se originou a Bíblia? Como ela chegou até nós?”

A Bíblia é considerada o livro mais importante do mundo e é, de fato, o mais lido e foi o primeiro a ser impresso e publicado na história. É relevante o fato de a Bíblia não apresentar teorias ou hipóteses acerca da origem e do destino final do homem, mesmo não sendo um tratado científico. Ela é afirmativa e apresenta com simplicidade e autoridade respostas claras para as questões existenciais na dimensão significativa total do “ser”, por isso, também, o seu estudo é tão atraente.

Ao ler as Sagradas Escrituras, todas as pessoas passam por uma experiência incomum, pois ela traz alegria, desperta interesse, desenvolve a fé e deixa marcas na mente do leitor. Isto nos remete a algumas questões fundamentais acerca da veracidade, da autoridade, da necessidade e da credibilidade da Bíblia, assuntos que abordaremos no decorrer da disciplina.

A primeira unidade, constituída da Introdução à Sagrada Escritura, apresenta a Escritura, suas características, o papel e a ação do Espírito Santo e do homem na produção da Palavra de Deus, as línguas, os materiais e os instrumentos de escrita utilizados, a preparação e preservação dos manuscritos bíblicos, o desenvolvimento da crítica textual para atestar o caráter sagrado dos textos e o período interbíblico, que foi um longo período de tempo entre os testamentos em que Deus não “falou”, mas “trabalhou” através da história preparando o mundo para o advento de Cristo Jesus, o Messias. Finalmente, apresenta as traduções e versões da Bíblia, até os nossos dias.

A segunda unidade nos remete ao estudo da Teologia das Sagradas Escrituras. Nela, você aprenderá a respeito da Revelação e da Inspiração da Palavra de Deus, da inerrância, da infalibilidade e da sacralidade das Escrituras e a respeito dos livros não sagrados, os Livros Apócrifos.

A terceira unidade propõe um nível prazeroso e agradável de contato com a Escritura Sagrada. Seu tema é “A Palavra de Deus Vivenciada”, pois, além de conter história e ser histórica, de ser a base para a teologia cristã, a Bíblia tem uma função específica e mais elevada: a função de ser útil ao homem.

A leitura, a meditação, o estudo, a compreensão agora e continuamente e a autoridade da Bíblia são aspectos vitais para que tenhamos uma vida bem sucedida, harmônica e eterna. Há uma história de Deus com os homens que converge, culmina e se centraliza em Jesus de Nazaré. Ele é o agente histórico principal, o único e necessário mediador desta história-relação. Contudo, o objeto, o foco de Deus, é o homem, você e eu.

Jesus Cristo mesmo disse: “Errais por não conhecer as Escrituras...”. Que estejamos livres do erro através da luz do conhecimento que a Escritura nos proporciona, desfrutando da qualidade de vida que só Cristo, que “é o mesmo, ontem, hoje e eternamente”, dá sob a qual declara “eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”.

Marco Antonio Teixeira Lapa



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, tablet ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo layout, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



Olá acadêmico! Para melhorar a qualidade dos materiais ofertados a você e dinamizar ainda mais os seus estudos, a Uniasselvi disponibiliza materiais que possuem o código *QR Code*, que é um código que permite que você acesse um conteúdo interativo relacionado ao tema que você está estudando. Para utilizar essa ferramenta, acesse as lojas de aplicativos e baixe um leitor de *QR Code*. Depois, é só aproveitar mais essa facilidade para aprimorar seus estudos!



BATE SOBRE O PAPO ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades.



Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE.



Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O **MEC – Ministério da Educação**.

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.



Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas.



Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE!



SUMÁRIO

UNIDADE 1 – BIBLIOLOGIA, A DOCTRINA DAS ESCRITURAS	1
TÓPICO 1 – A INSPIRAÇÃO E A REVELAÇÃO DAS SAGRADAS ESCRITURAS	3
1 INTRODUÇÃO	3
2 A DEFINIÇÃO E A TEOLOGIA DA INSPIRAÇÃO	4
2.1 A DEFINIÇÃO BÍBLICA DE INSPIRAÇÃO.....	4
2.2 O PROCESSO DE INSPIRAÇÃO	6
2.3 A DIFERENÇA ENTRE INSPIRAÇÃO, REVELAÇÃO E ILUMINAÇÃO	6
3 SIGNIFICADO DE INSPIRAÇÃO	8
4 O ENSINO BÍBLICO A RESPEITO DA INSPIRAÇÃO	10
5 EVIDÊNCIAS DA INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA	11
5.1 EVIDÊNCIA INTERNA DA INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA	11
5.2 EVIDÊNCIA EXTERNA DA INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA.....	12
LEITURA COMPLEMENTAR.....	14
RESUMO DO TÓPICO 1.....	16
AUTOATIVIDADE	17
TÓPICO 2 – A INERRÂNCIA E INFALIBILIDADE DAS ESCRITURAS	19
1 INTRODUÇÃO	19
2 O CONSERVADORISMO E O MODERNISMO	19
3 A INSPIRAÇÃO PRESSUPÕE INERRÂNCIA	20
4 A AUTORIDADE DA BÍBLIA.....	20
5 <i>SOLA ESCRIPTURA</i>	21
6 OS MANUSCRITOS ORIGINAIS E AS CÓPIAS	23
7 A INFALIBILIDADE DAS ESCRITURAS	25
7.1 DEFINIÇÃO DE INFALIBILIDADE	25
7.2 O DEPOIMENTO DA INFALIBILIDADE.....	26
7.2.1 Qual é o fundamento da doutrina da infalibilidade?.....	26
7.2.2 A Bíblia é uma revelação original da verdade.....	26
7.2.3 A Bíblia é imutável	27
7.2.4 A Bíblia é exata, moral e espiritual.....	27
LEITURA COMPLEMENTAR.....	28
RESUMO DO TÓPICO 2.....	33
AUTOATIVIDADE	34
TÓPICO 3 – A CANONICIDADE – O CÂNON DAS SAGRADAS ESCRITURAS	35
1 INTRODUÇÃO	35
2 AS CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÃO DE CANONICIDADE.....	35
3 O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO.....	36
4 O CÂNON DO NOVO TESTAMENTO.....	38
4.1 A NECESSIDADE DE SELEÇÃO	39
4.2 TESTES DE CANONICIDADE – O PADRÃO CANÔNICO	41
4.2.1 Quanto à autoria – apostolicidade	41
4.2.2 Quanto à doutrina – exatidão doutrinária	41

4.2.3 Quanto ao conteúdo – conteúdo espiritual.....	42
4.2.4 Quanto ao uso – universalidade.....	42
4.2.5 Quanto à inspiração – inspiração do Espírito Santo.....	42
RESUMO DO TÓPICO 3.....	43
AUTOATIVIDADE	44
TÓPICO 4 – OS LIVROS APÓCRIFOS.....	45
1 INTRODUÇÃO.....	45
2 OS LIVROS APÓCRIFOS.....	45
3 O SIGNIFICADO DA PALAVRA APÓCRIFO.....	45
4 TERMINOLOGIA TÉCNICA DOS LIVROS APÓCRIFOS.....	46
5 QUAIS SÃO E ONDE ESTÃO OS LIVROS APÓCRIFOS.....	47
6 RAZÕES PELAS QUAIS OS APÓCRIFOS NÃO SÃO ACEITOS PELOS EVANGÉLICOS	49
7 O CONTEÚDO DOS APÓCRIFOS.....	50
RESUMO DO TÓPICO 4.....	52
AUTOATIVIDADE	53
UNIDADE 2 – INTRODUÇÃO À SAGRADA ESCRITURA.....	55
TÓPICO 1 – O CARÁTER E A ESTRUTURA DA BÍBLIA	57
1 INTRODUÇÃO.....	57
2 O CARÁTER E A NATUREZA DA BÍBLIA.....	57
3 A ESTRUTURA DA BÍBLIA E ORIGEM DO TERMO	59
4 O ESPÍRITO SANTO.....	60
5 AS DUAS GRANDES DIVISÕES DA BÍBLIA E SUAS SEÇÕES	62
5.1 AS SEÇÕES OU CATEGORIAS DAS GRANDES DIVISÕES DA BÍBLIA	62
6 CAPÍTULOS E VERSÍCULOS DA BÍBLIA	65
6.1 A DIVISÃO DA BÍBLIA EM CAPÍTULOS E VERSÍCULOS	65
6.2 O PERÍODO DA IMPRENSA.....	65
7 A BÍBLIA HEBRAICA.....	67
8 O PERÍODO INTERBÍBLICO	68
RESUMO DO TÓPICO 1.....	71
AUTOATIVIDADE	72
TÓPICO 2 – AS LÍNGUAS, MATERIAIS E MANUSCRITOS DA BÍBLIA	73
1 INTRODUÇÃO.....	73
2 AS LÍNGUAS ESCRITAS.....	73
3 OS MATERIAIS, INSTRUMENTOS DE ESCRITA E IDIOMAS USADOS	74
3.1 OS MANUSCRITOS	78
3.2 A FORMA DOS MANUSCRITOS.....	79
3.3 OS INSTRUMENTOS PARA A ESCRITA	79
4 OS IDIOMAS DA BÍBLIA	80
4.1 OUTRAS INFLUÊNCIAS LINGÜÍSTICAS SOBRE O TEXTO BÍBLICO.....	82
5 A PREPARAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DOS MANUSCRITOS.....	83
6 OS MANUSCRITOS DA BÍBLIA.....	85
7 PAPIROS BÍBLICOS, ÓSTRACOS, INSCRIÇÕES E LECIONÁRIOS.....	89
8 AS REMISSÕES PATRÍSTICAS AO TEXTO BÍBLICO.....	90
9 O CRITICISMO TEXTUAL	91
RESUMO DO TÓPICO 2.....	93
AUTOATIVIDADE	94

TÓPICO 3 – VERSÕES E TRADUÇÕES DA BÍBLIA: COMO AS ESCRITURAS CHEGARAM ATÉ NÓS.....	95
1 INTRODUÇÃO.....	95
2 TERMOS RELATIVOS ÀS TRADUÇÕES E VERSÕES.....	95
3 TRADUÇÕES BÍBLICAS.....	96
4 PRINCIPAIS TRADUÇÕES.....	97
5 A SEPTUAGINTA (LXX).....	99
6 OUTRAS TRADUÇÕES GREGAS.....	100
7 TRADUÇÕES EM LATIM E AFINS.....	102
8 A VULGATA LATINA.....	103
9 OUTRAS TRADUÇÕES POSTERIORES DO LATIM.....	104
RESUMO DO TÓPICO 3.....	105
AUTOATIVIDADE.....	106
TÓPICO 4 – TRADUÇÕES E VERSÕES SECUNDÁRIAS.....	107
1 INTRODUÇÃO.....	107
2 A TRADUÇÃO PARA O INGLÊS.....	107
2.1 AS TRADUÇÕES PARCIAIS PARA O MÉDIO INGLÊS (1100 – 1400).....	109
2.2 AS TRADUÇÕES COMPLETAS PARA O MÉDIO INGLÊS E PARA O INGLÊS MODERNO.....	109
3 AS TRADUÇÕES E VERSÕES JUDAICAS.....	115
4 AS TRADUÇÕES E VERSÕES PROTESTANTES.....	115
5 AS TRADUÇÕES E VERSÕES ECUMÊNICAS.....	116
6 TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS.....	117
7 O PRIMEIRO LIVRO IMPRESSO POR GUTENBERG.....	117
8 AS TRADUÇÕES E AS VERSÕES CATÓLICAS ROMANAS.....	118
9 A BÍBLIA NO BRASIL (1879).....	119
9.1 COMO A BÍBLIA CHEGOU AO BRASIL.....	119
9.1.1 Primeiras versões.....	120
LEITURA COMPLEMENTAR.....	123
RESUMO DO TÓPICO 4.....	126
AUTOATIVIDADE.....	127
UNIDADE 3 – A PALAVRA DE DEUS VIVENCIADA.....	129
TÓPICO 1 – A HISTÓRIA DE DEUS COM OS HOMENS QUE CULMINOU EM JESUS CRISTO.....	131
1 INTRODUÇÃO.....	131
2 O ASSUNTO E O TEMA CENTRAL DA BÍBLIA.....	131
3 CHAVE BÍBLICA PARA COMPREENDER A HISTÓRIA.....	135
4 JESUS CRISTO: O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO.....	138
4.1 JESUS CRISTO E O PASSADO.....	138
4.2 JESUS CRISTO E O PRESENTE.....	139
4.3 JESUS CRISTO E O FUTURO.....	140
LEITURA COMPLEMENTAR.....	141
RESUMO DO TÓPICO 1.....	149
AUTOATIVIDADE.....	150
TÓPICO 2 – A AUTORIDADE E O PODER DA PALAVRA DE DEUS.....	151
1 INTRODUÇÃO.....	151
2 A AUTORIDADE DA PALAVRA DE DEUS.....	151
2.1 A AUTORIDADE RELIGIOSA.....	152

3 O TRABALHO DO ESPÍRITO SANTO.....	152
4 COMPONENTES OBJETIVOS E SUBJETIVOS DA AUTORIDADE.....	153
5 A BÍBLIA E A RAZÃO.....	153
5.1 CRER TAMBÉM É PENSAR.....	153
6 AUTORIDADE HISTÓRICA E NORMATIVA.....	154
RESUMO DO TÓPICO 2.....	155
AUTOATIVIDADE.....	156
TÓPICO 3 – A PALAVRA DE DEUS LIDA, MEDITADA E ESTUDADA.....	157
1 INTRODUÇÃO.....	157
2 QUALQUER UM PODE ENTENDER A BÍBLIA CLARAMENTE.....	157
3 O QUE O ESPÍRITO SANTO FARÁ POR VOCÊ.....	158
4 COMO LER A BÍBLIA: ESPIRITUALIDADE E RACIONALIDADE.....	159
5 A MEDITAÇÃO DA SAGRADA ESCRITURA.....	161
RESUMO DO TÓPICO 3.....	164
AUTOATIVIDADE.....	165
TÓPICO 4 – O CONHECIMENTO E A COMPREENSÃO VITAL E CONTINUADA DA BÍBLIA.....	167
1 INTRODUÇÃO.....	167
2 CONHECIMENTO DA BÍBLIA: PROPÓSITO, POSSIBILIDADE E FINALIDADE.....	167
3 COMPREENSÃO CONTINUADA: OBJETIVO E NATUREZA.....	168
4 O CONHECIMENTO, UM SABER QUE CONDUZ À SABEDORIA DA FÉ.....	169
5 A PRÁTICA DA SAGRADA ESCRITURA.....	170
6 A ESPERANÇA PELAS ESCRITURAS: PROFECIAS E PROMESSAS.....	170
LEITURA COMPLEMENTAR.....	172
RESUMO DO TÓPICO 4.....	173
AUTOATIVIDADE.....	174
REFERÊNCIAS.....	175

UNIDADE 1

BIBLIOLOGIA, A DOCTRINA DAS ESCRITURAS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- entender como as Escrituras foram produzidas tendo como agente de produção o Espírito Santo, através da iniciativa de Deus em se fazer conhecido e de se comunicar com a humanidade através da palavra escrita;
- entender como e por que a Bíblia não contém erros e é infalível em tudo o que nela está escrito, o que gera segurança, tanto para crer como para exercer o ministério da Palavra;
- entender como a Escritura foi elaborada pelos judeus e pela Igreja e, através da descrição do conhecimento acerca dos testes de canonicidade, certificar-se de que, realmente, a Bíblia é a Palavra de Deus e é a nossa regra de fé e conduta;
- conhecer o significado de apócrifo, quais são estes livros, como foram incorporados ao cânon, onde estão e por que não são aceitos e/ou reconhecidos por parte de alguns segmentos da Igreja Cristã.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em quatro tópicos. No final de cada um deles, você encontrará atividades que o(a) ajudarão a refletir e a fixar os conhecimentos abordados.

TÓPICO 1 – A INSPIRAÇÃO E A REVELAÇÃO DAS SAGRADAS ESCRITURAS

TÓPICO 2 – A INERRÂNCIA E INFALIBILIDADE DAS ESCRITURAS

TÓPICO 3 – A CANONICIDADE – O CÂNON DAS SAGRADAS ESCRITURAS

TÓPICO 4 – OS LIVROS APÓCRIFOS



A INSPIRAÇÃO E A REVELAÇÃO DAS SAGRADAS ESCRITURAS

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico, você será introduzido no fundo da Bibliologia, ou seja, no conhecimento da Doutrina das Sagradas Escrituras. O primeiro assunto a ser tratado é a Inspiração e a Revelação das Escrituras. A Revelação fala a respeito do fato de Deus fazer-se conhecido e comunicar-se com o homem. A Inspiração trata da maneira através da qual Deus se comunicou, por meio da qual as Escrituras foram registradas.

A Bíblia declara que Deus é amor e o amor se comunica, precisa manifestar-se. A iniciativa de se fazer conhecido pela humanidade foi de Deus, isto é, revelação e a inspiração foi a maneira como Deus o fez. Diferentemente do pensamento secular de que o homem deve se esforçar em alcançar a Deus, de acordo com a Bíblia, foi sempre Deus que buscou o homem e deu o primeiro passo em sua direção. Não foi diferente no que diz respeito à comunicação. Deus, apesar de ser divino e transcendente é uma realidade concreta, é uma pessoa que nunca pretendeu estar distante de suas criaturas, por isso falou e fala com elas, através da Sua Palavra.

Alguns segmentos religiosos cristãos desprezam o conhecimento e o estudo da Escritura enfatizando o poder de Deus. Neste sentido, ter o Espírito Santo e não conhecer a Palavra de Deus conduz ao fanatismo. Pessoas assim querem usar o Espírito Santo em vez de permitir que Ele as use e, por outro lado, há segmentos religiosos cristãos que dão ênfase ao conhecimento e ao estudo das Escrituras, mas desprezam experiências com o Espírito Santo, neste sentido, conhecer a Palavra e não ter o Espírito Santo conduz ao mero intelectualismo, ao ritualismo e ao formalismo religioso. Estes dois extremos são perigosos. O equilíbrio entre o conhecimento da Palavra e o poder operante do Espírito Santo é o recomendado pelo Senhor Jesus quando diz: "Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus." (Mateus 22:29).

Diante do exposto anteriormente, cabe registrar que desejamos estudar a Escritura sob a luz e a poderosa influência do Espírito Santo.

2 A DEFINIÇÃO E A TEOLOGIA DA INSPIRAÇÃO

A Bíblia é um livro, mas o fato que a torna o **Livro dos Livros**, ou seja, especial, o maior e o principal livro da humanidade é o fato de ela ser a Palavra de Deus, revelada e inspirada pelo próprio Deus.

Quando falamos de Inspiração, não nos referimos a uma inspiração meramente poética ou mero fruto da dedução, reflexão ou conjectura dos homens, mas falamos de escritos revelados pelo próprio Deus, os quais têm autoridade divina. Esta afirmação está baseada nos dois grandes versículos da Escritura que tratam deste assunto, dos quais inferimos a definição bíblica de inspiração.

2.1 A DEFINIÇÃO BÍBLICA DE INSPIRAÇÃO

O primeiro é 2 Timóteo 3:16 – “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (R.A.). Observe que o escritor faz uma afirmativa e usa também as palavras “toda” se referindo à Bíblia como um todo, Escritura com “E” maiúsculo, pois não se trata de qualquer escrito, mas um específico e divino, e “inspirada” revelando a natureza da Bíblia. A palavra “inspirada”, no grego é *theopneustos*.

Theopneustos revela a singularidade da Bíblia. O vocábulo deve ser dividido em dois para entendermos inspiração: “*Theo*” = Deus, “*Pneustos*” = soprou, ou seja, a Bíblia foi literalmente soprada por Deus, significando o processo pelo qual Deus transmitiu a sua mensagem ao homem, uma mensagem que resulta do poder onipotente de Deus expresso através do seu fôlego criativo, e, por isso, dotada da autoridade divina para a fé e para a conduta daquele que crê. O sopro de Deus foi portador da sua palavra. I Coríntios 2:13 expressa a mesma verdade: “Disto também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais.” No Antigo Testamento há uma passagem correlata, que trata do entendimento como resultado do sopro divino, é Jó 32.8 – “Na verdade, há um espírito no homem e o sopro do Todo-Poderoso o faz entendido.”

O segundo é 2 Pedro 1:20-21 – “Sabendo, primeiramente, isto, que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação, porque nunca, jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto, homens santos falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo”. Este versículo diz literalmente que nenhuma porção da Escritura, nunca, foi trazida por vontade humana, não se originou por impulsos humanos, mas sim que os homens santos foram induzidos pelo Espírito Santo a escrever.

Geisler e Nix nos dizem que “fazendo uma combinação das passagens que ensinam sobre a inspiração divina, descobrimos que a Bíblia é inspirada no seguinte sentido: homens, movidos pelo Espírito, escreveram palavras sopradas por Deus, as quais são a fonte de autoridade para a fé e para a prática cristã”. (GEISLER; NIX, 1997, p. 10).

A Doutrina da Igreja sobre a Inspiração Bíblica nos diz que a Bíblia como Palavra de Deus é o único alicerce para a plena autoridade bíblica. Se a Bíblia não for a Palavra de Deus, não terá autoridade divina. Reconhecemos que alguns, ao discordar da inerrância, estão reivindicando inspiração para algumas partes da Bíblia, deste modo, chamadas partes da salvação. Muito bem, mas então não podemos chamar a sua posição de **autoridade bíblica**, mas, somente, **autoridade bíblica parcial**. Acrescentando mais injúrias contra a Palavra de Deus, não podem determinar precisamente que partes da Bíblia são inspiradas. Dizem: “as partes da salvação”, mas não nos informam onde as podemos achar, nem como separá-las das partes não inspiradas, errôneas, que não são da salvação. Nossa tentativa neste ensaio será demonstrar que o caminho histórico principal tem sido o de **autoridade bíblica total**. É relevante que a edição atual, a quarta, de *The New Columbia Encyclopedia*, reconhece esse fato. Embora esta enciclopédia, em um volume, a maior e mais abrangente no mundo inteiro, possua grande quantidade de informações religiosas, é essencialmente secular no seu ponto de vista e bem objetiva. Sua declaração dos simples fatos é, portanto, mais impressionante pelo seguinte motivo:

O conceito tradicional cristão da Bíblia é que foi inteiramente escrito sob a orientação de Deus e que é, portanto, inteiramente verdadeira, literalmente ou sob o véu da alegoria. Nos tempos recentes, no entanto, o ponto de vista de muitos protestantes tem sido influenciado pelos pronunciamentos dos críticos (ver Alta Crítica). Este fato produziu uma reação contrária na forma de fundamentalismo, cuja ênfase principal tem sido a inerrância da Bíblia (grifos acrescentados).

O fato de a Bíblia se apresentar como sendo a Palavra de Deus escrita pelos homens, tem dado ocasião à conclusão de que ela é errante (errônea). Obviamente, isto também não se segue. Não se segue que, desde que Deus inspirou os homens, seria incapaz de conservá-los livres de erros humanos ao escreverem. Não segue, por exemplo, da declaração bíblica em que Deus usou Paulo na escrita das Epístolas, que “Deus não podia conservá-las livres do erro humano.” (BOICE, 1989, p. 25, 26, 28).

Os cétricos resistem à inspiração divina da Bíblia, mas esta atitude não é inteligente e nem razoável, pois sendo Deus o criador do homem inteligente, de que outra maneira se revelaria e se comunicaria com o próprio homem, senão de uma forma inteligente?

A Bíblia relata que Deus foi se manifestando de diversas maneiras e que ao longo do tempo foi tornando a sua revelação mais objetiva e mais próxima do homem até chegar ao ponto máximo desta revelação através da pessoa de Jesus Cristo, Seu Filho.

Hebreus 1: 1 e 2 falam das primeiras maneiras, pelas quais Deus se revelou dizendo que Ele falou no passado, por muitas vezes e de maneiras diferentes, ou seja, através de anjos, visões, sonhos, vozes e milagres, mas foi eliminando meios menos eficientes de revelação, desta maneira inspirando os profetas, escritores sagrados, para produzirem a Escritura, e como diz Hebreus, nestes últimos dias nos falou pelo Filho a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o Universo.

2.2 O PROCESSO DE INSPIRAÇÃO

O processo de inspiração contém três elementos específicos, ou seja, sem estes não teríamos a Sagrada Escritura, vejamos:

- **Deus como Causa:** Deus é a fonte originária da Bíblia e este é o fator fundamental da doutrina da inspiração bíblica. Deus mesmo falou aos homens santos e estes, por sua vez, à humanidade. Deus revelou a sua palavra aos seus santos profetas e estes a registraram.
- **O Homem como Instrumento:** Deus foi a causa primeira da transmissão da verdade bíblica e se serviu do grupo de aproximadamente quarenta homens, escolhidos para serem a fonte secundária, ou seja, instrumentos mediadores na transmissão da verdade. Deus usou a personalidade, o estilo literário e o vocabulário pessoal dos escritores sagrados para comunicar as verdades divinas. Estes escreveram sob a influência do Espírito Santo, não eram autômatos, expressavam a intenção total do coração que os movia para realizar esta tarefa grandiosa e inigualável.
- **A Autoridade Escrita:** A Bíblia é o resultado final da revelação da verdade pelo próprio Deus através dos profetas, o que a reveste de autoridade escrita. Paulo escreve a Timóteo declarando que a Escritura é totalmente inspirada por Deus e apresenta a sua finalidade, ou seja, ela é útil para repreender, corrigir, instruir em justiça. Como autoridade escrita, a Bíblia é a palavra principal e última no que diz respeito à doutrina e à ética. A Escritura Sagrada recebeu esta autoridade do próprio Deus. Os escritores da Bíblia morreram, mas os escritos proféticos revelados e inspirados permanecem.

2.3 A DIFERENÇA ENTRE INSPIRAÇÃO, REVELAÇÃO E ILUMINAÇÃO

É importante conhecermos estas distinções para entendermos a doutrina das Sagradas Escrituras.

A revelação é o ato de Deus comunicar diretamente a verdade, antes desconhecida, para a mente humana, a qual só poderia ser conhecida desta maneira. Através da revelação há a descoberta da verdade divina.

A inspiração está ligada à comunicação da verdade, à maneira como a revelação foi registrada, ou seja, através da escrita. A inspiração divina supervisiona a comunicação da verdade revelada. O Espírito Santo dirigiu e influenciou os escritores, a fim de que, por inspiração, não cometessem qualquer erro de verdade ou doutrina. A Bíblia contém registros históricos e de observações pessoais dos homens por desígnio do Espírito Santo, o registro destes fatos e palavras foi inspirado e, há também, o registro dos dizeres de Satanás que não foi inspirado ao falar, mas o registro do que foi falado sim. Estes registros, de palavras ou fatos não inspirados foram resultado da providência divina para que conhecêssemos o inimigo de nossas almas, bem como, o contexto histórico e cultural para uma correta interpretação. Portanto, é necessário verificar cuidadosamente quem está falando.

Como exemplo do que mencionei anteriormente, há o registro feito por Duffield e Van Cleave acerca do que o Dr. William Evans expressou:

Apesar de toda a Escritura ser inspirada, ela não sela com autoridade divina toda frase que registra como pronunciada pelos homens de quem fala, nem tampouco marca com a aprovação divina cada ato que descreve como realizado por aqueles cujas biografias apresenta. No livro de Jó, por exemplo, a inspiração dá com igual exatidão a linguagem de Jeová, as palavras de Satanás e os discursos de Jó e seus três amigos. Não coloca, porém, todos ao mesmo nível de autoridade. Cada orador é responsável pelos seus próprios pronunciamentos. Nem Satanás, nem Jó, nem seus três amigos falaram por inspiração de Deus. Eles expressaram suas próprias opiniões. Tudo o que a inspiração assegura é que nenhum deles é mal representado, mas que cada um manifestou os sentimentos que lhe foram atribuídos na Escritura. (DUFFIELD; VAN CLEAVE, 1991, p. 23, 24).

A iluminação não pode ser confundida com a inspiração. A iluminação ocorre com todos os cristãos, refere-se à influência do Espírito Santo que ajuda a entender as coisas de Deus. “Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente.” (1 Co. 2: 14).

A iluminação das coisas espirituais é uma bênção prometida a todos os que crêem e pode ser experimentada por eles. “Naquela hora exultou Jesus no Espírito Santo e exclamou: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequenos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado.” (Lc. 10: 21).

3 SIGNIFICADO DE INSPIRAÇÃO

Em relação ao que a palavra inspiração aplicada à Bíblia significa, nem todos os eclesiásticos estão de acordo, infelizmente. Existem, portanto, várias teorias sobre a inspiração. São elas:

- **O Conceito Liberal de Inspiração** – O teólogo liberal expressa seu ponto de vista na declaração: **“A Bíblia contém a Palavra de Deus”**. A dificuldade e o problema deste ponto de vista é colocar nas mãos de homens finitos, frágeis e falíveis o poder de determinar o quê e quando Deus está falando. Desse modo, outorga-se ao homem poder sobre a Verdade Infinita, em vez de sujeitar-se a ela.
- **O Conceito Neo-Ortodoxo de Inspiração** – O teólogo neo-ortodoxo expressa seu ponto de vista na declaração: **“A Bíblia se converte na Palavra de Deus”**. A dificuldade e o problema deste ponto de vista estão no fato destes homens se recusarem a crer que Deus operou o milagre de nos dar, por inspiração, uma Bíblia infalível, mas estão prontos a crer que Deus opera diariamente o milagre maior de capacitar os homens a descobrirem e verem, nas palavras falíveis dos homens, as palavras infalíveis de Deus. É muito difícil entender por que Deus utilizaria o erro para nos ensinar a verdade.

Estes teólogos levam em consideração as experiências existenciais das pessoas que entram em contato com a palavra escrita, num “encontro crítico” onde a Bíblia se reveste de um significado especial e momentâneo, tornando-se, naquele momento, a Palavra de Deus. Este é o ponto de vista existencial popularizado por Barth. (BARTH, 2009).

Nesta linha neo-ortodoxa, como um segundo conceito, a Bíblia deve ser despojada do mito religioso a fim de ser possível chegar ao amor sacrificial de Deus em Cristo. Neste ponto de vista, os fatos históricos e os registros bíblicos sobre eventos milagrosos e salvíficos, não são necessariamente verificáveis e objetivos. A Bíblia se torna, portanto, uma revelação quando, mediante uma interpretação demitológica, o indivíduo é confrontado com o amor absoluto, como apresentado no “mito” do amor desinteressado em Cristo. Os teólogos que defendem este conceito são Bultmann e Neibuhr.

Mediante estes dois conceitos, perguntamos: como um simples crente pode ter fé num livro quando lhe é dito que o mesmo só é parcialmente verídico?

Tentar decidir o que não é inspiração seria colocar-se acima das Escrituras e perder inteiramente a mensagem divina. Existe nestes dois conceitos uma confusão entre inspiração e iluminação.

Embora os liberais argumentem que a Bíblia contém a palavra de Deus, e os neo-ortodoxos afirmem que a Bíblia se converte na palavra de Deus num “momento significativo existencial”, a posição ortodoxa ou conservadora é que a Bíblia é a Palavra de Deus.

- **Conceito da Intuição** – Neste conceito extremo há a negação total da existência do elemento divino no registro da Bíblia. Para estes modernistas, a Bíblia é apenas o registro de lendas, histórias, poemas etc., sem nenhum valor histórico. Trocam a inspiração divina pela mera intuição humana, sem inclusive haver iluminação, ou seja, para eles **a Bíblia é um folclore judaico com moral e gênero religioso significativo.**
- **Conceitos Conservadores** – Neste conceito os teólogos declaram que **a Bíblia é a Palavra de Deus**, contudo na Escola Conservadora há uma divergência quanto ao que a inspiração representa.

As Teorias Conservadoras são:

- a) **Teoria do Ditado Verbal** – Esta teoria afirma que cada palavra e a pontuação foram ditadas por Deus, naquilo que freqüentemente é chamado de Ditado Verbal ou Inspiração Mecânica. A grande fraqueza desta teoria é eliminar qualquer possibilidade de um estilo pessoal nos escritos do autor divinamente escolhido, o que é, claramente, observado na Bíblia. Você já sabe que a redação é de Deus pelo fato da Inspiração Divina supervisionar e controlar toda a produção textual fazendo uso do que o escritor escolhido podia oferecer em estilo literário, vocabulário através da personalidade de cada um.
- b) **Teoria do Conceito Inspirado** – Nesta teoria, os conservadores dizem que Deus deu pensamentos aos escritores sagrados e deixou que eles o registrassem em suas próprias palavras. Se assim fosse, os pensamentos seriam inspirados e não as palavras, configurando-se a chamada “Inspiração Dinâmica”, onde se explica a humanidade da Bíblia, mas se enfraquece a sua divindade.

A teoria mecânica deifica o aspecto humano da Bíblia, enquanto a teoria dinâmica humaniza a divindade.

- c) **O Conceito Verbal e de Inspiração Plena** – Este conceito afirma que todas as palavras escritas são inspiradas por Deus (2 Timóteo 3:16). “Verbal” significa as palavras, e “Pleno” significa “inteiro” ou “completo”, contrário a parcial. Afirma-se, portanto, que todas as palavras em si, são inspiradas. Deus deu completa expressão aos seus pensamentos nas palavras registradas na Bíblia e guiou a própria escolha das palavras usadas de acordo com a personalidade e o contexto cultural dos escritores, de maneira que, de algum modo inesgotável, a Bíblia é a Palavra de Deus apesar de conter palavras humanas.

A inspiração é, então, o processo pelo qual homens movidos pelo Espírito Santo (2 Pedro 1: 21) produziram escrituras inspiradas pelo Espírito Santo (2 Timóteo 3: 16).

L. Gaussen nos apresenta uma ótima definição da inspiração como segue: “Esse poder inexplicável foi colocado pelo Espírito Divino sobre os autores das Sagradas Escrituras, a fim de orientá-los até mesmo no emprego das palavras usadas, e para preservá-los de todo erro e de todas as omissões.” (apud DUFFIELD; VAN CLEAVE, 1991, p. 30).

Resumindo, o processo de inspiração é um ato da providência divina, e os resultados deste processo são um registro verbal (as palavras), pleno, (estendendo-se igualmente a todas as partes), infalível (sem erros) e com autoridade.

4 O ENSINO BÍBLICO A RESPEITO DA INSPIRAÇÃO

Apesar das divergências encontradas nos conceitos de inspiração, exceto na inspiração plenária, se faz necessário que você os conheça para compreender o caráter da Bíblia, avaliando o que estes conceitos teóricos dizem, considerando o que ela mesma diz a respeito da sua própria inspiração:

- **A inspiração é verbal** - A Bíblia ensina e declara que é um livro dotado de autoridade divina (2 Timóteo 3: 16 e 2 Pedro 1: 21), resultante do sopro e do mover do Espírito Santo sobre os homens para que os textos fossem escritos. Paulo declara em 2 Tm 3,16 que as *graphê*, ou seja, os textos bíblicos, num sentido mais amplo são inspirados por Deus através do Espírito Santo.
- **A inspiração é plena** - A Bíblia também reivindica a inspiração plenária divina de todas as suas partes, ou seja, total e absoluta (2 Timóteo 3: 16 e Romanos 15: 4). Jesus e todos os autores do NT expressam sua posição e crença na inspiração integral do VT, fazendo citações de seus trechos que eram para eles autoridade. Todos os textos da Bíblia reivindicam autoridade total e completa.

A inspiração atribui autoridade – A inspiração divina concede autoridade indiscutível ao texto. Jesus disse: “a Escritura não pode ser anulada” (João 10: 35), em uma outra versão lemos: “a Escritura não pode falhar”. Jesus também recorre às escrituras para ensinar e confrontar as pessoas nos evangelhos. Até mesmo Satanás foi repreendido pelo Senhor mediante a autoridade da Palavra escrita de Deus (Mateus 4: 4, 7, 10). A autoridade da Bíblia, também reside no fato do cumprimento das profecias do VT já cumpridas. Jesus disse: “era necessário que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lucas 24: 44). Outra declaração mais forte sobre a autoridade inquestionável da Escritura pronunciada por Cristo foi: “É mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til sequer da lei” (Lucas 16: 17). A Bíblia está envolta na autoridade divina que o próprio Deus lhe concedeu.

Lembro que a inspiração diz respeito igualmente ao VT e ao NT, abarcando vários gêneros literários, sem erro, pois Deus não pode mentir (Hebreus 6: 18) e a sua Palavra é a verdade (João 17: 17).

Não existem erros históricos ou científicos nos ensinamentos das Escrituras. Tudo que a Bíblia ensina vem de Deus, sem a mácula do erro.

5 EVIDÊNCIAS DA INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA

Há duas categorias de evidências da inspiração da Bíblia: a evidência interna e a evidência externa.

5.1 EVIDÊNCIA INTERNA DA INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA

Existem várias evidências:

- **A Evidência da autoridade através da autoconfirmação:** A Bíblia fala com autoridade própria, o que faz com que a inspiração não precise ser defendida bastando, apenas, que seus ensinamentos sejam explanados. A Bíblia pode defender sua própria autoridade desde que sua poderosa voz se faça ouvir. Há expressões bíblicas, além das já mencionadas, que caracterizam esta autoridade, por exemplo, quando Jesus causava grande admiração às multidões, porque “os ensinava como tendo autoridade” (Marcos 1: 22), também pelas muitas vezes em que ocorre a expressão “assim diz o Senhor”, quando Deus falou a Jó com sua voz saída de um redemoinho (Jó 38), e no Apocalipse, nas cartas às sete igrejas da Ásia quando ocorre a expressão “quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas” (Apocalipse 2: 7a, 11, 17, 29; 3: 6, 13, 22).
- **A Evidência do Testemunho Íntimo do Espírito Santo:** Esta evidência se relaciona com a evidência da autoridade das Escrituras, porque a Bíblia é confirmada pelo Espírito Santo como Palavra de Deus no íntimo do coração daquele que crê, pois à medida que se lê a Bíblia, surgem as evidências de que ela é de origem divina. Este é o papel do Espírito Santo, ou seja, “convencer” conforme está escrito em João 16: 8 –“Quando Ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo”. Em outra passagem encontramos, “Mas o consolador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, essa voz ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito”. (João 14: 26). O Espírito Santo dá testemunho que Jesus é o filho de Deus (Romanos 8: 16) e também que a Bíblia é a Palavra de Deus (2 Pedro 1: 20,21).
- **A Evidência do Poder Transformador da Bíblia:** Ela tem a capacidade de converter o incrédulo e de edificar a este e à igreja de Cristo continuamente (Hebreus 4: 12). Através da leitura da Palavra de Deus, muitos têm experimentado o seu poder libertador, regenerador, transformador, de cura emocional e física (1 Pedro 2:2). Dessa maneira, podemos experimentar o quanto ela é viva e dinâmica e que traz consigo a autoridade divina.

- **A Evidência da Unidade da Bíblia:** A Bíblia é composta de 66 livros, escritos durante um período 1.600 anos, por cerca de 40 autores em línguas diferentes, em lugares diferentes, os quais versaram sobre um único tema que é a redenção dos homens. Também, na maravilhosa unidade de tema é apresentada, de Gênesis a Apocalipse, a pessoa central da Bíblia, que é o Senhor e Salvador Jesus Cristo. Há também a unidade de estrutura, ou seja, o VT é cumprido no novo e o novo é profetizado no velho, de tal forma que não se pode compreender um sem o outro. Tudo isto revela a Mente Única, a mente de Deus que idealizou e conduziu todo o registro da Sua Palavra. As características da Bíblia, relativas à sua unidade geral, demonstram que esta obra literária não seria possível sem a ação divina e que esta possibilidade estava fora do alcance humano.

5.2 EVIDÊNCIA EXTERNA DA INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA

A evidência externa não é de natureza subjetiva, é o testemunho público que serve para atrair os homens à Palavra de Deus.

- **A Evidência Baseada na Historicidade da Bíblia:** Grande parte da Bíblia é história e há duas espécies de apoio à história bíblica: Os artefatos arqueológicos e os documentos escritos. A crítica textual da Bíblia tem sido grandemente beneficiada por estes apoios, os quais são uma evidência indireta da sua inspiração. A confirmação da exatidão da Bíblia, através dos fatos, lhe confere credibilidade. (João 3: 12).
- **A Evidência do Testemunho de Cristo:** Cristo não é uma figura mitológica, mas é uma pessoa real, que existiu historicamente e que está relacionada à historicidade dos documentos bíblicos, pois o Novo Testamento é, também, um documento histórico onde estão registrados os ensinamentos de Cristo a respeito da inspiração da Bíblia. Quem queira provar que a inspiração é falsa deverá primeiro rejeitar a autoridade que tinha Jesus de se pronunciar sobre a questão da inspiração. Cristo deu testemunho irrefutável da inspiração e da autoridade divina da Bíblia.
- **A Evidência Profética:** Outra grande evidência externa de inspiração das Escrituras são as profecias bíblicas cumpridas. Outros livros religiosos reivindicam inspiração divina como o Alcorão e partes do Veda, mas, nenhum deles contém predições do futuro. É inegável o valor e a força das centenas de profecias cumpridas que a Bíblia apresenta como testemunho da sua origem divina e inspirada.
- **A Evidência da Influência da Bíblia:** A Bíblia é o livro de maior disseminação e de circulação de todos os tempos, suas tiragens já somam bilhões de exemplares. É o livro mais lido e traduzido do mundo, para mais de mil línguas abrangendo mais de 90% da população mundial. Os maiores e melhores lançamentos que já ocorreram, os *bestsellers* sempre estão em segundo lugar e a Bíblia, perpetuamente, no primeiro. A Bíblia tem tido a maior e a mais

forte influência sobre o curso dos acontecimentos mundiais. Ela tem moldado o mundo ocidental o qual, por consequência, tem exercido forte influência no desenrolar dos fatos mundiais. Como percebemos, a influência da Bíblia é fantástica e seu conteúdo, devido à inspiração divina, trata dos assuntos da religião, da espiritualidade, da moralidade, da ética de uma forma profunda e inigualável, apresentando a todos os homens os mais nobres e elevados princípios da civilização.

- **A Evidência da Realidade da Indestrutibilidade da Bíblia:** A história mostra que reis poderosos, imperadores e sacerdotes tentaram muitas vezes destruir este livro. Os homens morreram, mas a Bíblia continua viva. Os ataques perversos não foram dirigidos somente à Palavra de Deus, mas também a alguns tradutores que foram perseguidos, tais como Wycliffe, Tyndale e Lutero. Muitos homens e mulheres preferiram morrer a negar a Bíblia e o Cristo que ela apresenta. As Escrituras sofreram e têm sofrido o golpe de homens que a negaram e têm negado a inspiração divina. No entanto, a Bíblia tem resistido a todos os ataques e a todos os seus atacantes, ela continua mais forte do que nunca, permanece ilesa depois desses ataques, é indestrutível. Disse Jesus “passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão” (Marcos 13: 31).

LEITURA COMPLEMENTAR

OS SÍMBOLOS DAS ESCRITURAS

A Bíblia emprega muitas vezes linguagem simbólica em seus ensinamentos. A verdade espiritual pode ser freqüentemente transmitida com mais realidade por meio de símbolos que produzem uma imagem na mente humana. Existem, pois, vários símbolos utilizados através das Escrituras com esta finalidade. Damos uma lista dos mais comuns.

a) Espelho

“Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não praticante assemelha-se ao homem que contempla num espelho seu rosto natural...” (Tiago 1: 23-25). Isto ilustra o poder revelador da Palavra.

b) Crítico

“Porque a Palavra de Deus é [...] apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hebreus 4:12). O grego, em Hebreus 4:12, diz: “A Palavra de Deus, é [...] crítico dos pensamentos e propósitos do coração.”

c) Semente

“Pois fostes regenerados, não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a Palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (I Pedro 1:23). (Veja também Lucas 8:5-15, notando especialmente o v.11, “a semente é a Palavra de Deus”; Isaías 55: 10,11; Tiago 1:18). Este símbolo sugere o poder generativo da Palavra. É uma Palavra que dá vida.

d) Lavadouro e água

“Para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela Palavra [...]” (Efésios 5:26). “Aquele que nos ama, e pelo seu sangue nos libertou (lavou) dos nossos pecados” (Apocalipse 1: 5b). (Também Salmo 119:9; João 15:3) A pia ficava entre o adorador e o tabernáculo, possibilitando a purificação. A mesma Palavra que revela nossa contaminação também fornece um meio de limpeza.

e) Lâmpada e luz

“Lâmpada para meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos” (Salmo 119:105). (Veja também v. 130) “Porque o mandamento é lâmpada e a instrução luz [...]” (Provérbios 6: 23). Esses símbolos falam da influência da Palavra, iluminando e guiando num mundo de trevas. Ela existe para que seja “tanto mais confirmada a Palavra profética, e fazeis bem em entendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso”. (2 Pedro 1:19).

f) Fogo

“Não é minha palavra fogo? Diz o Senhor [...]” (Jeremias 23:29); “Quando pensei: não me lembrarei dele e já não falarei no seu nome, então isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer, e não posso mais” (Jeremias 20:9). A palavra “fogo”, usada aqui, parece sugerir impulso e energia consumidores. “Esbraseou-se-me no peito o coração, enquanto eu meditava ateou-se o fogo: então disse eu com a própria língua [...]” (Salmo 39:3).

g) Martelo

“Não é a minha palavra [...] martelo que esmiúça a penha?” (Jeremias 23: 29). Esta figura sugere o poder da Palavra, aplicada constantemente, que eventualmente quebrará o coração duro como pedra.

h) Espada

“Tomai [...] a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus [...]” (Efésios 6:17). “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes [...]” (Hebreus 4:12). Esta é a única arma ofensiva do crente em sua luta contra os “principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Efésios 6:12).

i) Alimento

“As palavras da sua boca prezei mais do que o meu alimento” (Jó 23: 12b, IBB).

- Leite: “Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que por ele vos seja dado crescimento [...]” (I Pedro 2:2). (Veja I Coríntios 3: 1, 2).
- Pão: “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mateus 4: 4).
- Carne: “Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo o tempo decorrido, tendes novamente necessidade de alguém que vos ensine de novo quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim vos tornastes como necessitados de leite, e não de alimento sólido. Ora, todo aquele que se alimenta de leite, é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal” (Hebreus 5: 12-14).
- Mel: “Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar, mais que o mel à minha boca” (Salmo 119: 103).

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- A inspiração da Bíblia foi um ato da parte de Deus, que ocorreu através do seu sopro divino sobre os escritos sagrados, os quais foram movidos e supervisionados pelo Espírito Santo para registrarem o que lhes fora revelado, sem erro, para que com segurança o povo tivesse em suas mãos a autoridade escrita, a mensagem autorizada de Deus.
- Há conceitos e teorias teológicas a respeito da inspiração das Escrituras, especialmente a partir do século XVIII. Posteriormente, a Igreja se fundamentava no conceito ou teoria conservadora e agora surge a posição modernista, contudo, a conciliação entre a posição conservadora e a posição moderna é a mais adequada, ou seja, a teoria e o conceito teológico da inspiração plena.
- A Bíblia apresenta a sua própria definição de inspiração. É necessário conhecê-la para compreender seu caráter.
- As evidências internas e externas de inspiração da Bíblia lhe trazem credibilidade e revelam a sua autoridade e poder.

AUTOATIVIDADE



- 1 Qual é a definição bíblica de Inspiração e Revelação das Escrituras?
- 2 Mediante esta definição bíblica, qual é a mais adequada posição teológica sobre inspiração, levando em consideração as teorias e conceitos de inspiração, por quê?
- 3 Quais são as evidências internas e externas de inspiração da Bíblia?
- 4 Qual é a finalidade dos vários símbolos utilizados nas Escrituras?



A INERRÂNCIA E INFALIBILIDADE DAS ESCRITURAS

1 INTRODUÇÃO

Como podemos observar através dos textos já registrados anteriormente, a inspiração divina garante a inerrância, ou seja, a infalibilidade, a credibilidade e a autoridade dos textos bíblicos.

Neste tópico, será abordado o assunto da inerrância e, além de você saber do que se trata, verificará também que, como ocorre em relação à inspiração, há algumas divergências em relação à inerrância. Neste sentido, oferecemos argumentos relativos aos conceitos desviantes.

2 O CONSERVADORISMO E O MODERNISMO

Por dezoito séculos da história da Igreja, foi mantida a opinião conservadora, ou seja, a opinião ortodoxa acerca da inspiração, que declara: a Bíblia é a Palavra de Deus. Este conceito de inspiração plena também se relaciona com o conceito de inerrância plena. Com o surgimento do modernismo ocorreu também um novo posicionamento que é o conceito ou teoria da inspiração parcial que se relaciona com o conceito de inerrância limitada, que declara que a Bíblia contém a Palavra de Deus. Esta divergência tem reforçado a necessidade de afirmação do conceito de inspiração plena, pois deixa bem claro que a Bíblia é a Escritura Sagrada revelada por Deus, cujo registro foi inspirado pelo Espírito Santo para ser a regra de conduta e fé da igreja cristã. A inspiração plena se refere ao fato de a Bíblia reivindicar inspiração divina de todas as suas partes, portanto, completamente verdadeira.

A inspiração parcial ou inerrância limitada fala que os escritores não errariam em questões sobre a salvação dos homens, mas sim em outras matérias: história e ciência.

Em relação a este assunto a Bíblia não pretende fornecer uma quantidade considerável de dados científicos e históricos, apesar de tratar de ciência e história. Todos os fatos históricos registrados na Bíblia são verdadeiros e as genealogias e cronologias, nela inseridas, atestam esta veracidade. Através dos estudos científicos, ao longo do tempo, mais e mais, o que a Bíblia declara ser científico tem sido provado. Note bem que as teorias científicas precisam sempre

ser modificadas de acordo com o avanço e as descobertas da ciência, mas a Bíblia continua intacta e sustentável desde o seu registro inspirado. Cristo, os apóstolos e os pais da igreja afirmaram e atestaram a credibilidade da Escritura.

O pensamento moderno tem colocado a ciência acima de Deus e não a submeteu a Ele e, de certa forma, os homens a tem entronizado e endeusado. Esta atitude, se mantida, faria com que a Palavra do Deus Eterno ficasse num segundo plano e a palavra dos homens, finitos e falíveis, se tornasse a palavra última de juízo da Bíblia através da ciência. A ciência, não está acima de Deus. Ele é a fonte e origem de toda a ciência, da verdadeira ciência, que anda de acordo com a Palavra de Deus.

Ainda sobre a inerrância limitada ao tratar da inspiração parcial, Myer Pearlman diz:

Essa teoria nos submergiria num pântano de incertezas, pois quem pode, sem equívoco, julgar o que é e o que não é essencial à salvação? Onde está a autoridade infalível que decida qual é a Palavra de Deus e qual não o é? E se a história da história da Bíblia é falha, então a doutrina também o é, porque a doutrina bíblica se baseia na história bíblica. Finalmente, as Escrituras mesmas reivindicam pra si a inspiração plenária. Cristo e seus apóstolos aplicaram o termo “Palavra de Deus” a todo o Antigo Testamento. (PEARLMAN, 1977, p. 23).

3 A INSPIRAÇÃO PRESSUPÕE INERRÂNCIA

A inspiração pressupõe inerrância. A Bíblia não só é inspirada como também inerrante, por causa da sua inspiração divina. Quando nos referimos à inspiração e à inerrância, tratamos do assunto da credibilidade da Palavra de Deus e, este assunto, é de extrema importância. Diz Erickson: “na realidade, é a conclusão da doutrina da Escritura, pois se Deus deu uma revelação especial a respeito de si mesmo e inspirou seus servos para que a registrassem, queremos ter a garantia que a Bíblia é de fato uma fonte fidedigna dessa revelação”. (ERICKSON, 1997, p. 79). A inerrância é essencial para a autoridade da Bíblia.

4 A AUTORIDADE DA BÍBLIA

Sobre a autoridade da Bíblia, Archer nos diz: “Tanto Cristo como os apóstolos afirmam, portanto, que aquilo que a Bíblia diz, Deus diz [...] a exatidão é inerente em todas as partes da Bíblia de tal modo que ela deve ser recebida como infalível quanto à verdade, e definitiva quanto à autoridade. Quando a Bíblia fala, como a Palavra de Deus, viva e eficaz (Hb 4.12 – *Zon e Energes*), que penetra até o íntimo do ser humano e julga todas as filosofias e razões humanas com uma autoridade que é absolutamente soberana. É isto, pois, que as Escrituras ensinam acerca da sua própria infalibilidade. Não somente estão livres de qualquer erro; também estão cheias de toda a autoridade porque julgam o homem e todas as suas intenções e pensamentos [...]” (ARCHER apud BOICE, 2000, p. 112, 113).

A doutrina da inspiração, como apresentada na Bíblia, é simples, mas com as controvérsias ocorridas ao longo da história, ao enfrentar tais opiniões erradas e defeituosas, a igreja se viu obrigada a estabelecer credos do cristianismo para proteger a verdadeira doutrina. O credo é uma declaração doutrinária importante e necessária para a vida da igreja e para impedir a introdução de heresias. Contra as teorias desviantes. Acerca da inspiração da Escritura, é necessário afirmar que:

- A inspiração das Escrituras é divina e não apenas humana.
- A inspiração das Escrituras é única e não comum.
- A inspiração das Escrituras é viva e não mecânica.
- Inspiração das Escrituras é completa e não somente parcial.
- A inspiração das Escrituras é verbal e não apenas de conceitos.

5 SOLA SCRIPTURA

Faz-se necessário mencionar o princípio da Reforma de *Sola Scriptura*, que diz: “A única fonte e norma de todo o conhecimento cristão é a Sagrada Escritura”. (BOICE, 1989, p. 123).

Este princípio tem sido crucial para o mundo evangélico, pois trata da inerrância e foi motivo de controvérsias, condenações por parte da igreja romana e posicionamentos confessionais por parte da igreja reformada em muitos países. Este princípio recebeu a posição de causa formal da Reforma por Melanchthon e seus seguidores luteranos.

O Princípio de *Sola Scriptura* foi pronunciado por Martinho Lutero, em abril de 1521, quando assumiu sua posição em Worms, contudo o princípio foi se formando nele desde 1517, quando afixou suas 95 teses.

Sobre o significado de *Sola Scriptura*, Sprul apud Boice nos diz: “[...] já quando Lutero ficou em pé diante da Dieta de Worms, o princípio de *Sola Scriptura* já estava bem estabelecido na sua mente e obra. Somente a Escritura leva consigo a autoridade normativa absoluta. Por quê? Para Lutero, a *sola* de *Sola Scriptura* era inseparavelmente relacionada com a inerrância que só as Escrituras possuíam. Foi porque os papas podiam errar, e erravam mesmo, e os concílios igualmente, que Lutero veio a reconhecer a supremacia da Escritura. Lutero não desprezava a autoridade da Igreja, nem repudiava os concílios eclesiásticos como sendo destituídos de valor, os reformadores não queriam dizer por *Sola Scriptura* que a Bíblia é a única autoridade na Igreja. Pelo contrário, queriam dizer que a Bíblia é a única autoridade infalível dentro da Igreja”. (BOICE, 2000, p. 121-122).

FIGURA 1 – MARTINHO LUTERO E MELANCHTHON



FONTE: Disponível em: <www.gjlt.com>. Acesso em: 27 out. 2008.

FIGURA 2 – LUTERO NA DIETA DE WORMS

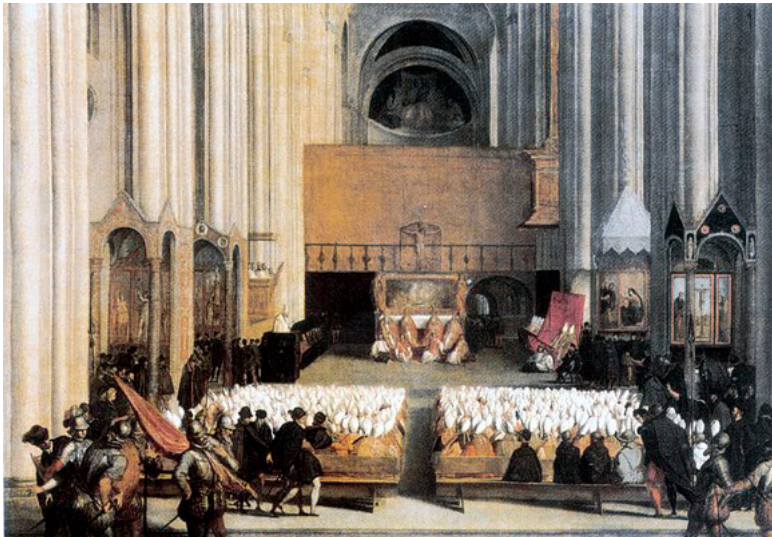


FONTE: Disponível em: <www.luther.de/en/ws.html>. Acesso em: 28 out. 2008.

A inerrância e a infalibilidade da Bíblia são fundamentais para resolver as questões internas que têm causado crise, qual seja, no meio da Igreja. A fé e a prática estão em jogo, tanto devido ao conceito da inspiração limitada como pela posição de que a tradição da Igreja deve ser levada em consideração além da Escritura para estabelecer a doutrina, as regras de fé e de conduta. Esta atitude tem sido praticada pela Igreja Católica Romana desde o Concílio de Trento. O Concílio de Trento foi uma resposta à Reforma. Caracterizou-se pela contrarreforma e na sua quarta sessão foi formulado o seguinte Decreto:

Este Evangelho, desde a antiguidade prometido através dos profetas nas Sagradas Escrituras, nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, promulgou primeiramente com sua própria boca, e depois ordenou que fosse pregado pelos Seus Apóstolos a cada criatura ao mesmo tempo como origem de toda a verdade salvífica e de toda regra de conduta. Também claramente percebe que estas verdades e regras são contidas nos livros escritos e nas tradições não escritas que, recebidas pelos Apóstolos da boca do próprio Cristo, ou dos próprios Apóstolos, com o ditado do Espírito Santo, vieram até nós, transmitidas, por assim dizer, de mão em mão. Seguindo, por tanto, os exemplos dos pais ortodoxos, recebe e venera com um sentimento de piedade e reverência todos os livros do Antigo e do Novo Testamento, sendo que o mesmo Deus é o autor de ambos; e as tradições também sejam relacionadas com a fé ou com a moral como tendo sido ditadas ou oralmente por Cristo ou pelo Espírito Santo, e preservadas na Igreja Católica em sucessão ininterrupta. (BOICE, 2000, p. 126).

FIGURA 3 – O CONCÍLIO DE TRENTO (1545-1563)



FONTE: Disponível em: <http://wikipedia.org/wiki/Concílio_de_Trento - 32k>. Acesso em: 27 out. 2008.

6 OS MANUSCRITOS ORIGINAIS E AS CÓPIAS

Archer nos faz observações importantes sobre a inspiração relativa aos manuscritos originais, como segue: “A inerrância é atribuída apenas aos manuscritos originais dos vários livros da Bíblia; não é asseverada a respeito de qualquer cópia específica daqueles livros que sobreviveram até nosso tempo. Algumas porções antigas do Novo Testamento foram descobertas pela arqueologia (tais como o Papiro Rylands 457, um fragmento de João 18, e o fragmento Magdalen de Mateus 26), datando do século II d.C., dentro de um século após a composição daqueles Evangelhos. A cópia completa mais antiga de um livro do Antigo Testamento continua sendo o Rolo do Mar Morto de Isaías (1QIsa), datado do século II d. C. Há alguns fragmentos do Pentateuco em Qunran,

que são ainda mais antigos, sendo provenientes do século III ou IV a.C. Todos estes tendem a apoiar o texto recebido das Escrituras em grego e hebraico, conforme são conservados nas edições eruditas aceitas como padrão (Nestle e Kittel). Há muito mais apoio textual para o texto da Sagrada Escritura do que há para qualquer outro livro que foi transmitido, a nós, desde tempos antigos, seja em se tratando das obras de Homero, dos autores trágicos áticos, de Platão, de Cícero, ou de César. Mesmo assim estes não são os manuscritos originais, e erros de relevância mínima têm se insinuado no texto até mesmo daquelas cópias mais antigas e melhores dos livros da Bíblia. Há discrepâncias ocasionais na ortografia dos nomes, nas cifras citadas em registros estatísticos e em questões semelhantes. É a tarefa especial da crítica textual analisar estes erros e escolher o melhor entre os textos variantes de acordo com as regras padronizadas (ou “cânones”) desta ciência.

No que diz respeito ao texto do Novo Testamento, o testemunho de Frederick Kenyon é bem conclusivo:

A menção repetida de manuscritos divergentes e famílias de textos talvez dê a impressão de que o texto do Novo Testamento é anormalmente incerto. Semelhante impressão se corrige da melhor maneira mediante uma tentativa de imaginar a história primitiva do texto e a sua condição presente. Longe de o texto do Novo Testamento estar em uma condição anormalmente insatisfatória, é muito melhor atestado do que aquele de qualquer outra obra da literatura antiga. Seus problemas e dificuldades surgem não de uma deficiência de evidência, mas, sim, de uma superabundância dela. No caso de obra alguma da literatura grega ou latina, temos manuscritos tão abundantes quanto ao número ou tão perto da data de composição. A não ser no caso de Virgílio, de cujas obras temos manuscritos escritos cerca de três ou quatro séculos após a morte do poeta, a situação normal no que diz respeito às grandes obras de literatura clássica, é que o nosso conhecimento do texto delas depende de alguns poucos (ou, no máximo, algumas dúzias) manuscritos, dos quais o mais antigo talvez seja do século IX ou X ou XI, mas pela maior parte, do século XV. Nestas condições, geralmente acontece que a crítica científica selecionou um só manuscrito (usualmente, mas não necessariamente, o mais antigo), como sua autoridade principal e baseou sobre ele os nossos textos impressos, com um pouco de ajuda da conjectura. No caso do Novo Testamento, os manuscritos em pergaminho são muito mais antigos e mais numerosos; o espaço de tempo entre os mais antigos deles e a data da composição dos livros é menor; e um número maior de papiros (especialmente desde a descoberta dos papiros Chester Beatty) nos deu meios melhores de preencher aquela lacuna. Estamos muito melhor equipados para observar as etapas primitivas da história textual no período dos manuscritos, no caso do Novo Testamento, do que de qualquer outra obra da literatura antiga. (BOICE, 2000, p. 101, 104).

FIGURA 4 – PAPIRO DA COLEÇÃO CHESTER BEATTY



FONTE: Disponível em: <<http://www.egiptologia.org/.../papiros/chester-beatty3/>>. Acesso em: 28 out. 2008.

Através destes fatos, você pode observar a poderosa influência do Espírito Santo relativa às Escrituras, não só sobre os autores sagrados mas também sobre a orientação na preservação dos textos originais, isentando-os de erros sérios ou enganadores de qualquer natureza.

7 A INFALIBILIDADE DAS ESCRITURAS

Acompanhe, a seguir, o que temos a dizer sobre a infalibilidade das escrituras.

7.1 DEFINIÇÃO DE INFALIBILIDADE

Por infalibilidade da Escritura, queremos dizer que a Bíblia não contém erros. Nos idiomas originais em que foi escrita, ela é completamente infalível – sem nenhum tipo de erro. Esta é a posição de todas as confissões das grandes igrejas evangélicas através dos anos.

Pearlman diz que o Antigo Testamento declara-se escrito sob uma inspiração especial de Deus. A expressão “e Deus disse”, ou equivalente, é usada mais de 2.600 vezes. A história, a lei, os salmos e as profecias são declarados escritos por homens sob inspiração especial de Deus. (Ex.: 24:4; 34:28; Js. 3:9; 2 Rs. 17:13; Is. 34:16; 59:21; Zc. 7:12; Sl. 78:1; Pv. 6:23) Cristo mesmo sancionou o Antigo Testamento, citou-o e viveu em harmonia com os seus ensinamentos. Ele aprovou sua veracidade e autoridade (Mt. 5:18; Jo. 10:35; Lc. 18:31-33; 24:25, 44; Mt. 23:1, 2; 26:54) E o mesmo fizeram os apóstolos. (Lc. 3:4; Rm. 3:2; 2 Tm. 3:16; Hb. 1:1; 2 Pe. 1:21; 3:2; At. 1:16; 3:18; 1 Co. 2:9-16).

Arroga-se o Novo Testamento uma inspiração semelhante? Quanto à inspiração dos Evangelhos, é garantida pela promessa de Cristo de que o Espírito traria à mente dos apóstolos todas as coisas que Ele lhes havia ensinado e que o mesmo Espírito os guiaria em toda verdade. Em todo o Novo Testamento Ele se declara uma revelação mais completa e clara de Deus do que aquela dada no Antigo Testamento, e com absoluta autoridade declara a ab-rogação das leis antigas. Portanto, se o Antigo Testamento é inspirado, a mesma inspiração deve ter o Novo. Parece que Pedro procura colocar as epístolas de Paulo no mesmo nível dos livros do Antigo Testamento, (2 Pe. 3:15,16) e Paulo com os demais apóstolos, afirmam falar com a autoridade divina. (1 Co. 2:13; 14:31; 1 Ts. 2:13; 4:2; 2 Pe. 3:2; 1 Jo. 1:5; Ap. 1:1) (PEARLMAN, 1977, p. 25).

Ateus, agnósticos e teólogos liberais declaram que a Bíblia está repleta de erros, tais pessoas defendem, como já dissemos, o conceito de inspiração limitada que é a mesma expressão para inerrância limitada ou infalibilidade limitada.

A inspiração plena das Sagradas Escrituras é o posicionamento mais adequado para resolver as discordâncias.

7.2 O DEPOIMENTO DA INFALIBILIDADE

Acompanhem algo sobre o depoimento da infalibilidade.

7.2.1 Qual é o fundamento da doutrina da infalibilidade?

O fundamento da doutrina da infalibilidade é da própria Escritura. Ela afirma ser inspirada por Deus em 2 Timóteo 3: 16 e 2 Pedro 1:21. Desta maneira, no início, Deuteronômio 4:2; 12:32, no meio, Provérbios 30:6 e no fim das Escrituras, Apocalipse 22:18,19, Deus adverte contra a alteração da Sua Palavra, acrescentado ou retirando qualquer coisa da mensagem.

7.2.2 A Bíblia é uma revelação original da verdade

Não encontramos na Bíblia nenhuma teoria relativa à origem do homem e nem sobre o seu destino final, pelo contrário, encontramos afirmativas, sem que haja nenhuma preocupação se aquilo que foi registrado vá ser aceito ou acreditado. O homem pergunta: Quem sou? De onde vim? Para onde estou indo? O que dizer sobre imortalidade, céu, inferno, juízo, eternidade? O que o homem sabe? O que pode saber fora da Bíblia? Muitos estão fazendo a sua própria teologia, construindo virtualmente seu próprio deus, mesmo porque não há ninguém despido de conceitos teológicos, mas se o ser humano pode fazê-lo, então ele é maior do que o seu deus e, portanto não precisa dele. A Bíblia é uma revelação de verdades as quais o homem só pode conhecer por aquilo que ela diz.

7.2.3 A Bíblia é imutável

Apesar de todos os ataques e perseguições à Palavra de Deus no que diz respeito a desautorizá-la ou destruí-la, ela continua de pé. Muito da incerteza e incredulidade a respeito da Bíblia partiu dos chamados cientistas. A Bíblia não é um manual científico, mas jamais foi provado que contenha qualquer fato científico falso. O termo ciência significa apenas conhecimento. Por que fazer dela um deus? Por que admitir que ela assuma uma autoridade quase infalível uma vez que suas conclusões mudam tanto à medida que novos fatos surgem? Por que duvidar da Escritura Sagrada que tem resistido aos séculos?

7.2.4 A Bíblia é exata, moral e espiritual

A exatidão moral e espiritual é o aspecto mais importante da Bíblia. Não é no domínio científico que a Bíblia demonstra sua maior exatidão, mas no campo moral e espiritual. Pearlman diz: “As defesas intelectuais da Bíblia têm seu lugar, mas, afinal de contas, o melhor argumento é o prático. A Bíblia tem produzido resultados práticos, tem influenciado a civilização, transformado vidas, trazido luz, inspiração e conforto a milhões e sua obra ainda continua”. (PEARLMAN, 1977, p. 27).

LEITURA COMPLEMENTAR

A DECLARAÇÃO DE CHICAGO SOBRE A INERRÂNCIA DA BÍBLIA

Prefácio

A autoridade das Escrituras é um tema chave para a igreja cristã, tanto desta como de qualquer outra época. Aqueles que professam fé em Jesus Cristo como o Senhor e Salvador são chamados a demonstrar a realidade de seu discipulado cristão mediante obediência humilde e fiel à Palavra escrita de Deus. Afastar-se das Escrituras, tanto em questões de fé quanto de conduta, é deslealdade para com nosso Mestre. Para que haja uma compreensão plena e uma confissão correta da autoridade das Sagradas Escrituras é essencial um reconhecimento da sua total veracidade e confiabilidade.

A Declaração a seguir afirma sob nova forma essa inerrância das Escrituras, esclarecendo nosso entendimento a respeito dela e advertindo contra sua negação. Estamos convencidos de que negá-la é ignorar o testemunho dado por Jesus Cristo e pelo Espírito Santo e rejeitar aquela submissão às reivindicações da própria Palavra de Deus, submissão esta que caracteriza a verdadeira fé cristã. Entendemos que é nosso dever nesta hora fazer esta afirmação diante dos atuais desvios da verdade da inerrância entre nossos irmãos em Cristo e diante do entendimento errôneo que esta doutrina tem tido no mundo em geral.

Esta Declaração consiste de três partes: uma Declaração Resumida, Artigos de Afirmação e Negação. Preparou-se a Declaração durante uma consulta de três dias de duração, realizada em Chicago, nos Estados Unidos. Aqueles que subscreveram a Declaração Resumida e os Artigos desejam expressar suas próprias convicções quanto à inerrância das Escrituras, estimular e desafiar uns aos outros e a todos os cristãos a uma compreensão do entendimento cada vez maior desta doutrina. Reconhecemos as limitações de um documento preparado numa conferência rápida e intensiva e não propomos que esta Declaração receba o valor de um credo. Regozijamo-nos, no entanto, com o aprofundamento de nossas próprias convicções através dos debates que tivemos juntos e oramos para que esta Declaração que assinamos seja usada para a glória de nosso Deus com vistas a uma reforma da Igreja no que tange à sua fé, vida e missão.

Apresentando esta Declaração não num espírito de contenda, mas de humildade e amor, o que, com a graça de Deus, pretendemos manter em qualquer diálogo que, no futuro, surja daquilo que dissemos. Reconhecemos com satisfação que muitos que negam a inerrância das Escrituras não apresentam em suas crenças e comportamento as consequências dessa negação e estamos conscientes de que nós, que confessamos essa doutrina, frequentemente a negamos em nossas vidas, por deixarmos de trazer nossos pensamentos e orações, tradições e costumes em verdadeira sujeição à Palavra divina.

Qualquer pessoa que veja razões, à luz das Escrituras, para fazer emendas às afirmações desta Declaração sobre as próprias Escrituras (sob cuja autoridade infalível estamos, enquanto falamos), é convidada a fazê-lo. Não reivindicamos qualquer infalibilidade pessoal para o testemunho que damos e seremos gratos por qualquer ajuda que nos possibilite fortalecer este testemunho acerca da Palavra de Deus.

A COMISSÃO DE REDAÇÃO

UMA BREVE DECLARAÇÃO

- 1 Deus, sendo Ele Próprio a Verdade e falando somente a verdade, inspirou as Sagradas Escrituras a fim de, desse modo, revelar-Se à humanidade perdida, através de Jesus Cristo, como Criador e Senhor, Redentor e Juiz. As Escrituras Sagradas são o testemunho de Deus sobre Si mesmo.
- 2 As Sagradas Escrituras, sendo a própria Palavra de Deus, escritas por homens preparados e supervisionados por Seu Espírito, possuem autoridade divina infalível em todos os assuntos que abordam: devem ser cridas, como instrução divina, em tudo que afirmam, obedecidas, como mandamento divino, em tudo que determinam; aceitas, como penhor divino, em tudo que prometem.
- 3 O Espírito Santo, seu divino Autor, ao mesmo tempo no-las confirma através de Seu testemunho interior e abre nossas mentes para compreender seu significado.
- 4 Tendo sido na sua totalidade e verbalmente dadas por Deus, as Escrituras não possuem erro ou falha em tudo que ensinam, quer naquilo que afirmam a respeito dos atos de Deus na criação e dos acontecimentos da história mundial, quer na sua própria origem literária sob a direção de Deus, quer no testemunho que dão sobre a graça salvadora de Deus na vida das pessoas.
- 5 A autoridade das Escrituras fica inevitavelmente prejudicada, caso essa inerrância divina absoluta seja de alguma forma limitada, desconsiderada ou caso dependa de um ponto de vista acerca da verdade que seja contrário ao próprio ponto de vista da Bíblia. Tais desvios provocam sérias perdas tanto para o indivíduo quanto para a Igreja.

ARTIGOS DE AFIRMAÇÃO E NEGAÇÃO

Artigo I- Afirmamos que as Sagradas Escrituras devem ser recebidas como a Palavra oficial de Deus.

Negamos que a autoridade das Escrituras provenha da Igreja, da tradição ou de qualquer fonte humana.

Artigo II- Afirmamos que as Sagradas Escrituras são a suprema norma escrita,

pela qual Deus compele a consciência e que a autoridade da Igreja está subordinada à das Escrituras.

Negamos que os credos, concílios ou declarações doutrinárias da Igreja tenham uma autoridade igual ou maior do que a autoridade da Bíblia.

Artigo III- Afirmamos que a Palavra escrita é, em sua totalidade, revelação dada por Deus.

Negamos que a Bíblia seja um mero testemunho a respeito da revelação, ou que somente se torne revelação mediante encontro, ou que dependa das reações dos homens, para ter validade.

Artigo IV- Afirmamos que Deus, que fez a humanidade à Sua imagem, utilizou a linguagem como um meio de revelação.

Negamos que a linguagem humana seja limitada pela nossa condição de sermos criaturas, a tal ponto que se apresente imprópria como veículo de revelação divina. Negamos ainda mais que a corrupção, através do pecado, da cultura e linguagem humanas tenha impedido a obra divina de inspiração.

Artigo V- Afirmamos que a revelação de Deus dentro das Sagradas Escrituras foi progressiva.

Negamos que revelações posteriores, que podem completar revelações mais antigas, tenham alguma vez corrigido ou contradito tais revelações. Negamos ainda mais que qualquer revelação normativa tenha sido dada desde o término dos escritos do Novo Testamento.

Artigo VI- Afirmamos que a totalidade das Escrituras e todas as suas partes, chegando às próprias palavras do original, foram dadas por inspiração divina.

Negamos que se possa corretamente falar de inspiração das Escrituras, alcançando-se o todo, mas não as partes, ou algumas partes, mas não o todo.

Artigo VII- Afirmamos que a inspiração foi a obra em que Deus, por Seu Espírito, através de escritores humanos, nos deu Sua Palavra. A origem das Escrituras é divina. O modo como se deu a inspiração permanece em grande parte um mistério para nós.

Negamos que se possa reduzir a inspiração à capacidade intuitiva do homem, ou a qualquer tipo de níveis superiores de consciência.

Artigo VIII- Afirmamos que Deus, em Sua obra de inspiração, empregou as diferentes personalidades e estilos literários dos escritores que Ele escolheu e preparou.

Negamos que Deus, ao fazer esses escritores usarem as próprias palavras que Ele escolheu, tenha passado por cima de suas personalidades.

Artigo IX- Afirmamos que a inspiração, embora não outorgando onisciência, garantiu uma expressão verdadeira e fidedigna em todas as questões sobre as quais os autores bíblicos foram levados a falar e a escrever.

Negamos que a finitude ou a condição caída desses escritores tenha, direta ou indiretamente, introduzido distorção ou falsidade na Palavra de Deus.

Artigo X- Afirmamos que, estritamente falando, a inspiração diz respeito somente ao texto autográfico das Escrituras, o qual, pela providência de Deus, pode-se determinar com grande exatidão a partir de manuscritos disponíveis. Afirmamos, ainda mais, que as cópias e traduções das Escrituras são a Palavra de Deus na medida em que fielmente representam o original.

Negamos que qualquer aspecto essencial da fé cristã seja afetado pela falta dos autógrafos. Negamos ainda mais que essa falta torne inválida ou irrelevante a afirmação da inerrância da Bíblia.

Artigo XI- Afirmamos que as Escrituras, tendo sido dadas por inspiração divina, são infalíveis, de modo que, longe de nos desorientar, são verdadeiras e confiáveis em todas as questões de que tratam.

Negamos que seja possível a Bíblia ser, ao mesmo tempo, infalível e errônea em suas afirmações. Infalibilidade e inerrância podem ser distinguidas, mas não separadas.

Artigo XII- Afirmamos que, em sua totalidade, as Escrituras são inerrantes, estando isentas de toda falsidade, fraude ou engano.

Negamos que a infalibilidade e a inerrância da Bíblia estejam limitadas a assuntos espirituais, religiosos ou redentores, não alcançando afirmações de natureza histórica e científica. Negamos ainda mais que hipóteses científicas acerca da história da terra possam ser corretamente empregadas para desmentir o ensino das Escrituras a respeito da criação e do dilúvio.

Artigo XIII- Afirmamos a propriedade do uso de inerrância como um termo teológico referente à total veracidade das Escrituras.

Negamos que seja correto avaliar as Escrituras de acordo com padrões de verdade e erro estranhos ao uso ou propósito da Bíblia. Negamos ainda mais que a inerrância seja contestada por fenômenos bíblicos, tais como, uma falta de precisão técnica contemporânea, irregularidades de gramática ou ortografia, descrições da natureza feitas com base em observação, referência a falsidades, uso de hipérbole e números arredondados, disposição tópica do material, diferentes seleções de material em relatos paralelos ou uso de citações livres.

Artigo XIV- Afirmamos a unidade e a coerência interna das Escrituras.

Negamos que alegados erros e discrepâncias que ainda não tenham sido solucionados, invalidem as declarações da Bíblia quanto à verdade.

Artigo XV- Afirmamos que a doutrina da inerrância está alicerçada no ensino da Bíblia acerca da inspiração.

Negamos que o ensino de Jesus acerca das Escrituras possa ser desconsiderado sob o argumento de adaptação ou de qualquer limitação natural decorrente de Sua humanidade.

Artigo XVI- Afirmamos que a doutrina da inerrância tem sido parte integrante da fé da Igreja ao longo de sua história.

Negamos que a inerrância seja uma doutrina inventada pelo protestantismo escolástico ou que seja uma posição defendida como reação contra a alta crítica negativa.

Artigo XVII- Afirmamos que o Espírito Santo dá testemunho acerca das Escrituras, assegurando aos crentes a veracidade da Palavra de Deus escrita.

Negamos que esse testemunho do Espírito Santo opere isoladamente das Escrituras ou em oposição a elas.

Artigo XVIII- Afirmamos que o texto das Escrituras deve ser interpretado mediante exegese histórico-gramatical, levando em conta suas formas e recursos literários e que as Escrituras devem interpretar as Escrituras.

Negamos a legitimidade de qualquer abordagem do texto ou de busca de fontes por trás do texto que conduzam a um revigoramento, desistorização ou minimização de seu ensino, ou a uma rejeição de suas afirmações quanto à autoria.

Artigo XIX- Afirmamos que uma confissão da autoridade, infalibilidade e inerrância plenas das Escrituras são vitais para uma correta compreensão da totalidade da fé cristã. Afirmamos ainda mais que tal confissão deve conduzir a uma conformidade cada vez maior à imagem de Cristo.

Negamos que tal confissão seja necessária para a salvação. Contudo, negamos ainda mais que se possa rejeitar a inerrância sem graves conseqüências, quer para o indivíduo, quer para a Igreja.

FONTE: Declaração de Chicago (2009)

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você aprendeu que:

- Inerrância e infalibilidade das Escrituras e como estes fatos são fundamentais para o povo de Deus.
- Há posições diferentes em relação à inerrância, contudo a inspiração pressupõe inerrância e esta é essencial para a autoridade da Bíblia.
- *Sola Escripura* foi uma declaração da Reforma Protestante, através da qual se afirma que a Igreja pode errar, mas a Escritura não, ela é infalível. Lutero quis afirmar que a Bíblia deve ser a autoridade dentro da Igreja.
- A infalibilidade da Escritura significa que a Bíblia não contém erros. O fundamento da infalibilidade é a própria Escritura e esta é perfeita em relação à revelação da verdade e também devido à sua imutabilidade e exatidão moral e espiritual.

AUTOATIVIDADE



- 1 A que se refere a afirmação: “a inspiração divina garante a inerrância” das Escrituras?
- 2 “A inspiração pressupõe inerrância, e esta é essencial para a autoridade da Bíblia.” Justifique.
- 3 O princípio da Reforma é o princípio de “*Sola Scriptura*”. Então responda:
 - a) Qual é o seu significado em relação à Bíblia?
 - b) Por que este princípio é importante?
 - c) O que os reformadores queriam dizer à hierarquia da Igreja com este princípio?
- 4 Por que a Inerrância e a Infalibilidade da Bíblia são fundamentais e quais são os aspectos do depoimento da Infalibilidade?



A CANONICIDADE – O CÂNON DAS SAGRADAS ESCRITURAS

1 INTRODUÇÃO

Sempre existiram falsos livros e falsas mensagens. Por isto se fez necessária a preservação dos escritos do Antigo Testamento e a revisão criteriosa da coleção de livros do Novo Testamento. Critérios, comuns a todos os livros inspirados, foram verificados e se estabeleceram para atestar a sacralidade dos mesmos, ou seja, livro autorizado – que afirme vir da parte de Deus; livro profético – escrito por um servo de Deus; livro confiável – apresenta a verdade sobre Deus, sobre o homem etc.; livro dinâmico – possui o poder de Deus transformador de vidas; livro aceito e reconhecido pelo povo de Deus, como proveniente de Deus. Estes assuntos estão contemplados neste tópico e o conteúdo aqui apresentado trará a segurança necessária para que você possa confiar que os livros que compõem as Sagradas Escrituras, e que estão em suas mãos, são a Palavra de Deus.

2 AS CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÃO DE CANONICIDADE

A palavra “cânon” vem do grego *Kanon*, que significa uma cana ou vara de medir, especialmente usada para referir-se a algo que ajudava a fazer um traço reto, daí tomou o sentido de “régua”. Também significa um modelo ou regra para julgar ou medir, e indica uma regra, uma norma. Assim sendo, o cânon da Bíblia consiste naqueles livros considerados com mérito para serem incluídos nas Sagradas Escrituras.

A palavra “cânon” pode ser definida como: Os livros das Sagradas Escrituras aceitos pela Igreja Cristã que contêm a regra autoritária da fé e da prática. Canonicidade de qualquer livro na Bíblia é o direito que tem aquele livro a um lugar no Cânon Sagrado, porque o conteúdo do livro tem alcançado o padrão canônico.

Selby e West, em *Introduction to the Bible* (Introdução à Bíblia) nos dizem:

A canonização foi o resultado de séculos de desenvolvimento, mediante o qual só aqueles escritos, que se mostraram úteis para a fé e a adoração, foram elevados a um papel tão decisivo. Isto quer dizer que o cânon não foi determinado tanto por decreto rabínico ou da igreja, como pelo mérito de cada livro separadamente e pela sua recepção pela comunidade de fiéis, em vista da inspiração ou edificação que oferecia. (DONALD apud DUFFIELD; VAN CLEAVE, 1991, p. 7).

Ridderbos também se expressa desta maneira objetiva e excelente:

“Os vários livros possuíam e exerciam autoridade divina muito antes que os homens tivessem feito pronunciamentos neste sentido. Os concílios eclesiásticos não conferiram aos livros a autoridade divina, reconhecendo apenas que a tinham e exerciam”. (RIDDERBOS apud DUFFIEL; VAN CLEAVE, 1991, p. 7).

3 O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

Há opiniões diferentes entre os estudiosos bíblicos acerca de quando se encerrou o cânon do Antigo Testamento e em seus escritos não há menção deste assunto. Temos no Antigo Testamento, registros que indicam o início da escrita das Leis de Deus a fim de que pudessem ser preservadas para o povo de Deus. Note alguns destes registros:

- Êxodo 17: 14: “Escreve isto para memória num livro, e repete-o a Josué”.
- Êxodo 24:3,4: “Veio, pois, Moisés e referiu ao povo todas as palavras do Senhor e todos os estatutos, então todo o povo respondeu a uma voz, e disse: Tudo o que falou o Senhor, faremos. Moisés escreveu todas as palavras do Senhor”.
- Deuteronômio 31: 9-11: “Esta lei, escreveu-a Moisés e a deu aos sacerdotes, filhos de Levi [...] Ordenou-lhes, Moisés, dizendo: Ao fim de cada sete anos, precisamente no ano da remissão, na festa dos tabernáculos, quando todo o Israel vier a comparecer perante o Senhor teu Deus, no lugar que este escolher, lerás esta lei diante de todo o Israel”.

O princípio do cânon do Antigo Testamento está claramente descrito no versículo abaixo:

- “Tendo Moisés acabado de escrever integralmente as palavras desta lei num livro, deu ordem aos levitas dizendo: Tomai este livro da lei, e ponde-o ao lado da arca da aliança do Senhor vosso Deus, para que ali esteja por testemunha contra ti” (Deuteronômio 31: 24-26).

George L. Robinson, em seu artigo na *International Standard Bible Encyclopedia*, depois de considerar cuidadosamente as diversas evidências disponíveis, conclui (segundo a divisão tripla do Antigo Testamento hebraico) que os livros da Lei foram reconhecidos como canônicos nos dias de Esdras (444 a.C.); que os Profetas foram reconhecidos como tal, algum tempo depois (cerca de 200 a.C.) e que os Escritos receberam autoridade por volta de 100 a.C. Robinson não afirma que houvesse três cânones separados, mas que “havia três classes separadas de Escritura, que entre 450 e 100 a.C., se mantinham em bases diferentes e só gradualmente passaram a ter autoridade”. (ROBINSON apud DUFFIEL; VAN CLEAVE, 1991, p. 9).

Nos dias de Cristo o cânon do Antigo Testamento já estava completo e encerrado. Jesus se refere a ele em João 5:39: “Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna”. Em Lucas 24:47 encontramos: “E começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras”.

Duffiel e Van Cleave nos dizem: “[...] Jesus não só deu sua aprovação ao Antigo Testamento inteiro, mas também indicou que esses livros existiam e eram aprovados no período em que esteve na terra”. (DUFFIELD; VAN CLEAVE, 1991, p. 10).

O mais célebre historiador judaico, que viveu na época da Igreja Primitiva, escreve:

“Porque não temos entre nós uma quantidade enorme de livros, que discordam e se contradizem entre si (como acontece com os gregos), mas apenas vinte e dois livros, que contêm os registros de todos os tempos passados, que cremos justamente serem divinos e quão firmemente damos crédito a esses livros de nossa própria nação fica evidente pelo que fazemos, porque durante tantos séculos que já se passaram, ninguém teve ousadia suficiente para acrescentar nada a eles, cancelar qualquer coisa, nem fazer neles qualquer modificação, tendo-se tornado natural a todo judeu desde o seu nascimento estimar esses livros como contendo doutrinas divinas, e perseverar nelas, e, caso necessário, morrer voluntariamente por elas”. (DUFFIELD; VAN CLEAVE, 1991, p. 10).

Quando Josefo se refere a trinta e dois livros está falando a respeito dos livros da Bíblia Hebraica. As Bíblias cristãs contêm trinta e nove livros com o mesmo conteúdo dos livros da Bíblia Hebraica, sem diferença. A diferença está na distribuição dos livros.

Isto ocorre porque os livros da Bíblia Hebraica são assim organizados:

- Os doze livros dos Profetas Menores (Oséias a Malaquias) são um único livro;
- 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias são um único livro.
- Josefo reuniu Rute a Juízes e Lamentações a Jeremias.

FIGURA 5 - FLÁVIO JOSEFO, HISTORIADOR JUDAICO-ROMANO



FONTE: Disponível em: <http://lh6.ggpht.com/.../flavio_thumb%5B2%5D.jpg>. Acesso em: 29 out. 2008.

4 O CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

A facilidade de se traçar a canonização do Novo Testamento e a sua evidência é muito maior. Os livros do Novo Testamento foram escritos na segunda metade do primeiro século da história da Igreja Cristã, ou seja, em I a.D.

A Igreja Primitiva tinha à sua disposição e utilizava o Antigo Testamento, e, além desta parte das Escrituras, naquela época a Igreja contava com as palavras de Jesus, os ensinamentos dos apóstolos, bem como, os relatos das viagens e as cartas. Todos estes documentos e ensinamentos eram de grande importância.

A autoridade dos apóstolos é plenamente confirmada. João declara: “o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros” (I João 1:3); Pedro diz que foram “testemunhas oculares de sua majestade” (2 Pedro 1:16); e sobre os cristãos está escrito: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão” (Atos 2:42). As epístolas de Paulo eram preservadas pelo seu valor espiritual e eram lidas nas igrejas. Paulo deu instruções definidas para que suas cartas fossem lidas e circuladas. “Conjuro-vos, pelo Senhor, que esta epístola seja lida a todos os irmãos” (I Ts. 5:27). João recebeu instruções: “O que vês, escreve em livro e manda às sete igrejas” (Apocalipse 1:11). Tiago dirigiu sua carta “às doze tribos que se encontram na dispersão” (Tiago 1:11). Há outros textos que demonstram a autoridade apostólica, bem como, a autoridade de seus escritos inspirados.

O desenvolvimento do estabelecimento do cânon do Novo Testamento passa ao segundo século onde se faz sentir a influência dos Pais da Igreja. Os pais da Igreja eram estudantes (discípulos dos apóstolos) talentosos, professores e líderes da igreja. Em suas cartas às primeiras igrejas, faziam inúmeras citações dos livros que viriam a ser o cânon do Novo Testamento. Essas cartas dão um testemunho definido do valor do livro que citavam, colocando-o em posição superior às suas próprias palavras.

4.1 A NECESSIDADE DE SELEÇÃO

Três causas levaram a Igreja a colecionar e publicar os livros considerados como divinamente inspirados, quais sejam:

- **O Cânon de Marcion** – Marcion, um herege, foi um líder, que, por volta do ano 140 d.C., decidiu, por sua conta, compilar seu próprio cânon e definiu quais escritos do Novo Testamento deveriam pertencer a este cânon. Marcion era contra qualquer influência judaica no cristianismo. Assim, ele tirou dos escritos tudo o que parecia ter sofrido influência judaica, ou seja, rejeitou as epístolas pastorais, Hebreus, Marcos, João, Atos, as epístolas gerais e Apocalipse. Tal atitude foi completamente impropriedade, pois o judaísmo é o berço do cristianismo e o Novo Testamento está ligado ao Antigo de maneira inseparável. Ocorreram muitas críticas e ocorreu um estudo mais profundo dos livros que foram registrados pelo herege Marcion.

FIGURA 6 – MARCION, O HEREGE (144 d.C.)



FONTE: Disponível em: <<http://www.nga.gov/.../images/168-021-info.jpg>>. Acesso em: 29 out. 2008.

- **Escritos de inspiração duvidosa** – Alguns líderes religiosos começaram a aceitar como canônicos ou semi-canônicos (pseudopigráficos) alguns escritos de inspiração duvidosa. Esses líderes queriam juntar escritos não reconhecidos por todos como inspirados ao cânon. Nesta ocasião houve o surgimento de muitos livros que requeriam um exame e até a tentativa de adulteração dos livros originais com a inclusão de heresias. Estes livros não foram aceitos pelos Pais da Igreja e nem foram citados em nenhum concílio da Igreja.

Algumas doutrinas heréticas que surgiram na época a citar são:

- a) Pelos gnósticos: a negação da encarnação de Cristo.
- b) Pelos célicos: negavam a realidade da humanidade de Cristo.
- c) Pelos monofisistas: Rejeitavam a dualidade da natureza de Cristo.

Sobre estes escritos, escrevem Geisler e Nix:

Quaisquer fragmentos de verdades neles preservados são obscurecidos tanto pela sua fantasia religiosa como por suas tendências heréticas. Os livros não só deixam de ser canônicos, como também é pequeno seu valor com fins religiosos ou devocionais. Seu principal mérito é histórico, revelando as crenças de seus criadores". (GEISLER apud DUFFIEL; VAN CLEAVE, 1991, p. 14).

Sobre o valor histórico destes escritos, Duffiel e Van Cleave nos dizem: "Os livros citados como os apócrifos (não inspirados) do Novo Testamento eram aqueles tidos em alta estima pelo menos por um dos Pais". Embora contenham muita informação útil relativa à história da Primeira Igreja, jamais foram aceitos no cânon do Novo Testamento. Alguns dos mais populares entre eles são: Epístola de Barnabé (70-79), Terceira Epístola aos Coríntios (96), O Pastor de Hermas (115-140), Ensino Didakê dos Doze (100-120), Epístola aos Laodicenses (sec. IV?), Epístola de Policarpo aos Filipenses (108) e as Sete Epístolas de Inácio (110).

i O Edito de Diocleciano (302-305) – Esta foi uma ordem pública, através de anúncio, dada pelo imperador Diocleciano. Todos os livros sagrados deveriam ser atirados ao fogo e queimados. Daí surgiu a grande necessidade de preservarem os escritos realmente inspirados. O Espírito Santo dirigiu a Igreja nesta hora difícil, porém muito importante. Os cristãos precisavam decidir por quais livros valia a pena sofrer e morrer. Isto fez com que a questão do cânon tivesse um significado sério e prático.

FIGURA 7 – BUSTO DO IMPERADOR DIOCLECIANO



FONTE: Disponível em: <<http://www.klickeducacao.com.br/.../Di/8157/2847.jpg>>. Acesso em: 29 out. 2008.

No terceiro concílio de Cartago (397), as igrejas cristãs ocidentais estabeleceram a forma final do cânon do Novo Testamento. Desse modo, no final do século IV, os 27 livros foram aceitos. Desde esta época não houve nenhum movimento cristão para acrescentar ou anular qualquer parte do cânon estabelecido.

4.2 TESTES DE CANONICIDADE – O PADRÃO CANÔNICO

São estes os princípios que foram usados para determinar quais livros poderiam ocupar um lugar no cânon sagrado.

4.2.1 Quanto à autoria – apostolicidade

O livro deveria ser escrito por um apóstolo ou por um homem apostólico, ou seja, um homem próximo aos apóstolos, como por exemplo: Marcos, Lucas, o autor de Hebreus.

4.2.2 Quanto à doutrina – exatidão doutrinária

O conteúdo do livro deveria ser doutrinariamente correto, ou seja, deveria estar de acordo com o restante das Escrituras Sagradas. Qualquer livro contendo heresia, ou contrário aos livros canônicos já aceitos, era rejeitado.

4.2.3 Quanto ao conteúdo – conteúdo espiritual

O conteúdo do livro deveria ter caráter espiritual suficientemente elevado, deveria estar sendo lido nas igrejas e seu conteúdo deveria ser um meio de edificação espiritual.

4.2.4 Quanto ao uso – universalidade

Por universalidade, queremos dizer que o livro deveria ser aceito e reconhecido em todas as igrejas e amplamente citado pelos Pais.

4.2.5 Quanto à inspiração – inspiração do Espírito Santo

A canonicidade é determinada pela inspiração. O Livro deveria dar evidência de inspiração divina, este era o teste final e mais importante. “Este era o teste básico e tudo teria que convergir para este ponto”. (THIESSEN apud DUFFIEL; VAN CLEAVE, 1991, p. 15).

A fração do século I d.C. coberta pelo Novo Testamento foi o período crucial durante o qual, em conformidade com as crenças cristãs, começaram a ter cumprimento as profecias messiânicas, foi realizado o divino plano da redenção dos homens, por intermédio do encarnado Filho de Deus – Jesus Cristo – e a Igreja se formou. Tudo isso estribado sobre o novo pacto, segundo o qual Deus se ofereceu para perdoar os pecados daqueles que crêem em Jesus Cristo, em virtude da sua morte vicária.

O estudo do Novo Testamento é relevante por razões históricas, as quais explicam o fenômeno do cristianismo, por razões culturais que têm permeado a civilização ocidental, por razões teológicas, pois é a narrativa inspirada sobre a missão redimidora de Jesus neste mundo, sendo o padrão de crenças e práticas da Igreja e por razões devocionais, devido ao Espírito Santo fazer uso do Novo Testamento para conduzir pessoas a um vivo e crescente relacionamento com Deus, através de Seu Filho, Jesus Cristo.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você aprendeu que:

- Sempre existiram falsos livros e falsas mensagens. Por isto se fez necessária a preservação dos escritos do Antigo Testamento e a revisão criteriosa da coleção de livros do Novo Testamento para se estabelecer o cânon (coleção de livros sagrados) das Escrituras.
- A palavra “cânon” vem do grego *Kanon*, que significa uma “cana” ou “vara de medir”, assim sendo, o cânon da Bíblia consiste naqueles livros considerados com mérito para serem incluídos nas Sagradas Escrituras e que são aceitos pela Igreja Cristã para servirem como regra autoritária da fé e da prática.
- O cânon do Antigo Testamento foi sendo preservado ao longo do tempo pelo povo de Deus, e que já estava estabelecido na época de Cristo, e que o próprio Senhor Jesus o atestou.
- O cânon do Novo Testamento foi produzido na segunda metade do século I d. C. e foi posteriormente definido pela Igreja Cristã devido à necessidade de seleção.
- Há um padrão canônico e os livros foram submetidos a este padrão mediante testes de canonicidade. Desta feita, podemos dizer que a Bíblia, que está em nossas mãos, é a Palavra de Deus.

AUTOATIVIDADE



- 1 O que significa a palavra grega *Kanon* e como ela se aplica à Bíblia?
- 2 A posição de Cristo em relação ao Cânon do Antigo Testamento é expressa por Duffield e Van Cleave, cite-a.
- 3 Quais foram as necessidades (razões) de seleção para estabelecer o Cânon do Novo Testamento?
- 4 Quais foram os princípios, os testes de Canonicidade que foram usados para determinar quais livros poderiam ocupar um lugar no Cânon Sagrado do Novo Testamento?



OS LIVROS APÓCRIFOS

1 INTRODUÇÃO

A palavra **apócrifos** significa escritos não inspirados por Deus, ou de inspiração duvidosa e se refere aos livros e textos apócrifos que foram inseridos pela Igreja Católica Romana ao Cânon Sagrado do Antigo Testamento.

Você aprenderá, nesta Unidade, sobre o que os apócrifos significam, quais são, como foram incluídos no Cânon e quais as razões pelas quais não são aceitos.

2 OS LIVROS APÓCRIFOS

A diferença entre o cânon protestante e o católico é que o cânon protestante, incluindo o Antigo e o Novo Testamento, compõe-se de sessenta e seis livros e o cânon católico, além destes, é acrescido de mais sete livros completos e são feitos acréscimos aos livros de Ester e Daniel.

Os livros apócrifos têm sido usados pelos ramos do cristianismo: católico romano, anglicano e ortodoxo oriental tradicional, contudo, nenhuma igreja ortodoxa grega e anglicana, até este momento, reconheceu e aceitou os apócrifos como inspirados ou canônicos no sentido literal destas palavras.

3 O SIGNIFICADO DA PALAVRA APÓCRIFO

Apócrifo é um termo usado com três sentidos:

- a) Oculto, escondido: Livros sobre assuntos secretos ou misteriosos.
- b) Livros de origem ignorada ou falsa.
- c) Documentos não canônicos.

4 TERMINOLOGIA TÉCNICA DOS LIVROS APÓCRIFOS

Devido às questões sobre determinados livros levantadas por estudiosos posteriores à aceitação inicial da Escritura Hebraica, os quais nem sempre estavam totalmente conscientes em relação à aceitação original, surgiram termos técnicos para defini-los, quais sejam:

- **Homologoumena** (falar como um) – São os livros bíblicos aceitos por todos.
- **Antilegomena** (falar contra) – São os livros bíblicos que em certa ocasião foram questionados por alguns. São eles: Cânticos dos Cânticos, Eclesiastes, Ester, Ezequiel e Provérbios, porém, nenhum destes livros foi alvo de discussão muito séria, no fim prevaleceu à autoridade divina de todos os cinco livros.
- **Pseudepigráficos** (falsos escritos) – São os livros não bíblicos, não aceitos conhecidos como pseudepigráficos. São eles: 1 e 2 Esdras, Oração de Manassés, O Livro dos Jubileus, Os Oráculos Sibílicos, Enoque, Ascensão de Moisés, Apocalipse de Baruque, O Testemunho dos Doze Patriarcas.

Nix e Geisler nos apresentam uma lista modelar de **pseudepigráficos**.

A lista principal é a seguinte:

QUADRO 1 – LISTA MODELAR DE PSEUDEPIGRÁFICOS POR GEISLER E NIX

Lendários	O livro do Jubileu Epístolas de Aristéias O livro de Adão e Eva O martírio de Isaías
Apocalípticos	1 Enoque Testamento dos doze patricarcas O oráculo sibilino Assunção de Moisés 2 Enoque, ou o livro dos segredos de Enoque 2 Baruque, ou O apocalipse siríaco de Baruque* 3 Baruque ou O apocalipse grego de Baruque
Didáticos	3 Macabeus 4 Macabeus Pirque Abote A história de Alcar
Poéticos	Salmos de Salomão Salmo 151
Históricos	Fragmentos de uma obra de Sadoque
*1 Baruque está relacionado entre os apócrifos.	

FONTE: (GEISLER; NIX, 1997, p. 87).

- **Deutero-Canônicos** – São livros não bíblicos aceitos por alguns, mas rejeitados por outros, dentre os quais os livros questionáveis. São os livros apócrifos (escondidos ou duvidosos) rejeitados pelos evangélicos e judeus e aceitos pelos católicos romanos.

5 QUAIS SÃO E ONDE ESTÃO OS LIVROS APÓCRIFOS

A palavra grega *apocrypha* (apócrifo) revela o problema contido nas duas concepções de sua canonicidade, ou seja, no grego antigo (clássico) esta palavra significava “oculto” ou “difícil de entender”. Mais tarde tomou o sentido de esotérico, ou algo que só os iniciados podem entender, mas não os de fora. Na época dos Pais da Igreja, Irineu e Jerônimo (séculos III e IV), o termo *apocrypha* foi designado aos livros não-canônicos do Antigo Testamento. Desde a era da Reforma, o termo apócrifo tem sido dado aos escritos judaicos não canônicos originários do período intertestamentário (interbíblico).

Os livros apócrifos são os seguintes:

QUADRO 2 – TABELA DOS LIVROS APÓCRIFOS

Gênero do livro	Versão revista padrão	Versão de Douai
Didático	1. Sabedoria de Salomão (30 a. C.) 2. Eclesiástico (Siraque) (132 a.C.)	O Livro da sabedoria Eclesiástico
Religioso	3. Tobias (200 a.C.)	Tobias
Romance	4. Judite (150 a.C.)	Judite
Histórico	5. 1 Esdras (150-100 a.C.) 6. 1 Macabeus (110 a.C.) 7. 2 Macabeus (110-70 a.C.)	3 Esdras* 1 Macabeus 2 Macabeus
Profético	8. Baruque (150-50 a.C.) 9. Epístola de Jeremias (300-100 a.C.) 10. 2 Esdras (100 d.C.)	Baruque 1-5 Baruque 6 4 Esdras**
Lendário	11. Adições a Ester (140-100 a.C.) 12. Oração de Azarias (séculos I ou II a.C.) (Cânticos dos três jovens) 13. Susana (século I ou II a.C.) 14. Bel e o Dragão (100 a.C.) Oração de Manassés (século I ou II a.C.)	Ester 10:4 – 16:24 Daniel e:24-90** Daniel 13** Daniel 14** Oração de Manassés*
* Livros não aceitos como canônicos no Concílio de Trento, em 1546. ** Livros não relacionados no sumário de Douai por estarem apensos a outros livros.		

FONTE: (GEISLER; NIX, 1997, p. 92)

De uma maneira resumida podemos citar a lista dos livros apócrifos:

- Tobias.
- Judite.
- Sabedoria de Salomão.
- Eclesiástico.
- I Macabeus.
- II Macabeus.

Os textos apócrifos acrescentados aos livros do cânon sagrado são os seguintes:

a) Acréscimo ao livro de Ester:

- O repouso de Ester foi um acréscimo ao livro de Ester.

b) Acréscimo ao livro de Daniel:

- A história de Suzana.
- O cântico dos três hebreus.
- A história de Bel e o dragão.

6 RAZÕES PELAS QUAIS OS APÓCRIFOS NÃO SÃO ACEITOS PELOS EVANGÉLICOS

Os reformadores são em grande parte responsáveis por eliminar os apócrifos da Bíblia, pois nestes livros há elementos inconsistentes com a doutrina protestante, como por exemplo: doutrinas de oração pelos mortos e intercessão dos santos.

As razões pelas quais os evangélicos não aceitam os apócrifos são:

- Os livros apócrifos foram escritos no intervalo entre o livro de Malaquias e o Evangelho de Mateus, ou seja, durante os 400 anos de silêncio, período no qual Deus não levantou profetas, mas preparou o mundo para o advento do Messias. Os 400 anos de silêncio são também chamados de período interbíblico, ou seja, intervalo bíblico.
- A Inspiração destes livros foi negada pelos judeus e protestantes e eles nunca foram incluídos em qualquer coleção das Escrituras (Bíblia Hebraica).
- Nem Cristo e nem seus apóstolos citaram os livros apócrifos. O Novo Testamento cita partes de quase todo o Antigo Testamento, mas não faz nenhuma citação sobre os apócrifos.
- Flávio Josefo (37 – 100 d.C.), o célebre historiador judaico-romano, declarou que os apócrifos não foram incluídos nas Escrituras Sagradas dos judeus.
- A Igreja Católica Apostólica Romana esperou mais de mil anos (1546) para incluir os apócrifos à Sagrada Escritura. Foi no Concílio Tridentino (pós Reforma) que a Igreja Ocidental passou a creditar-lhes autoridade como reação à Reforma, ou seja, uma atitude contrarreforma, contudo, Jerônimo os incluiu na Vulgata Latina, uma versão para o latim da Septuaginta (LXX). A Septuaginta (LXX) é uma tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, feita entre 280 a 180 a.C.

Conforme Philip Schaff, a proclamação do Concílio de Trento declarando os livros apócrifos como canônicos é a seguinte:

O sínodo [...] recebe e venera [...] todos os livros do Antigo Testamento como do Novo [incluindo-se os apócrifos] – entendendo que um único Deus é o Autor de ambos os testamentos [...] como se houvessem sido ditados pela boca do próprio Cristo, ou pelo Espírito Santo [...] se alguém não receber tais livros como sagrados e canônicos, em todas as suas partes, da forma em que têm sido usados e lidos na Igreja Católica [...] seja anátema. (SCHAFF apud GEISLER; NIX, 1997, p. 93).

A ação deste concílio foi polêmica e prejudicial. Essa decisão de Trento não foi de anuência universal e sem disputas dentro da Igreja Católica e na Reforma. Nesta época o cardeal Cajetan que se opusera a Lutero em Habsburgo (1518), publicou o Comentário sobre todos os livros históricos fidedignos do Antigo Testamento (1532) omitindo os apócrifos. O cardeal Ximenes fez distinção entre os apócrifos e o cânon do Antigo Testamento na sua obra Poliglota Complutense (1514-1517). Desta feita, os protestantes em geral rejeitaram a decisão do Concílio de Trento, que não tivera base sólida.

- Até os próprios autores dos apócrifos algumas vezes declararam que não foram inspirados por Deus ao escrever. Os apócrifos não reivindicam ser proféticos.
- A arte cristã primitiva em suas representações artísticas não oferece base para apurar a canonicidade dos apócrifos.
- Os primeiros pais da Igreja, Mileto, Orígenes, Cirilo de Jerusalém e Atanásio, depuseram contra os apócrifos.
- Jerônimo que fora também um grande estudioso hebreu, argumentou contra Agostinho que às vezes faz supor que os apócrifos são deuterocanônicos. Jerônimo argumentou fortemente contra Agostinho, ao rejeitar esta canonicidade chegando a se recusar de fazer a tradução dos apócrifos para o latim, ou mesmo incluí-los na versão Vulgata Latina. Só depois da morte de Jerônimo é que os livros foram incorporados à Vulgata, transgredindo o seu próprio autor.
- Os apócrifos não trazem acréscimos ao conhecimento das verdades messiânicas e, o povo de Deus, a quem os apócrifos teriam sido originalmente apresentados, recusou-os terminantemente.

7 O CONTEÚDO DOS APÓCRIFOS

- Tobias: O livro é um conto moral e não uma história real.
- Judite: Um livro com pretensões históricas, porém está cheio de erros históricos e absurdos geográficos.
- Sabedoria de Salomão: É um tratado de ética que recomenda a sabedoria e a retidão, condena a iniquidade e a idolatria.
- Eclesiástico: Um livro relativamente grande, 51 capítulos, em que o assunto principal é também a sabedoria. Foi escrito por um homem chamado Jesus, filho de Siraque.

- Baruque: Escrito por Baruque, tem três divisões:
 - a) Confissão dos pecados de Israel e oração pedindo perdão a Deus.
 - b) Exortação para Israel voltar à fonte da sabedoria.
 - c) Animação e promessa de livramento.

I- Macabeus: Relata acontecimentos político-militares e atos de heroísmo da família dos Macabeus.

II-Macabeus: É um resumo da grande obra de Jason de Cirene. O assunto é tratado com bastante fantasia, o que prejudica o seu crédito. O assunto do livro é a história do povo judeu desde 175 a 161 a.C.

Ao lermos os livros apócrifos, não sentimos o mesmo impacto que sentimos ao ler os livros do cânon sagrado, pelo contrário, o coração dos leitores fica frio e não se nota a utilidade espiritual como quando se leem os escritos inspirados da Bíblia.

Esses livros não são encontrados em nenhum manuscrito hebraico. Concluimos, portanto, que não foram inspirados por Deus.

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico, você aprendeu que:

- Há livros apócrifos, ou seja, não inspirados por Deus.
- Há significado para a palavra apócrifo e há terminologias específicas em relação aos textos sagrados, as quais surgiram dos estudos relativos aos textos inspirados e os não inspirados.
- Quais são, onde estão e qual é o conteúdo dos livros apócrifos.
- Foi só depois de 1546, no Concílio de Trento, que a Igreja Católica incorporou ao cânon do Antigo Testamento os livros apócrifos como uma reação à contrarreforma.
- A Igreja Evangélica tem razões pelas quais não são aceitos os apócrifos.

AUTOATIVIDADE



- 1 O que significa a palavra “apócrifos” e a que se refere?
- 2 Qual é a terminologia técnica dos Livros Apócrifos e o significado sintético de cada uma delas?
- 3 Os reformadores são em grande parte responsáveis por eliminar os apócrifos da Bíblia. Por quê?
- 4 Por que a ação do Concílio de Trento foi polêmica e prejudicial?

INTRODUÇÃO À SAGRADA ESCRITURA

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- identificar o caráter da natureza da Bíblia, da ação do Espírito Santo através da instrumentalidade dos homens para produzir todo o registro e transmissão do texto sagrado;
- conhecer quais foram os materiais e línguas utilizados para a produção dos manuscritos da Bíblia, suas versões e traduções até os dias atuais;
- avaliar o período em que os livros bíblicos foram escritos e a respeito da realização da crítica textual, que constata e atesta o caráter sagrado dos mesmos, garantindo que o texto, que está em nossas mãos, é divino;
- compreender como se deu a tradução para o português e como a Bíblia chegou ao Brasil.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em quatro tópicos. No final de cada um deles, você encontrará atividades que o ajudarão a refletir e a fixar os conhecimentos abordados.

TÓPICO 1 – O CARÁTER E A ESTRUTURA DA BÍBLIA

TÓPICO 2 – AS LÍNGUAS, MATERIAIS E MANUSCRITOS DA BÍBLIA

TÓPICO 3 – VERSÕES E TRADUÇÕES DA BÍBLIA:
COMO AS ESCRITURAS CHEGARAM ATÉ NÓS

TÓPICO 4 – TRADUÇÕES E VERSÕES SECUNDÁRIAS



O CARÁTER E A ESTRUTURA DA BÍBLIA

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico, você estudará a Bíblia quanto ao seu caráter, natureza, história e estrutura.



Bíblia vem do grego *biblos* que significa biblioteca. O termo é apropriado porque a Bíblia é formada de vários livros e, a expressão Bíblia, foi introduzida modernamente pela língua francesa.

2 O CARÁTER E A NATUREZA DA BÍBLIA

Desconsiderando qualquer teoria sobre a inspiração da Bíblia ou qualquer ideia sobre como foi que seus livros chegaram à sua forma atual e, se simplesmente admitirmos que a Bíblia seja exatamente aquilo que apresenta ser, se estudarmos seus livros para conhecer seu conteúdo, acharemos nela uma UNIDADE DE PENSAMENTO a indicar que UMA MENTE ÚNICA inspirou a escrita e a compilação de toda a série de seus livros. Veremos que ela traz em si o sinete do seu autor e, que é em sentido único e distintivo, a palavra de Deus.

Há uma opinião moderna, sustentada em larga escala, em certos círculos intelectuais, que a Bíblia é uma espécie de história secular do esforço do homem de querer encontrar a Deus, um mero registro de inspiração humana, ou das experiências no esforço de alcançá-lo, melhorando gradativamente suas ideias a respeito da divindade, embasada nas experiências das gerações presentes. A Bíblia, por essa forma, seria nivelada a outros livros e, dessa maneira, apresentam-na não como livro divino, mas como obra humana, fingindo ser a obra de Deus. A Bíblia não é o relato do homem sobre seus esforços para encontrar a Deus, mas é a narração do esforço de Deus por Se revelar ao homem. A Palavra de Deus foi transmitida ao homem pelo próprio Criador, para lhe servir de instrução e direção nos caminhos da vida.

O caráter da Bíblia é espiritual e a natureza de sua origem é divina. A Bíblia pode ser admitida como um livro milagre, devido às suas peculiaridades. Seu berço foi o Oriente, mas moldou o Ocidente. É o livro mais antigo do mundo, o primeiro a ser impresso e é o *best-seller* do momento. Foi perseguida, tiranos tentaram destruí-la, queimá-la e desde sempre os crentes a reverenciam. É o livro mais traduzido, mais citado, mais publicado e o que mais tem influenciado a história humana.

Deus, durante um longo período de tempo, usou cerca de quarenta homens com costumes, profissões e línguas diferentes para produzir vários livros, revelando que a redação é de Deus e que tudo ocorreu sob a supervisão de Deus.

Observe as ocupações de alguns escritores:

- Dois dos escritores eram reis – Davi e Salomão.
- Dois eram sacerdotes – Jeremias e Ezequiel.
- Um era médico e, possivelmente, não judeu – Lucas.
- Dois eram pescadores – Pedro e João.
- Dois eram pastores – Moisés e Amós.
- Um era fariseu e teólogo – Paulo.
- Um era político – Daniel.
- Um era cobrador de impostos – Mateus.
- Um era soldado – Josué.
- Um era escriba – Esdras.
- Um era mordomo – Neemias.

Os antecedentes e ocupações dos outros são, em sua maioria, desconhecidos. (DUFFIELD; VAN CLEAVE, v. I, 2000, p. 6).

Os escritores, em sua maioria, não foram contemporâneos, não tiveram contato entre si e não influenciaram uns aos outros para escrever. Por estas e outras razões, você conhecerá ao longo do curso, que a Bíblia é a Palavra de Deus em suas características e natureza incomuns, no qual nenhum outro livro no mundo pode trazer em si a evidência de ser um livro de origem sobre-humana.

Pode acontecer que algumas expressões sejam formas antigas de exprimir pensamentos para transmitir idéias que hoje expressaríamos de outro modo, porque foram versadas em linguagem de tempos remotos. Ainda assim, a Bíblia encerra em si precisamente o que Deus quer que a humanidade saiba, na forma exata pela qual Ele quer que nós O conheçamos. E, até o fim dos tempos, o precioso velho livro será a única resposta às indagações da humanidade na busca de Deus e de suas questões existenciais.

A Bíblia é eterna e verdadeira, é um livro de vida, de poder e de potencial que tem sobrevivido a séculos de cuidadosa investigação de impiedosos críticos de cada setor da sociedade. Até hoje, os agnósticos a questionam, os ateus a rejeitam e os humanistas a ignoram, mas este livro sobrenatural continua a transformar vidas.

Voltaire (2009), o agnóstico francês que morreu em 1778 disse que em 100 anos o cristianismo seria uma religião esquecida, “uma religião varrida da existência e transformada em história”. Cinquenta anos após a morte de Voltaire, a Sociedade Bíblica de Genebra estava usando a impressora dele para imprimir bíblias e sua casa foi alugada para estocar Bíblias prontas para despacho. Este livro não pode ser destruído porque aquilo que é sobrenaturalmente vivo não morre. E nenhuma tentativa, não importa quão bem feita seja, irá destruir a palavra de Deus.

3 A ESTRUTURA DA BÍBLIA E ORIGEM DO TERMO

Há menção que por volta do segundo século d.C., os cristãos usavam a palavra “Bíblia” para designar seus escritos sagrados. O termo Bíblia, historicamente, foi usado pela primeira vez por Crisóstomo, no século IV d.C. Bíblia vem do vocábulo grego “biblos”, que significa livro ou livros. Sugere uma coleção de livros, uma biblioteca. A palavra Bíblia foi introduzida às línguas modernas através do francês e do latim “biblia”, tendo como base “biblos” em grego. Também de “biblion” (Lc. 4:17), uma forma diminutiva de “biblos”, significando pequeno livro.



A Bíblia é uma verdadeira biblioteca composta de 66 livros em um só volume. É, pois, um livro que narra uma única história para transmitir uma única mensagem através de uma diversidade de escritores.

A Bíblia, em sua constituição, demonstra a capacidade natural de Deus em tornar simples e acessível o que aparentemente seria tão complexo.

Quanto à estrutura, a Bíblia, na configuração e composição que a conhecemos hoje, foi organizada de acordo com a categoria de seus livros. Os escritores bíblicos escreveram através de uma “unidade de Espírito”, ou seja, através da unidade que o Espírito de Deus promoveu entre eles. A UNIDADE DE ESPÍRITO existente em toda a Bíblia, só pode ser explicada pelo versículo: 2 Pedro 1:21b, que nos diz, “os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo”.

Apesar da diversidade da história e da mentalidade dos escritores, o ensino é único, o que configura A UNIDADE DE ENSINO. Deus usou a personalidade dos escritores e seus escritos, ainda que, divinamente inspirados, demonstram o estilo e a personalidade próprios de cada um. Este fato é inspirador e motivador para cada um de nós.

Os homens que falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo para produzir a Escritura, escreveram durante um período de 1.600 anos. O primeiro livro foi escrito aproximadamente em 1.500 a.C. e o último cerca de 100 d.C. sob um mesmo tema central: A REDENÇÃO DO HOMEM. Esta é a UNIDADE DE TEMA da Bíblia. Nas Escrituras um livro completa outro e todos contribuem para a revelação perfeita de Deus.

De Gênesis a Apocalipse tudo é perfeito, sem contradições e o assunto tratado é a HISTÓRIA DO PLANO DE DEUS PARA A REDENÇÃO DO HOMEM ATRAVÉS DE JESUS CRISTO, portanto, O PERSONAGEM CENTRAL da Bíblia é JESUS CRISTO.

Em Gênesis (o primeiro livro) Deus revelou a origem do homem, em Apocalipse, o último livro, o seu destino final. As profecias bíblicas se entremeiam entre estes dois acontecimentos e têm se cumprido ao longo da história através dos tempos. O tempo deve ser considerado como um intervalo dentro da eternidade e, nele, se encaixa toda a história bíblica e humana. O fato histórico que separa o tempo entre antes e depois, entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, é o nascimento de Jesus Cristo. O nascimento de Jesus Cristo ocorreu, segundo a Bíblia, “na plenitude dos tempos” (Gl. 4:4). Este termo, no original grego significa o clímax das eras. Atualmente estamos, segundo a Bíblia, no final dos tempos. Entre os testamentos houve um período de 400 anos, “os 400 anos de Silêncio”, o “período interbíblico” (intervalo, pausa), onde não houve registro da palavra de Deus, Deus não falou, mas agiu, preparando o mundo para o nascimento de Jesus Cristo.

Dentre as características aqui apresentadas, as duas razões principais pelas quais afirmamos que a Bíblia é divinamente inspirada, dentre muitas, são a UNIDADE DE TEMA e as PROFECIAS CUMPRIDAS.

4 O ESPÍRITO SANTO

O autor da Bíblia é o Espírito Santo de Deus, conforme está escrito em 2 Pedro 1:20-21: “Acima de tudo, lembrai-vos de que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Pois a profecia nunca foi produzida por vontade dos homens, mas os homens santos da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo”.

A finalidade da Bíblia está descrita em 2 Tm. 3:16-17 que diz: “Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente preparado para toda boa obra”.

A identidade e o efeito da Bíblia na vida do homem estão apresentados em Hb. 4:12 que diz: “Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração.”

Duffield e Van Cleave, doutores em teologia, afirmam:

A inspiração justifica a infalibilidade e, esta, prova a inspiração. Este milagre de inspiração infalível aparece como sendo ministério do Espírito Santo, o qual poderia ser perfeitamente o maior de todos os ministérios em que o Espírito está envolvido. Todos os crentes cheios do Espírito conheceram, até certo ponto, o milagre da inspiração divina pelo Espírito Santo, mas jamais até o extremo experimentado pelos escritores bíblicos. O movimento pentecostal tem sido acusado de ser um movimento centrado na experiência, como de fato é e, também, um movimento centrado na Bíblia. É maravilhoso ver como o Espírito Santo e a Palavra escrita estão sempre de perfeito acordo. Deve ser assim, porque a Palavra é o resultado da inspiração do Espírito. (DUFFIELD; VAN CLEAVE, v. I, 2000, p. 33).

Caro acadêmico, o Espírito Santo e a Palavra são inseparáveis. A Palavra é como um oceano de promessas e bênçãos e, como, desde um pequeno barco até um imenso transatlântico navegam sobre as mesmas águas, assim estamos, navegando sobre a Palavra, pela fé, sob a ação do Espírito, que como vento sopra sobre ela, cumprindo o que ela diz e trazendo à existência do que nela está escrito. Deus não é covarde, ele mesmo diz: “fazei prova de mim [...]” Malaquias 3:10a.

Schaeffer comenta que ao fazer a resenha do livro de Carl Henry, *Evangelicals In Search of Identity*, Richard Quebedeaux, autor de *The Young Evangelicals*, disse: “Antigamente, era fácil identificar os evangélicos [...] Acreditavam que a Bíblia era inerrante por causa de ser a Palavra de Deus inspirada, e Deus não pode mentir ou contradizer a Si mesmo [...]” (BOICE, 1999, p. 15).

Boice também menciona e comenta um argumento muito comum usado por muitas pessoas incrédulas a respeito da Bíblia, ou seja, “o fato de a Bíblia se apresentar como sendo a palavra de Deus escrita pelos homens tem dado ocasião à conclusão de que ela é errante (errônea). Obviamente isto também não se segue”. (BOICE, p. 28). Logicamente Deus não seria incapaz de preservar e conservar as Escrituras e os homens que as registraram livres de erro.

Esta declaração popular e os outros argumentos específicos de interpretação, de fé e de teologia da pós-modernidade sobre a doutrina das Escrituras, apresentam a necessidade de análise, de avaliação e do posicionamento pessoal que cada estudante deve tomar ao final de nossos estudos, nesta disciplina.

5 AS DUAS GRANDES DIVISÕES DA BÍBLIA E SUAS SEÇÕES

A Bíblia é composta de 66 livros. As duas grandes divisões da Bíblia são o Antigo Testamento, com 39 livros e o Novo Testamento, com 27. Estas duas grandes divisões nos mostram a UNIDADE DE ESTRUTURA da Bíblia. Unidade de estrutura significa que não podemos entender o Antigo Testamento sem o Novo Testamento e vice-versa. Não podemos retirar um livro, porque destruiríamos a estrutura da Escritura. Todos os livros são indispensáveis. O Novo Testamento (NT) faz 181 citações ao Velho Testamento (VT) e faz muitas alusões às personagens e eventos do VT. Não podemos entender porque existe a nação judaica sem o Velho Testamento, pois o VT apresenta e é o berço do judaísmo. O VT traz a própria história de Israel e o seu destino. Nem podemos entender porque existe a Igreja sem o Novo Testamento. A igreja tem sua fundação histórica apresentada no NT e a sua natureza, missão e o seu destino estão no NT. O Velho Testamento foi escrito e preservado, pelos judeus, por mais de um milênio antes dos tempos de Jesus. O Novo Testamento foi produzido pelos discípulos de Cristo, no decorrer dos primórdios da Igreja Primitiva, no primeiro século d.C.

A palavra Testamento “*testamentum*” foi originalmente traduzida como “aliança” ou “pacto” que Deus fez com o seu povo. Um testamento só tem validade após a morte do testador. Na Bíblia o testador é Jesus Cristo, desta feita, cabe-nos entender como os crentes de todos os tempos podem desfrutar da “bendita herança”. Os crentes do Antigo Testamento esperavam pelo Messias e olhavam para Cristo em perspectiva e os do Novo Testamento creem e olham para Cristo em retrospectiva.

5.1 AS SEÇÕES OU CATEGORIAS DAS GRANDES DIVISÕES DA BÍBLIA

A Bíblia está organizada em categorias, ou tópicos. A seguir, observamos as duas divisões da Bíblia contendo os nomes dos livros, acompanhados da abreviatura e da sua data histórica. Esta forma de organizar os livros da Bíblia tem origem na tradução das Escrituras para o grego, conhecida como *A Septuaginta* (LXX), no século III a.C. Mais adiante trataremos da LXX. No seguinte quadro, é possível visualizar as Duas Grandes Divisões da Bíblia com oito seções, quatro para o VT e quatro para o NT:

QUADRO 3 - DUAS GRANDES DIVISÕES DA BÍBLIA

DO ANTIGO TESTAMENTO	DO NOVO TESTAMENTO
<p>• PENTATEUCO (A Lei, “A Torá”)</p> <p>Consiste de 5 livros:</p> <p>Datas.....Do Princípio até 1406 a.C.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Gênesis (Gn) 2. Êxodo (Êx) 3. Levítico (Lv) 4. Números (Nm) 5. Deuteronômio (Dt) 	<p>• EVANGELHOS (Biográficos)</p> <p>Consiste de 4 livros, em 2 seções:</p> <p>a) Os 3 Evangelhos Sinóticos Apresentam a HUMANIDADE de Cristo em sincronia, sob perspectivas diferentes e complementares:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Mateus (Mt) 31-33 d.C. 2. Marcos (Mc) 31-33 d.C. 3. Lucas (Lc) 27-33 d.C. <p>b) O Quarto Evangelho que apresenta a “DEIDADE”, a divindade de Cristo:</p> <ol style="list-style-type: none"> 4. João (Jo)..... 31-33 d.C.
<p>• HISTÓRICOS (História)</p> <p>Consiste de 12 livros:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Josué (Js)..... 1406-2380 a.C. 2. Juízes (Jz)..... 1380-1050 a.C. 3. Rute (Rt) 1200-1150 a.C. 4.1 Samuel (1Sm) 1100-1010 a.C. 5.2 Samuel (2Sm) 1070-971 a.C. 6.1 Reis (1Rs) 971-853 a.C. 7.2 Reis (2Rs) 853-560 a.C. 8.1 Crônicas (1Cr) 1010-971 a.C. 9.2 Crônicas (2Cr) 971-539 a.C. 10. Esdras (Ed.)..... 539-450 a.C. 11. Neemias (Ne.) 445-450 a.C. 12. Ester (Et) 484-474 a.C. 	<p>• HISTÓRICO (História)</p> <p>Consiste de 1 livro:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Atos dos Apóstolos..... 33-63 d.C.

<p>• POÉTICOS (Poesia Hebraica)</p> <p>Consiste de 6 livros:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Jó (Jó)..... 1520 a.C. 2. Salmos (Sl)..... (vários autores) 3. Provérbios (Pv) 1015 - 700 a.C. 4. Eclesiastes (Ec)..... 977 a.C. 5. Cantares de Salomão (Ct)..... 1014 a.C. 6. Lamentações de Jeremias (Lm)..... 588 a.C. 	<p>• EPÍSTOLAS (Pedagógicos)</p> <p>Consiste de 21 Livros, em 2 seções:</p> <p>a) Epístolas Paulinas (Cartas de Paulo):</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Romanos (Rm) 60 d.C. 2. 1 Coríntios (1Co) 59 d.C. 3. 2 Coríntios (2Co) 60 d.C. 4. Gálatas (Gl) 58 d.C. 5. Efésios (Ef) 64 d.C. 6. Filipenses (Fp) 64 d.C. 7. Colossenses (Cl) 64 d.C. 8. 1 Tessalonicenses (1Ts) 54 d.C. 9. 2 Tessalonicenses (2Ts) 54 d.C. 10. 1 Timóteo (1Tm) 65 d.C. 11. 2 Timóteo (2Tm) 66 d.C. 12. Tito (Tt) 65 d.C. 13. Filemon (Fm) 62 d.C. <p>b) Epístolas Gerais (Cartas Universais às Igrejas):</p> <ol style="list-style-type: none"> 14. Hebreus (Hb) 64 d.C. (Alguns relacionam esta carta como Paulina) 15. Tiago (Tg) 62-67 d.C. 16. 1 Pedro (1Pe) 62-67 d.C. 17. 2 Pedro (2Pe) 62-67 d.C. 18. 1 João (1Jo) 68-95 d.C. 19. 2 João (2Jo) 68-95 d.C. 20. 3 João (3Jo) 68-95 d.C. 21. Judas (Jd) 67-68 d.C.
<p>• PROFETAS</p> <p>Consiste de 17 livros:</p> <p>a) Profetas Maiores (devido ao tamanho de seus livros)</p> <p>Consiste de 4 livros:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Isaías (Is)..... 739-685 a.C. 2. Jeremias (Jr)..... 627-580 a.C. 4. Ezequiel (Ez) 593-570 a.C. 5. Daniel (Dn)605-530 a.C. <p>b) Profetas Menores (devido ao tamanho de seus livros)</p> <p>Consiste de 12 livros:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Oséias (Os)760-720 a.C. 2. Joel (Jl) 835 a.C. 3. Amós (Am) 760 a.C. 4. Obadias (Ob) 845 a.C. 5. Jonas (Jn) 782 a.C. 6. Miquéias (Mq) 737-690 a.C. 7. Naum (Na) 650 a.C. 8. Habacuque (Hc) 609 a.C. 9. Sofonias (Sf) 640 a.C. 10. Ageu (Ag) 520 a.C. 11. Zacarias (Zc) 520 a.C. 12. Malaquias (Ml) 433 a.C. 	<p>• PROFÉTICO (Profecia)</p> <p>Consiste de 1 livro:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Apocalipse (Ap) 96 d.C.

FONTE: O autor

6 CAPÍTULOS E VERSÍCULOS DA BÍBLIA

Neste item, estudaremos como e quando surgiu a divisão da Bíblia em capítulos e versículos. Veremos, também, a importância da invenção da imprensa para a divulgação da Bíblia.

6.1 A DIVISÃO DA BÍBLIA EM CAPÍTULOS E VERSÍCULOS

Não existem divisões em capítulos e versículos nos manuscritos originais. Stephen Langton, falecido em 1228, professor da Universidade de Paris e, mais tarde, arcebispo de Cantuária (Inglaterra), fez a divisão em **capítulos**. A divisão em **versículos** foi feita em 1551, por Robert Stephanus, um impressor de Paris.

A primeira Bíblia completa que saiu do prelo com essas divisões foi a Edição da Vulgata (tradução em latim) em 1555, e a primeira a ser publicada, inteiramente dividida em capítulos e versículos, foi a Bíblia de Genebra em 1560. Estudiosos judeus, desde então, adotaram essa divisão de capítulos e versículos para o Antigo Testamento. Estas divisões não foram inspiradas, mas foram muito úteis para facilitar a citação, recitação e a localização dos textos. O texto não foi alterado e nem o sentido modificado. A história da Bíblia prossegue até os dias atuais através das traduções para vários idiomas e dialetos.

Segundo os números fornecidos por William Evans, a Bíblia “contém 1.189 capítulos e 31.173 versículos. Destes, 929 capítulos, 23.214 versículos, ocorrem no Antigo Testamento; 260 capítulos, 7.959 versículos, no Novo”. (EVANS, 2009).

6.2 O PERÍODO DA IMPRENSA

O Período da Imprensa foi elemento marcante na história da Bíblia após a divisão de versículos, pois a Bíblia foi o primeiro livro impresso na história. João Gutenberg, de Mainz, Alemanha, inventou a máquina para imprimir em 1450 e o tipo móvel de imprensa em 1454. O primeiro livro que saiu do prelo foi a Bíblia “Mazarin”, com base na Vulgata Latina, ou seja, uma tradução do grego para o latim em 1455. Esta Bíblia foi publicada em 1516 e a primeira edição se referia apenas ao Novo Testamento. Note que entre a invenção da imprensa até a publicação do primeiro livro impresso, se passaram 66 anos.

FIGURA 8 – JOÃO GUTENBERG



FONTE: Disponível em: <<http://www.trasosmontes.com/forum/viewtopic.php?p=67>>.
Acesso em: 3 set. 2008.

FIGURA 9 – PRENSA DE GUTENBERG



FONTE: Disponível em: <http://bibfam.no.sapo.pt/espaco%20crianca/para_que_s...>.
Acesso em: 3 set. 2008.

FIGURA 10 - O PRIMEIRO LIVRO IMPRESSO POR GUTENBERG



O primeiro livro impresso por Gutenberg foi a Bíblia, processo que iniciou em 23 de fevereiro de 1455 e concluiu por volta de cinco anos depois.

FONTE: Disponível em: <www.trasosmontes.com/forum/viewtopic.php?p=67>.
Acesso em: 3 set. 2008.

7 A BÍBLIA HEBRAICA

A Bíblia hebraica é a Bíblia usada pelos judeus, é o nosso Antigo Testamento. Nela, os livros estão organizados, de uma maneira diferente, em três divisões. A Bíblia hebraica foi mencionada e usada por Cristo e seus apóstolos (Mt. 5.17; 22.40).

FIGURA 11 – FRAGMENTO DA BÍBLIA HEBRAICA – A BÍBLIA HEBRAICA HOJE



FONTE: Disponível em: <<http://antigotestamento.googlepages.com/>> e <www.germinaliteratura.com.br/coluna_moacirama>. Acesso em: 3 set. 2008.

A divisão da Bíblia hebraica se dá de acordo com a posição oficial do autor do livro. Em primeiro lugar, estão os livros de Moisés, patriarca e legislador de Israel, depois vêm os livros dos profetas e, em seguida, os livros dos homens que tinham o ministério profético, mas não a posição oficial de profeta.

A evidência da formação do Cânon (livros sagrados) do AT é que foi o próprio Senhor Jesus quem atestou esta canonicidade e a divisão da Bíblia hebraica em Lucas 24:44, e também em Mateus 23:35. Cite-se ainda 2 Co. 24:20-22.

O Antigo Testamento hebraico era geralmente dividido em três seções:

QUADRO 4 – DIVISÃO DO ANTIGO TESTAMENTO HEBRAICO

1ª) A LEI (Torá)	2ª) OS PROFETAS (Nebhiim)	3ª) OS ESCRITOS (Kethubhim; também chamados Hagiógrafos)
<p>I A Lei - consiste de 5 livros:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Gênesis 2. Êxodo 3. Levítico 4. Números 5. Deuteronômio 	<p>I Os Profetas - consiste de 8 livros:</p> <p>a) Profetas Anteriores (ao cativo)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Josué 2. Juízes 3. Samuel 4. Reis <p>b) Profetas Posteriores (ao cativo)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Isaías 2. Jeremias 3. Ezequiel 4. Os Doze (demais profetas) 	<p>I Os Escritos - consiste de 11 livros:</p> <p>a) Livros Poéticos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Salmos 2. Provérbios 3. Jó <p>b) Cinco Rolos (Megiloth)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O Cântico dos Cânticos 2. Rute 3. Lamentações 4. Ester 5. Eclesiastes <p>c) Livros Históricos Há livros dos profetas nesta categoria também, mas note que eles contêm fatos históricos.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Daniel 2. Esdras/Neemias 3. Crônicas
<p>Cf. <i>The Holy Scriptures, according to the Massoretic Text e Biblia Hebraica</i>, organizada por Rudolph Kittel e Paul E. Kahle</p>		

FONTE: O autor

Essas divisões estão de acordo com as palavras de Jesus: “São estas as palavras que vos falei, estando ainda convosco, que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos” (Lc. 24:44). O Antigo Testamento é, algumas vezes, mencionado abreviadamente como a “lei e os profetas” (Mt. 5.17); 11.13. At. 13.15). Ainda, mais brevemente, o termo “Lei”, parece incluir as outras divisões (Jo. 10.34; 12.34; 15.25; 1 Co. 14.21).

8 O PERÍODO INTERBÍBLICO

O Antigo Testamento tem um final histórico e profético. A ÚLTIMA HISTÓRIA está registrada nos livros de Daniel, Esdras, Ester e Neemias, nessa ordem, e se refere à história do cativo de Israel e Judá, onde ambos os reinos ficam sob o domínio persa. A ÚLTIMA PROFECIA, em ordem cronológica, encontra-se nos livros dos profetas Daniel, Ageu, Zacarias e Malaquias, e se refere à profecia sobre a primeira e a segunda vinda de Cristo.

Quando Malaquias silencia, os judeus entram num período histórico de 400 anos de pausa entre os testamentos. A justificativa da nomenclatura interbíblico (intervalo bíblico), se dá pelo fato de Deus não ter inspirado nenhum profeta para registrar a revelação neste período, contudo, Deus não ficou inativo, pelo contrário, executou os seus propósitos redentores em relação à humanidade e os propósitos em relação ao seu povo também.

Deus usou os domínios imperiais ou políticos que se seguiram sobre Israel para a preparação do mundo para o advento do Messias – o nascimento de Jesus Cristo. As contribuições destes governos encontram-se narradas abaixo:

Os judeus, no período interbíblico, estiveram sob o domínio dos seguintes governos:

- Governo Persa (536-331 a.C.). Os persas contribuíram com as liberações dos judeus para saírem do cativeiro retornando a Jerusalém sob a liderança de Zorobabel, Esdras e Neemias.
- Governo Grego (331-167 a.C.). Alexandre, o Grande, conquistou o mundo e deu-lhe uma língua universal. O NT foi escrito nesta língua, o grego “koiné”, o grego popular.

Após a morte de Alexandre, os judeus ficaram sob o governo do Egito e da Síria alternadamente. Em 168 a.C., o terrível rei sírio, Antíoco Epífanes, ocupou Jerusalém, profanou o templo e perseguiu os judeus. Antíoco foi um tipo do Anticristo que se levantará no final dos tempos. Os judeus se revoltaram contra os sírios sob a liderança do idoso sacerdote Matatias, o qual tinha sob sua liderança um grupo de judeus, os quais desafiaram os poderes sírios. Após a morte de Matatias, a chefia do grupo passou para seu filho Judas, chamado Macabeu (martelo), e em seguida para seus outros quatro filhos.

- Sob os Macabeus (167- 63 a.C.). Sob a liderança da família Macabeu, os judeus ganharam a sua independência e a mantiveram por 100 anos.
- Governo Romano (63 a.C.). Em 63 a.C., Pompeu conquistou Jerusalém e, no ano 37 a.C. Herodes, O Grande, tornou-se Rei da Judeia até depois do nascimento de Cristo (37 a.C. – 6 d.C.). Após Herodes, a Palestina foi governada por sacerdotes que eram o poder real que dominava a mentalidade judaica e isto perdurou até a queda de Jerusalém em 70 d.C. Antes disso, Herodes e o sacerdócio manejavam a espada, simultaneamente, com Roma.

No período do domínio romano, o mundo foi preparado para a vinda de Cristo através de vários atos, que se somaram aos dos demais dominadores anteriores. As contribuições dos romanos foram:

- O mundo ficou sob um governo único, sob uma mesma lei universal. Tornou-se possível obter a cidadania romana, ainda que a pessoa não fosse romana. Paulo usufruiu e se beneficiou desta cidadania.
- Havia paz na terra quando Cristo nasceu. Os soldados romanos asseguravam a paz nas estradas da Ásia, África e na Europa.
- Contribuíram com a construção de excelentes estradas, ligando Roma a todas as partes do Império, o que favoreceu a evangelização no primeiro século.

Há de se destacar as contribuições do próprio povo judeu antes e durante o período interbíblico:

- Manter viva a esperança da vinda do Messias.
- O oferecimento da lei judaica. O código de moral e de ética mais puro do mundo.
- Prepararam o caminho para a vinda do Messias.
- Forneceram as Escrituras Sagradas do AT.

Ao final do período interbíblico, verificamos que o mundo estava preparado para a primeira vinda de Cristo cumprindo as profecias do AT. Havia paz para que todos pudessem ouvir a voz das mensagens de Cristo e receber o seu ensino messiânico. A maior parte do mundo estava sob uma lei universal, todos falavam a mesma língua, e a Palestina, especialmente Jerusalém, se localizava onde as estradas se ligavam e atravessavam os continentes da Ásia com a Europa.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- O caráter da Bíblia é espiritual e sua natureza é divina. Há “Unidade” em muitos aspectos, o que caracteriza a ação divina, o trabalho do Espírito Santo, o qual dirigiu os homens santos de Deus para escrever o que lhes estava sendo revelado. Houve uma Mente Única a dirigir e supervisionar toda a revelação.
- A estrutura da Bíblia, do grego “*biblos*”, que significa biblioteca, tem sua estrutura organizada por categorias temáticas e a Bíblia Hebraica, a dos judeus, é organizada de acordo com a posição histórica dos escritores.
- O AT e o NT foram divididos em capítulos e versículos para facilitar a recitação e a localização dos textos mais rapidamente, antes mesmo da invenção da imprensa.
- O Período Interbíblico foi uma pausa, um intervalo de 400 anos onde Deus não falou, mas trabalhou através dos domínios sobre Israel, preparando o mundo para o nascimento de Jesus Cristo, o Salvador.

AUTOATIVIDADE



- 1 Por que, em sentido único e distintivo, a Bíblia é a Palavra de Deus? O que esta distinção traz em si?

- 2 Bíblia vem do vocábulo grego *biblos* que significa livro ou livros, uma biblioteca. A Bíblia é composta de 66 livros e quanto à sua estrutura, responda:
 - a) O que é a Unidade de Espírito da Bíblia?
 - b) O que é a Unidade de Ensino da Bíblia?
 - c) Qual é o seu Tema Central?
 - d) O que significa a Unidade de Tema da Bíblia?
 - e) Qual é o assunto tratado de maneira perfeita e sem contradições em toda a Bíblia?
 - f) Quem é a Pessoa Central da Bíblia?

- 3 Quais são as duas grandes divisões da Bíblia e suas subdivisões?



AS LÍNGUAS, MATERIAIS E MANUSCRITOS DA BÍBLIA

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico, trataremos da transmissão do texto sagrado a partir da invenção da escrita (3.000 a.C.), do papel, do método e do desenvolvimento da crítica textual que visa à preservação do texto e à transmissão dos documentos originais da Bíblia. Estudaremos a respeito das traduções e versões da Bíblia desde a antiguidade até os dias atuais.

2 AS LÍNGUAS ESCRITAS

A língua e a escrita são os elos que envolvem:

- a possibilidade do conhecimento;
- o reconhecimento do aspecto canônico (sagrado) dos textos;
- o próprio registro dos textos inspirados por Deus.

Deus em sua sabedoria e objetividade jamais pretendeu que sua Palavra se perdesse ao longo do tempo. A história da Bíblia revela este cuidado atento e minucioso de Deus.

A escrita e as línguas escritas foram importantes meios de transmissão da Bíblia e se apresentaram como possibilidades abertas diante de Deus, ao decidir como transmitiria sua verdade à humanidade. Esta escolha e o processo de transmissão estão registrados em Hebreus 1:1 “Havendo Deus outrora falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós, falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez o mundo.”

O Senhor foi eliminando maneiras deficientes ou menos eficientes de se comunicar e usou inteligentemente a língua e a escrita, até objetivamente falar-nos através do próprio Filho, o “*logos*”, que significa “palavra” de Deus, conforme está escrito em João 1:1 e 14: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... O Verbo se fez carne, e habitou entre nós. Vimos a sua glória, a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.”

Em síntese, a revelação de Deus passou de uma revelação “geral” ou “natural”, num processo gradativo, progressivo e acumulativo de inspiração até chegar à Sua revelação pessoal através do seu filho Jesus Cristo, “o logos” de Deus. “Respondeu-lhe Jesus: Há tanto tempo estou convosco e não me conheceis, Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como dizes tu: Mostra-nos o Pai?” (João 14:9)

As línguas escritas proporcionam a imortalização do que foi escrito, o combate a uma subjetividade e distorção intencional ou não da Bíblia, além disso, as línguas escritas trazem consigo aspectos importantes que são: precisão, permanência, objetividade e poder de disseminação.

3 OS MATERIAIS, INSTRUMENTOS DE ESCRITA E IDIOMAS USADOS

Os escritores bíblicos usaram o mesmo material, em uso no mundo antigo, para escreverem os textos bíblicos, por exemplo:

- tabuinhas de barro (3.500 a.C.);
- pedras (Mesopotâmia, Egito e Palestina);
- papiro (2.100 a.C.);
- *vellum* ou velino, pergaminho e couro” (4º. século ao 10º.), desconhecido até 200 a.C. (2 Tm. 4:13);
- metal (Êx. 28:36; Jó 19:24; Mt. 22:19,20);
- cera (Is. 8:1; 30:8; Hb. 2:2; Lc. 1:63);
- pedras preciosas (Êx. 39:6-14);
- cacos de louça (óstracos).

Quanto às “tabuinhas de barro”, há registros na escrita cuneiforme, nestas tabuinhas, pelos sumérios, datados de 3.500 a.C. e, em 3.100 a.C., havia escritos no Egito, nestes materiais, com hieróglifos. Há registros escritos anteriores à época de Moisés, oriundos de Cnosso e Atchana, o que deixa claro que tanto Moisés como os demais escritores da Bíblia escreveram numa era alfabetizada.

FIGURA 12 – LIVROS DE BARRO



22.000 placas de argila gravadas integravam a coleção da mais antiga biblioteca de que se tem notícia - a do rei Assurbanípal, na Assíria, construída sete séculos antes de Cristo. As placas de argila estavam gravadas em escrita cuneiforme e guardavam todo o saber da Mesopotâmia.

FONTE: Disponível em: <http://bibfam.no.sapo.pt/espaco%20crianca/para_que_s>.
Acesso em: 3 set. 2008.

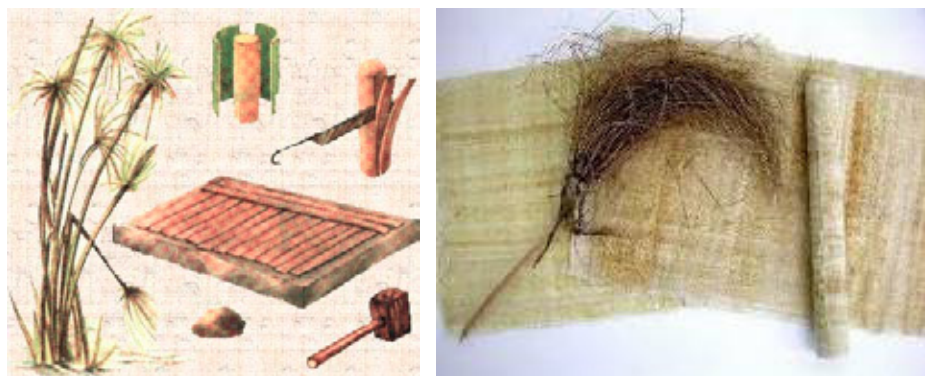
O papiro era um tipo de junco ou cana que crescia às margens do Rio Nilo, no Egito, e suas folhas finas e delgadas eram prensadas, coladas transversalmente e formavam folhas ou rolos de folhas de até dez metros de comprimento. O papiro era barato.

FIGURA 13 - A PLANTA DO PAPIRO



FONTE: Disponível em: <http://bibfam.no.sapo.pt/espaco%20crianca/para_que_s>.
Acesso em: 3 set. 2008.

FIGURA 14 - INSTRUMENTOS USADOS PARA CONFECCIONAR OS ROLOS DE PAPIRO



O "livro de papiro" era constituído, no princípio, por várias folhas unidas para formar uma tira contínua, tendo cada um dos extremos colado a uma vareta de madeira, marfim ou osso.

Desta, pendia uma etiqueta que servia para identificar o conteúdo.

Os rolos de papiro variavam em extensão; o mais longo de que se tem conhecimento tinha cerca de 44 metros de comprimento e meio metro de largura.

FONTE: Disponível em: <<http://letraslivroseafins.blogspot.com/2007/04/papir>>. Acesso em: 3 set. 2008.

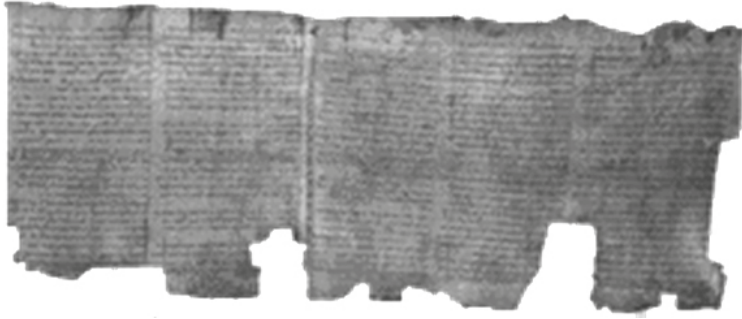
O *vellum* ou velino, pergaminho e couro, era feito de pele de carneiro, ovelha ou cordeiro e se apresentava no formato de rolo ou Códex (Códices). Um Códex era um livro feito de peles.

FIGURA 15 – O PERGAMINHO DO LIVRO DE ISAÍAS



FONTE: Disponível em: <<http://www.woodlandinstitute.com/pJewishScripture.html>>. Acesso em: 3 set. 2008.

FIGURA 16 – FRAGMENTOS DE UM ROLO DE PERGAMINHO



Descoberto nas Cavernas de Qunran – Mar Morto, em 1947, datado de menos de 100 a.C., refere-se ao Livro de Isaías.

FONTE: Disponível em: <http://br.geocities.com/paz_israel/marmrolo.htm>. Acesso em: 03 set. 2008.

FIGURA 17 - O CÓDIGO DE HAMURÁBI



FONTE: Disponível em: <<http://parceiropensador.net?q=blog&from=220>>. Acesso em: 3 set. 2008.

FIGURA 18 - A PEDRA DE ROSETA



FONTE: Disponível em: <http://grandarcnum.blogspot.com/2008_05_01_archive.html>. Acesso em: 3 set. 2008.

FIGURA 19 – ÓSTRACO



FONTE: Disponível em: <wikipedia.org/wiki/pt:Ostraca>. Acesso em: 3 set. 2008.

O linho era usado no Egito, na Grécia e na Itália, mas não para registro das Sagradas Escrituras.

Geisler e Nix nos informam que o papel foi inventado na China no século II d.C. e foi introduzido no Turquestão Oriental no começo do século IV. Foi manufaturado na Arábia, no século VIII, introduzido na Europa no século X e ali manufaturado, também sendo comumente usado a partir do século XIII. (GEISLER e NIX, p. 131).

É interessante registrar que antes da transmissão ocorrer de forma escrita, Deus se manifestou utilizando outros meios e instrumentos limitados:

- Anjos (Gn. 18:19; Ap. 22:8-21)
- Lançar sorte, além do Úrim e do Túmim, para se saber a vontade de Deus (Êx. 28:30; Pv. 16:33)
- A voz da consciência (Rm. 2:15)
- Através da natureza (Sl. 19:1-6)
- Vozes audíveis (1 Sm. 3)
- Milagres (Jz. 6:36-40)

Os instrumentos que se seguiram a partir da era da escrita foram de maior amplitude e eficiência em relação ao subjetivismo, às distorções culturais, à corrupção dos textos e ao surgimento dos escritos apócrifos.

3.1 OS MANUSCRITOS

Os manuscritos são documentos escritos a mão. Atualmente não existem mais manuscritos originais da Bíblia, apenas fragmentos ou cópias. Os estudiosos da ciência denominada “crítica textual” são os responsáveis por descobrir e atestar quais são os manuscritos e cópias dos textos originais. Este trabalho é identificado como “recuperação do texto original”. Há milhares de cópias dos manuscritos do NT e centenas de cópias dos manuscritos do AT. Este número é muito superior ao número de manuscritos de outras obras antigas de grande valor cultural ou religioso existentes no mundo hoje. Juridicamente, para que um documento seja considerado legal bastam apenas quatro cópias idênticas do mesmo, a Bíblia os tem aos milhares.

3.2 A FORMA DOS MANUSCRITOS

A forma de escrita foi inicialmente **UNCIAL**, ou seja, letras de forma, maiúsculas, copiadas lentamente, desligadas umas das outras, sem espaço entre palavras e frases (até o século X), e, depois, na forma de escrita **CURSIVA** (século X a XV), com letras minúsculas, menores, ligadas entre si, com espaços entre as palavras e as frases. A esses manuscritos se atribuiu o nome de **minúsculos** (século XI a XV).

FIGURA 20 – MANUSCRITO UNCIAL



FONTE: Disponível em: <<http://www.womenpriests.org>>. Acesso em: 3 set. 2008.

FIGURA 21 – MANUSCRITO CURSIVO HEBREU



FONTE: Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com>>. Acesso em: 3 set. 2008.

3.3 OS INSTRUMENTOS PARA A ESCRITA

Vários instrumentos foram utilizados para registrar os escritos bíblicos:

- o **estilo**, um pontalete triangular com cabeçote chanfrado para escrever com entalhes nas tabuinhas de barro ou de cera, sendo denominado pelos escritores bíblicos como pena. (Jr. 17:1)

- o **cinzel**, usado para fazer inscrições em pedras (Js. 8:31,32). Jó se refere ao cinzel como pena de ferro (Jó 19:24).
- A **pena**, usada para escrever em papiro, em couro, em velino ou pergaminho (3 Jo. 13). A pena para escrita no papiro, no princípio, era feita do caule do papiro e a tinta era feita de pó de carvão e utilizava-se um tinteiro.
- O **canivete**, utilizado para materiais mais fortes que o papiro (Jr. 36: 23) e para afinar a pena.

4 OS IDIOMAS DA BÍBLIA

A sistematização das línguas foi possível através da invenção do alfabeto pelos fenícios, no século II a. C. A escrita se desenvolveu a partir do século IV a.C.

O alfabeto substituiu os fonogramas (traços que representavam sons), e estes, os ideogramas (figuras que representavam ideias), que, por sua vez, substituíram os pictogramas (representações rudes).

Os idiomas usados para registrar a palavra Inspirada por Deus são originários de duas famílias de línguas:

a) A família de línguas semíticas:

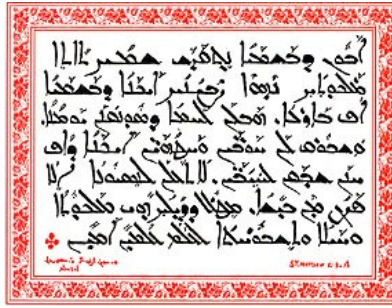
- O “hebraico” e o “aramaico” (siríaco).

FIGURA 22 – ALFABETO HEBRAICO



FONTE: Disponível em: <tipografos.net>. Acesso em: 3 set. 2008.

FIGURA 23 – TEXTO EM ARAMAICO



FONTE: Disponível em: <respectivas.wordpress.com>. Acesso em: 3 set. 2008.

b) As das famílias de línguas indo-europeias:

- o “grego”.

FIGURA 24 – ALFABETO GREGO



FONTE: Disponível em: <www.abibliarevela.com>. Acesso em: 03 set. 2008.

A língua do AT é o hebraico, uma língua pessoal. Trata-se de uma linguagem **pictórica**, que se expressa através de metáforas vividas e audaciosas, capazes de desafiar e dramatizar a narrativa dos acontecimentos.

Com suas características, o hebraico apresentou adequadamente a história da ligação e do relacionamento de Deus com o Seu povo. É uma língua que apela diretamente ao coração e às emoções e não apenas à mente e à razão. No hebraico, não se pensa somente, sente-se a mensagem. (GEISLER e NIX, p. 126). Tal fato, desperta o interesse pelo estudo da língua e o aprofundamento exegético para uma melhor interpretação, mensagem e ensino.

O aramaico era a língua dos sírios, usada durante o século VI a.C. em todo o Oriente Próximo. Os textos bíblicos do AT em aramaico são: Esdras 4:7-6:18; 7:12-26 e Daniel 2:4-7:28.

A língua utilizada para escrever o NT é o grego **koiné**, o grego popular, não o clássico. Este fato foi providencial para que todos pudessem entender a mensagem, irrestritamente, e, com toda a clareza necessária. Observe-se que até os escravos podiam ler em mais que uma língua.

A língua falada entre os judeus na época de Jesus era provavelmente o aramaico. Desta feita concluímos que os judeus dominavam o seu próprio idioma, mais o aramaico e o grego.



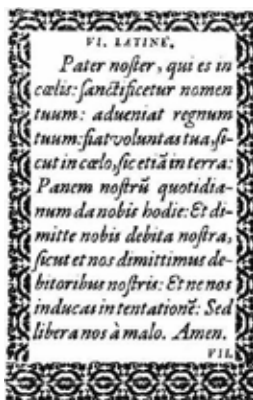
A reflexão e observação que podemos fazer quanto à **pessoalidade** do texto hebraico e quanto à "acessibilidade" do texto grego, é que nos revelam a intenção contínua de Deus em revelar-se, comunicar-se e fazer-se conhecido ao homem em todo o seu esplendor, poder e glória, mas de uma maneira que este possa fazê-lo sem complicações.

4.1 OUTRAS INFLUÊNCIAS LINGUÍSTICAS SOBRE O TEXTO BÍBLICO

O grego era a língua mais conhecida no século I. Na época do NT, o aramaico foi usado para a redação em Mateus 27:46.

Há influências idiomáticas do hebraico introduzidas no texto, como exemplo (1Ts 1:3) e as oriundas do latim, tais como **centurião**, **tributo**, **legião** e pela inscrição trilingue na cruz (latim, hebraico e grego).

FIGURA 25 – O PAI NOSSO EM LATIM



FONTE: Disponível em: <loucademiabrasileiradeletras.blogspot.com>. Acesso em: 3 set. 2008.

O grego foi adequado para o NT, porque permitia que todos interpretassem a revelação de Cristo em linguagem teológica, pois tinha recursos lingüísticos especiais para isto. Era um idioma intelectual, da mente, mais do que do coração, o que foi amplamente atestado pelos filósofos.

Este fato é extremamente relevante em relação à ordem e à necessidade de que a mensagem de Cristo deveria ser anunciada em todo o mundo: “Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura.” (Mc. 16:15).

5 A PREPARAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DOS MANUSCRITOS

Os escritos originais, saídos da mão do escritor sagrado ou de seu amanuense (secretário, auxiliar), eram chamados de **autógrafos**. O fato de não haver mais os manuscritos originais das Escrituras pode parecer intrigante, mas, isto pode ter-se dado por providência divina para que não houvesse idolatria e a adoração dos escritos com a grafia dos homens santos de Deus.

Vimos a variedade, a evolução e a preparação dos manuscritos da Bíblia no Tópico 3, agora, vamos falar a respeito da preservação destes manuscritos.

A preservação se refere ao trabalho realizado a partir dos fatos ocorridos quando do segundo retorno do povo judeu do cativeiro persa, sob a liderança de Esdras. Preservar e transmitir com fidelidade o texto sagrado original continua sendo uma preocupação, uma realidade e uma possibilidade praticada até os nossos dias.

Esdras teve um importante papel na história da Bíblia. Ele restabeleceu o culto em Jerusalém e a leitura do AT. Reuniu os manuscritos no Templo cuidadosamente (2 Rs. 22:8) e iniciou o trabalho dos copistas, “os escribas”.

Os copistas eram homens versados na Lei de Deus que, para realizarem seu trabalho, tinham que passar por uma preparação cerimonial especial. Este trabalho se iniciou após 586 a.C. Além do trabalho rigoroso de copiar os textos bíblicos, havia a preocupação e a necessidade quanto à preservação dos manuscritos. Para isto, os copistas executavam o trabalho de conferência e de descarte (enterro) das cópias imperfeitas. Foi a partir desta época que se iniciou a transmissão e a disseminação da Palavra de Deus, as pessoas podiam encomendar e comprar porções dos livros bíblicos. Neste caso, o desejo do comprador determinava a qualidade da cópia. Há cópias inúmeras das Escrituras que datam de 300 a.C. – 500 d.C., época em que surgiram cópias manuscritas – os rolos das sinagogas. As cópias para serem usadas nas sinagogas eram consideradas como “cópias sagradas” e as demais eram chamadas de cópias particulares. Os escribas, depois de um período de tempo, começaram a dar a interpretação dos textos copiados.

Os manuscritos podiam ser raspados para que se escrevesse sobre eles novamente, a isto, se chamava **manuscrito palimpsesto** (raspado de novo) ou **manuscrito reescrito**. Era comum restaurar pergaminhos, refazendo cópias dos manuscritos quando eles iam se apagando. Esta era uma iniciativa para a preservação

dos textos, mas a principal tarefa de preservação se refere, especialmente, ao trabalho das traduções e das versões da Escritura que trataremos mais adiante. O trabalho de preservação e disseminação da Bíblia é feito até hoje, sempre com base nos manuscritos mais antigos. Todos os materiais utilizados para a realização da crítica textual, das traduções e das versões da Bíblia dão evidências seguras de credibilidade.

No trabalho de preservação era necessária a verificação da idade dos manuscritos, que era verificada através dos materiais empregados, do tamanho da letra, do seu formato, da pontuação empregada, das divisões do texto e de outros fatores tais como: ornamentação do manuscrito, a grafia das palavras, a cor da tinta, a textura e a cor do pergaminho. Os materiais preservados são as pistas importantes para a apuração desejada. Os estudos atuais são feitos a partir da fidelidade e pureza dos manuscritos.

A identificação dos manuscritos conhecidos é feita de acordo com o local onde foram encontrados. Dentre os manuscritos famosos, encontramos os de Qunram, estes, são os rolos do Mar Morto que foram a mais importante descoberta arqueológica referente aos manuscritos bíblicos. Estes manuscritos datam do século I d.C., daí sua importância. Estes manuscritos foram descobertos casualmente, no verão de 1947, no mês de março, pelo jovem pastor beduíno chamado Moâmede ad-Dib.

A comparação entre os manuscritos posteriores ao século I e os do Mar Morto só reforçam a restauração do texto sagrado, pois são de conteúdo similar, em sua grande maioria. As variações no texto de alguns manuscritos referem-se a pequenos erros cometidos pelos copistas. O trabalho era exaustivo, lento e prolongado. Dentre os erros, estavam a troca de algumas letras, palavras ou frases, por exemplo. Contudo, a comparação dos manuscritos estabelece o texto original.

Nas escavações arqueológicas, em Qunram, descobriram-se, até fevereiro de 1956, onze grutas. Estes manuscritos lançaram mais luz ao estudo da paleografia (estudo da escrita antiga e de seus materiais) hebraica. Há poucos manuscritos antigos do AT, principalmente antes da descoberta dos manuscritos do Mar Morto.

FIGURA 26 – CAVERNAS DE QUNRAM, ÀS MARGENS DO MAR MORTO



FONTE: Disponível em: <www.semeandoapalavra.net>. Acesso em: 10 set. 2008.

FIGURA 27 – MANUSCRITOS, FRAGMENTOS E OBJETOS ENCONTRADOS EM QUNRAN, EXPOSTOS NO MUSEU DE JERUSALÉM



FONTE: Disponível em: <www.semeandoapalavra.net>. Acesso em: 10 set. 2008.

As cópias do AT que existiam no início da era cristã foram consideradas como autorizadas pelo próprio Senhor Jesus. A perfeição dessas cópias se deve ao trabalho dos **Soferim** e dos **Massoretas**, dois grupos de copistas zelosos, que fizeram o trabalho de crítica textual desde os tempos de Esdras (400 a.C. - 950 d.C.), Soferim (plural) designava o grupo de escribas versados nas leis de Deus e nas tradições dos judeus, os quais copiavam os textos das Escrituras, faziam a revisão e davam a interpretação.

Alguns séculos mais tarde, por volta do ano 500 d.C. a 950 d.C. surgiram os massoretas. Eles criaram um sistema de acentos para a língua hebraica. Este sistema de sinais fixava o significado de cada palavra, a pronúncia e a cadência exata para a recitação nas sinagogas, bem como, a conexão entre as palavras. Os massoretas também corrigiam os erros cometidos pelos Soferim.

Antes dos massoretas, o hebraico era uma língua apenas constituída de consoantes e sem pontuação, o que a tornava difícil de ser falada, recitada ou cantada, embora fosse possível de ser lida. Com os massoretas, ocorreu a padronização do texto hebraico do AT (500-100 a.C.). Até 1890, quando foi descoberto o Manuscrito **Cairo Geneza**, havia 731 manuscritos hebraicos publicados. Os textos massoréticos do Mar Morto aumentaram o número de cópias para estudo. Os massoretas se dedicaram também ao trabalho da alta crítica textual.

6 OS MANUSCRITOS DA BÍBLIA

Não podemos precisar a data do surgimento dos manuscritos de escrita hebraica, ainda que esta escrita tenha tido seu início antes de Moisés. Muito tempo depois do restabelecimento do culto e do Templo em Jerusalém, houve o surgimento da Septuaginta (LXX). A Septuaginta foi a tradução do texto hebraico para o grego, feita durante o período interbíblico. Jesus e seus apóstolos usaram esta tradução.

Os autógrafos do NT, como os do AT, não existem mais, mas existem muitas evidências de que estes documentos foram escritos em rolos e em livros feitos de papiro.

Devido às perseguições do Império Romano, as Escrituras ficaram ameaçadas de extinção e não foram copiadas sistematicamente até Constantino. Com o envio de uma carta, do imperador ao bispo Eusébio de Cesareia, ocorreu a retomada do serviço sistemático de cópias do NT, no Ocidente, e a utilização do pergaminho (de peles).

FIGURA 28 – IMPERADOR CONSTANTINO



FONTE: Disponível em: <www.restaurant.org>. Acesso em: 10 set. 2008.

FIGURA 29 – EUSÉBIO DE CESAREIA



FONTE: Disponível em: <pt.wikipedia.org>. Acesso em: 10 set. 2008.

Somente a partir da Reforma é que surgiram as primeiras cópias impressas da Bíblia à disposição do povo.

Os Manuscritos principais do AT são:

- O Códice de Leningrado dos profetas, ou Babilônico dos profetas posteriores, também conhecido como Códice de São Petesburgo (916 d. C.).

FIGURA 30 – CÓDICE DE SÃO PETESBURGO



FONTE: Disponível em: <www.bitstudio.com.br>. Acesso em: 3 set. 2008.

- O Códice Aleppo (930 d.C.).

FIGURA 31 – O CÓDICE ALEPPO



FONTE: Disponível em: <www.israel-mfa.gov.il>. Acesso em: 3 set. 2008.

- O Códice do Museu Britânico (950 d.C.).
- O Códice de Leningrado (1008 d.C.) é o maior e mais completo manuscrito do AT.
- O Códice Reuchlin dos profetas (1105 d.C.).

FIGURA 32 – O CÓDICE REUCHLIN DOS PROFETAS



FONTE: Disponível em: <commons.wikimedia.org>. Acesso em: 3 ago. 2008.

- Os fragmentos de Cairo Geneza (500-800 d.C., descobertos em 1890, no Cairo. Ernest Wurthwein afirma existirem cerca de 10 mil manuscritos bíblicos e fragmentos de manuscritos nesse depósito.

FIGURA 33 – FRAGMENTOS DE CAIRO GENEZA



FONTE: Disponível em: <www.israel-mfa.gov.il>. Acesso em: 3 set. 2008.

Os Manuscritos gregos do NT eram escritos em estilo não literário e circulavam fora do comércio de livros em geral, nos primeiros três séculos. A Igreja só empreendeu esforços sérios para revisar os manuscritos a partir do século IV. Até então, várias tradições orais e escritas juntamente com absurdos interpretados à moda da época, criados por escribas, circulavam simultaneamente com o texto autêntico.

Há mais de 5.000 manuscritos do NT conhecidos.

A integridade do AT foi confirmada em função do processo de transmissão, posteriormente, confirmada pelos rolos do Mar Morto. Por outro lado, a fidelidade do texto do NT baseia-se nos múltiplos manuscritos existentes. A fidelidade do NT pode ser atestada também por outras fontes como: manuscritos gregos, antigas versões e citações patrísticas (dos pais da Igreja do século I ao IV, V d.C.).

7 PAPIROS BÍBLICOS, ÓSTRACOS, INSCRIÇÕES E LECIONÁRIOS

Os manuscritos denominados papiros datam do século I e II. São apresentados em Códices (livro de folhas) e, em alguns casos, escritos frente e verso.

Os mais importantes Manuscritos de Papiro são:

- Fragmentos de John Rylands (117-138) é o mais antigo e genuíno que se conhece.
- Papiros Chester Beatty (250).
- Papiros Bodmer (175-225), importante descoberta de papiros do NT.
- O Códice Vaticano (325-350, apresentado após 1475).
- O Códice Sinaítico (século IV, descoberto em 1844, apresentado em 1859).
- O Códice Frederico-Augustanus (1844).
- O Códice Alexandrino (século V, provavelmente de 45 d.C.).
- O Códice Efraimita (de Alexandria, no Egito, por volta de 345).
- O Códice Beza ou Códice de Cambridge (450 ou 550), o bilíngüe mais antigo.
- O Códice Claromontano (século VI, 550).
- O Códice Washingtoniano (século IV ou início do V).
- Os Minúsculos (século IX ao XV) – São os manuscritos cursivos.

Há papiros do NT não bíblicos, portanto, sem valor inspirativo, mas, nestes documentos foram achados antecedentes religiosos e culturais do século I e II. Estes papiros se tornaram dizeres relativos àquela época, neles descobriu-se que havia seitas concorrentes ou religiões que faziam um trabalho missionário.

O mundo antigo foi descortinado e em relação à linguagem do NT houve uma desmistificação, pois se concebia a língua do NT como uma língua do Espírito Santo, contudo, notou-se a mesma linguagem e similaridade cultural entre os papiros inspirados e os não inspirados. A mensagem do NT não era mundana, mas era escrita num grego comum e mundial.

Outros materiais e registros de textos bíblicos existem. Os **óstracos** são cacos de cerâmica utilizados para a escrita das classes mais pobres da antiguidade. Como exemplo de óstraco, há uma cópia dos evangelhos registrados em 20 peças, chamadas de: A Bíblia do Pobre. Estudiosos desprezaram por muito tempo tais materiais, contudo, mais tarde, vieram a lançar mais luz ao texto bíblico. As **inscrições** antigas são atestados da existência dos textos sagrados na época e de sua importância. As inscrições estão em paredes, pilares, moedas, monumentos e outros lugares. São apoio e testemunhas do NT.

Os **leccionários** são os livros, usados no culto da igreja, que continham textos selecionados para leitura, extraídos das Escrituras, os quais também serviam como manuais que teriam surgido entre os séculos VII e XII. Os leccionários existem aos milhares, contudo, há dezenas de folhas e fragmentos de folhas dos séculos IV e VI. Só cinco ou seis leccionários de papiro sobreviveram ao tempo, intactos. Os leccionários têm valor secundário no estabelecimento do texto genuíno do NT, mas são importantes na compreensão das passagens específicas das Escrituras.

FIGURA 34 – LECIONÁRIO ANTIGO



FONTE: Disponível em: <leccionario.blogspot.com>. Acesso em: 3 set. 2008.

FIGURA 35 – LECIONÁRIO CATÓLICO ROMANO ATUAL



FONTE: Disponível em: <www.auxiliadora.org.br>. Acesso em: 3 set. 2008.

8 AS REMISSÕES PATRÍSTICAS AO TEXTO BÍBLICO

As remissões patrísticas são as inúmeras citações bíblicas do Novo Testamento, feitas pelos pais da igreja primitiva, entre os séculos II e IV. Séculos da História da Igreja. Estas remissões foram importantes, pois se as tomássemos isoladamente como parâmetro único de canonicidade para o NT, bastariam para que este fosse de todo preservado.

A crítica textual se serve também destas remissões para estudar e atestar o verdadeiro texto sagrado. Os pais da igreja foram discípulos dos apóstolos e estiveram ao lado deles fornecendo informações seguras para a Alta Crítica.

O testemunho dos pais da igreja às remissões se refere ao NT. O Cânon do AT, na era patrística, já havia sido encerrado e reconhecido.

A respeito deste assunto fala B. F. Westcott: (1887):

Continuaram a considerar o Antigo Testamento um registro completo e duradouro da revelação de Deus. Num ponto notável eles levaram essa crença mais longe do que antes. Com eles, a individualidade de vários escritores entra em segundo plano. Praticamente consideravam o livro todo uma declaração divina só.

Vale ressaltar que na primeira metade do século I da era cristã, os livros do NT, haviam sido escritos em sua maioria e, na segunda metade, se iniciou o processo de seleção, de leitura, de circulação, de compilação e de citação da literatura apostólica.

Durante o século III, surgiram escritos apócrifos referentes ao NT e outros escritos de natureza religiosa, que forçaram o processo de seleção e de definição canônica da Igreja, para o NT, com o objetivo de eliminar quaisquer dúvidas e objeções à inspiração divina dos 27 livros. A partir do século IV, a literatura apostólica foi sendo ampliada e reconhecida como Escritura Sagrada e, no início do século IV, o NT já estava confirmado e reconhecido.

Alguns nomes dos valorosos e valiosos pais da Igreja são: Papias, Heráclion, Taciano, Irineu, Eusébio e Orígenes.

9 O CRITICISMO TEXTUAL

Crítica textual é a ciência que tem como objetivo descobrir e corrigir os erros. A crítica textual tem como função apurar a verdadeira redação e a sacralidade do texto bíblico. Para este trabalho, os críticos fazem uso dos manuscritos existentes para decidir quais dos manuscritos (cópias) continham o texto verdadeiro.

A crítica textual trata de três questões básicas:

- Genuinidade dos Manuscritos – É de autoria autêntica? É verdadeiro?
- Confiabilidade dos Manuscritos – Os fatos e o conteúdo dos documentos são verdadeiros?; Há integridade?
- Evidências de Manuscritos e as variantes – Aqui se reveem os assuntos básicos da abordagem e da crítica textual do AT e do NT. As variantes se referem à verificação e às possibilidades de eventuais erros cometidos devido ao grande número de manuscritos produzidos. Essa situação é benéfica para o trabalho de recuperação do verdadeiro texto bíblico.

Para isto, a crítica textual se dividiu em duas atitudes ou dois grupos: a **baixa crítica** (crítica textual) e a **alta crítica** (crítica histórica) da Bíblia.

A **baixa crítica** se dedica ao trabalho de verificação da forma do texto. Na antiguidade, fazia-se a conferência e a correção do mesmo. Ela se volta para a questão da confiabilidade do texto sagrado e se debruça sob a sua forma para restaurar o texto original.

A baixa crítica não se dedica ao valor documental do texto, contudo, aplica os critérios e padrões de qualidade ao mesmo. Em geral, esse trabalho é construtivo e positivo, pois há os que tentam destruir o texto fazendo um trabalho destrutivo e negativo. A questão fundamental não é se a crítica é alta ou baixa, mas se ela é sadia e baseada em evidências e argumentações corretas.

A **alta crítica** estuda as questões de julgamento quanto à autoria, data do texto, sua estrutura, a historicidade dos livros da Bíblia e, também, a genuinidade das obras dos pais da Igreja e dos anciãos durante os primeiros séculos, pois estes citaram muitos textos das Escrituras. A Alta Crítica é a própria essência da Introdução à Bíblia e do próprio estudo da Escritura.

A boa qualidade dos poucos manuscritos massoréticos antigos que são utilizados pela crítica textual, se deve a vários fatores:

- As pouquíssimas variantes nos textos disponíveis, originários de 100 d.C.
- A exatidão, a habilidade e a confiabilidade dos escribas na transmissão do texto.
- A reverência, quase supersticiosa, que dedicavam às Escrituras, pois só determinados tipos de pele poderiam ser utilizados.
- O tamanho das colunas era controlado por regras rigorosas.
- As rigorosas regras e o ritual reverente que o escriba devia seguir ao escrever um manuscrito.
- Se ocorresse um único erro no manuscrito, a peça deveria ser descartada de todo, destruída.

Este rigor e formalismo massorético foi responsável pelo extremo cuidado aplicado no trabalho de copiar as Sagradas Escrituras.

A arqueologia e a história, através de suas numerosas descobertas, têm confirmado a exatidão dos documentos bíblicos, até mesmo, em relação aos nomes obsoletos dos reis estrangeiros. Outras ciências, como a Antropologia, a Astronomia, a Biologia, a Física entre outras, através de suas descobertas, também têm confirmado a exatidão dos escritos inspirados por Deus, constituindo-se a área do conhecimento denominada evidências cristãs.

A melhor evidência de apoio à integridade do texto massorético é a tradução do AT hebraico para o grego, conhecida como Septuaginta ou LXX.

Os Princípios Gerais da Crítica Textual são:

- a) A Evidência Externa – Trata da cronologia, geografia e genealogia.
- b) Evidência Interna – Trata da questão transcripcional (dos hábitos dos escribas) e da questão intrínseca (dos hábitos dos autores).

Graças à crítica textual é que podemos afirmar que não houve dano à Bíblia, no processo de transmissão do texto, constituindo-se uma reprodução exata dos textos originais.

As bases científicas da crítica textual são: a compreensão das línguas originais, dos materiais e das evidências documentais dos manuscritos bíblicos.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você aprendeu que:

- As línguas escritas foram o meio que Deus utilizou para transmitir Sua Palavra de maneira a remover as formas menos eficientes de comunicação aos homens. As línguas utilizadas por Deus para o registro do texto sagrado foram: o hebraico, o aramaico e o grego.
- Os materiais utilizados para o registro da Escritura Sagrada foram desde as tabuinhas de barro até o papel, utilizando-se o papiro e, anteriormente a este, os pergaminhos de pele.
- Os instrumentos para a escrita foram desde o cinzel até a imprensa. Durante muito tempo, o trabalho manuscrito foi registrado por penas e tinta rudimentar.
- A preparação, a preservação e a disseminação dos manuscritos feitos pelos escribas, desde a antiguidade, foram realizadas de maneira zelosa, extremamente cuidadosa e responsável, mediante a qual se garantiu a apuração do texto original. O conhecimento e o reconhecimento padronizado destes foram encontrados nos livros, bem como a autorização, a utilização do AT por Jesus Cristo e a definição do Cânon do NT pela Igreja.
- Os materiais utilizados para a escrita e transmissão das Escrituras foram diversos e sempre aperfeiçoados. Estes manuscritos são a base da crítica textual em seus dois segmentos, a baixa crítica, que trata do formato e composição dos livros e da alta crítica, que trata das questões de historicidade e inspiração apoiados, inclusive, pelas remissões patrísticas ao texto bíblico.

AUTOATIVIDADE



- 1 Quais foram os idiomas usados para registrar a Palavra Inspirada por Deus? E qual é o idioma que foi introduzido, no texto, através de algumas influências idiomáticas do hebraico?
- 2 Os escritos originais, ou seja, os autógrafos, não existem mais, temos somente cópias. Este fato pode parecer intrigante, mas algo razoável pode ter ocorrido, o que pode ter-se dado?
- 3 Quais as três questões básicas que a Crítica Textual trata?
- 4 A Crítica Textual se divide em Baixa Crítica e Alta Crítica. O que podemos afirmar através da Crítica Textual e quais são suas bases científicas?



VERSÕES E TRADUÇÕES DA BÍBLIA: COMO AS ESCRITURAS CHEGARAM ATÉ NÓS

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico, estudaremos sobre a tradução da Palavra de Deus e sobre como a Bíblia chegou até nós, considerando a transmissão da verdade, as versões e as traduções realizadas. Atualmente a Bíblia é o livro mais divulgado do mundo, chegando a ser traduzido para mais de duzentas línguas e, partes dela, aparecem em mais de mil línguas e dialetos. A história das traduções apresentada neste tópico reflete o elo definitivo na cadeia de comunicação que provém de Deus para nós.



Até aqui, vimos a redação e a cópia dos manuscritos originais da Sagrada Escritura, o papel e o trabalho da crítica textual na preservação do texto dos documentos originais.

2 TERMOS RELATIVOS ÀS TRADUÇÕES E VERSÕES

A transmissão da Palavra de Deus se refere, no aspecto histórico-humano, à invenção da escrita em 3.000 a.C., ao início das traduções antes de 200 a.C. e à invenção da imprensa e desenvolvimento da mesma a partir de 1.500 d.C.

Antes de tratarmos do assunto das traduções em si, precisamos conhecer certos termos técnicos da história da tradução da Bíblia, a fim de evitar a confusão de termos.

As DEFINIÇÕES são termos intimamente ligados:

- a) **Tradução** – É a simples transposição de um texto de uma língua para outra.
- b) **Tradução Literal** – É o esforço em traduzir com a maior exatidão e fidelidade possível o sentido das palavras originais de determinado texto. Neste estilo o texto é relativamente rígido, palavra por palavra.

- c) **Transliteração** – É a versão das palavras de um texto para as palavras correspondentes em outra língua, levando-se em consideração a cultura daquele povo para o que texto não lhe pareça esquisito.
- d) **Versão** – É a tradução de uma língua para outra, envolvendo a língua original de determinado manuscrito.
- e) **Revisão** – São traduções feitas a partir de línguas originais, cujos textos foram revistos de forma crítica para corrigir erros e inserir emendas ou substituições. É também conhecido como Versão Revista.
- f) **Paráfrase e Comentário** – É uma tradução livre que tem como objetivo trazer uma interpretação da tradução do texto. Exemplo: A Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH) da Sociedade Bíblica do Brasil. O exemplo mais antigo deste trabalho é o *Midrash*, um comentário judaico do AT.

3 TRADUÇÕES BÍBLICAS

O tema que abordaremos agora traz exposição para a obtenção do seu conhecimento, observando-se a história, a cronologia das traduções até chegarmos aos dias atuais.

O processo e o trabalho de tradução da Bíblia mostram a sua vitalidade e demonstram a sua necessidade. As traduções ocorreram e acontecem desde os tempos entre os judeus e, depois, através do trabalho missionário da igreja cristã até nossos dias. Há três categorias gerais de traduções da Bíblia: as antigas (antes de 350 d.C.), as medievais (350 a 1.400 d.C.) e as modernas (a partir de Wycliffe).

Quando falamos em manuscritos, referimo-nos às cópias nas línguas originais. As traduções dizem respeito às cópias nas línguas originárias em que a Bíblia é traduzida. As traduções são necessárias por três razões:

- Nem todos os povos falam a mesma língua.
- As línguas estão sempre se modificando.
- A Palavra de Deus está espalhada em muitos países, portanto, é necessário tê-la na língua própria do povo.

Cabe-nos lembrar que as traduções não são inspiradas por Deus, mas servem como testemunho da existência e da autenticidade dos originais. O trabalho da crítica textual continua sendo importante, pois se a tradução não conseguir algumas palavras exatas, terá que alcançar o sentido cultural das palavras sem conflito de qualquer doutrina.

4 PRINCIPAIS TRADUÇÕES

São as mais antigas e puras traduções dos autógrafos da Bíblia:

- O Pentateuco Samaritano. Originário do período de Neemias, em Jerusalém, apresenta tendências culturais e ambientais hebraicas. Foi descoberto em 1.616 d.C.
- Os *Targuns* Aramaicos. São paráfrases originárias, provavelmente, da época de Esdras. Eram textos explicativos da linguagem arcaica hebraica da *Torá*, elaborados na língua do dia-a-dia. Há *targuns* da era pré-cristã, porém os mais antigos foram escritos durante o século II d.C., dando origem ao *Targum* Palestino Oficial, originário das famílias de paráfrases chamadas *Targuns* aramaico-babilônicos. Os *Targuns* que mais se destacaram foram:
 - a) O *Targum* de Onquelos (*Ongelos* ou *Áquila*), século III.
 - b) O *Targum* de Jônatas Ben Uzziel (babilônico em aramaico), século IV.
 - c) O *Targum* do Pseudo-Jônatas, sobre o Pentateuco, século VII d.C.
 - d) O *Targum* de Jerusalém, ano 700 d.C., ainda resta apenas um fragmento.

Estes *Targuns* têm valor hermenêutico, pois trazem em si a maneira como a Escritura era interpretada pelos rabinos.

- O *Talmude* e o *Midrash*

O *Talmude* (instrução), data do período talmúdico (100 – 500 d.C.) Trata-se da Lei Civil Canônica Hebraica com base na *Torá*. Traz as opiniões e as decisões dos rabinos (mestres judeus), de 300 a 500 d.C., dividindo-se em:

- a) O *Midrash* (estudo textual) era uma exposição formal, doutrinária e homilética das Escrituras, em hebraico ou aramaico (100 até 300 d.C.) que deu origem à *Halaka* (procedimento, declaração, explicação), que é uma expansão adicional da *Torá* com comentários de todo o AT. Eram comentários, não paráfrases.
- b) A *Gemara* (término, finalização) era um comentário em aramaico, ampliado da *Mishna*. Foi transmitida em duas tradições: *Gemara* Palestina e *Gemara* Babilônica que era maior e dotada de mais autoridade.

A “*Mishna*” (repetição, explicação) foi concluída em 200 d.C. Trazia todas as Leis orais dos judeus, desde o tempo de Moisés. Era considerada como a Segunda Lei, sendo *Torá*, a primeira.

FIGURA 36 – O TALMUDE – O MIDRASH – O MISHNA – TORÁ



Talmude



Midrash



Mishna



Torá

FONTE: Disponível em: <www.viverconsciente.com>; <www.soncino.com>; <en.wikipedia.org>; <www.circulando.com>. Acesso em: 10 set. 2008.

● Traduções Siríacas

São traduções na língua aramaica, a língua do povo, a língua falada nas ruas nos tempos de Cristo, comparáveis ao grego *koiné* e ao latim da *Vulgata*.

As principais traduções siríacas são:

- a) Siríaca *Peshita* (lit. simples), data do século II. Segue o texto massorético e se tornou a versão autorizada e principal do cristianismo siríaco. A edição padrão do NT siríaco data do século V.
- b) Versão *Siro-Hexaplárica*, de 616 d.C. Era uma tradução siríaca inserida na quinta coluna da obra de Orígenes, intitulada *Héxapla*.
- c) *Diatessaron* de Taciano (170 d.C.) – Taciano foi discípulo de Justino Mártir. Após a morte de Justino, Taciano escreveu uma Harmonia dos Evangelhos, denominada *Diatessaron* (lit. através dos quatro). Esta obra foi substituída pela obra de Teodoro (423 d.C.), que era outra tradução dos Evangelhos dos Quatro Evangelistas.
- d) Manuscritos da Antiga Siríaca (final do século II, início do século III) – São dois manuscritos referentes aos Evangelhos: Siríaca Curetoniana (pergaminho) e Siríaca Sinaítica (palimpsesto), chamados de Os Separados.
- e) Outras Versões Siríacas – O Novo Testamento (508 d.C.), revisado por Policarpo (bispo); a tradução Siríaca Filoxeno (616 d.C.), baseada no texto do bispo Zenaia (Filoxeno), reeditada pelo bispo Tomás de Heracleia, conhecida como *Siríaca Heracleana*; Siríaca Palestinense (século V), originária de lecionários dos evangelhos. Desta obra só há fragmentos.
- f) Traduções Secundárias – São os manuscritos denominados paleo-hebraicos, antecedentes às obras siríacas, que não podem ser chamados de traduções. Mas deram base para as obras posteriores.

- Traduções Nestorianas – Nestório foi o fundador desta ordem. Os nestorianos persas fundaram uma igreja a partir de um cisma (divisão) devido à condenação de seu fundador no Concílio de Éfeso (431 d.C.). Levaram o Evangelho e traduziram a Bíblia para várias línguas à medida que se deslocavam pela Ásia. Fragmentos dessa obra permanecem.
- Traduções Arábicas (622 d. C.) – A Bíblia foi traduzida para o árabe, com base no texto grego, do siríaco, do copta e do latim e de combinações desses idiomas, depois da fundação do islamismo. A tradução padrão do AT para o árabe foi feita produzida pelo estudioso Saadia Caon. As traduções do AT têm base no texto original e do NT nas traduções, o que auxilia a crítica textual.
- Traduções para o Antigo Persa (século XIV) – Há duas traduções dos evangelhos conhecidas, para o persa antigo, baseados no grego e nos textos siríacos.

5 A SEPTUAGINTA (LXX)

A mais antiga versão que existe é a Septuaginta. Esta é uma tradução livre, feita em 285 a.C., destinada provavelmente aos judeus que foram espalhados por todas as nações, uns 160 anos depois da volta de Neemias do cativeiro. Foi a obra de tradução do hebraico para o grego, feita por setenta redatores, líderes do judaísmo em Alexandria. A Septuaginta (gr., setenta), representada pelos números romanos LXX, foi base de muitas traduções.

FIGURA 37 – FRAGMENTO DE PAPIRO – CÓDEX DA LXX



FONTE: Disponível em: <ccat.sas.upenn.edu/rs/rak/earlypap.html, web.bg.uc.pt>. Acesso em: 3 set. 2008.

O grupo de tradutores foi constituído de seis membros de cada uma das doze tribos de Israel, e concluíram o seu trabalho em 72 dias.

A Bíblia Hebraica era usada para leituras públicas nas sinagogas e a LXX, um texto fiel ao AT original, representava uma obra exemplar dos esforços pioneiros de tradução do texto hebraico do AT. Era considerada uma obra especializada dos escribas.

A LXX é fiel aos textos massoréticos tanto quanto os manuscritos do Mar Morto.

A importância da Septuaginta LXX:

- Serviu de ponte religiosa entre os judeus e os demais povos de língua grega.
- Atendia as necessidades dos judeus de Alexandria.
- Cobriu a distância histórica que separava os judeus do AT dos judeus e cristãos de língua grega que adotaram a LXX.
- Foi uma abertura para os missionários e para os estudiosos cristãos para que fizessem novas traduções da Bíblia em vários idiomas e dialetos.
- A LXX eliminou o vazio entre o AT hebraico e os Códices da Igreja.
- A LXX demonstra a pureza do texto hebraico.

6 OUTRAS TRADUÇÕES GREGAS

As outras traduções, na língua grega, que merecem menção são as seguintes:

- A versão de Áquila, um homem natural de Sinope, em Pontus, parente do Imperador Adriano, que se converteu do paganismo ao judaísmo. No século II, ele procurou fazer uma tradução liberal do texto hebraico.
- A versão de Teodotion (Teodócio), de Éfeso (150-185), na qual a Septuaginta ou a versão de Áquila foram revisadas.
- A versão de Symmachus (Símaco) de Samaria (185-200). Seguiu a Teodócio no tempo e na Teologia. Era um samaritano convertido ao judaísmo. Seu objetivo foi uma tradução idiomática (sentido da tradução) do texto hebraico para o grego. Seu texto, com elevados padrões de exatidão, influenciou tradutores da Bíblia que surgiram posteriormente. Tal fato o coloca muito próximo do nível dos tradutores atuais, pois suas expressões, são excelentes, perfeitas quanto à idiomática, ou seja, transformou expressões hebraicas em expressões gregas, com excelência e perfeição.

- A Hécapla (lit. composto de seis partes) de Orígenes (185-254). Foi uma tradução de realce para a crítica textual, dividida em seis colunas paralelas, feita por Orígenes de Alexandria. Foi essencialmente uma revisão para corrigir corrupções textuais e unificar os textos hebraicos e gregos. Orígenes desejava mostrar a superioridade das várias revisões do AT e oferecer uma visão comparativa dos textos hebraicos corretos.

As Traduções realizadas a partir do texto grego foram:

- a) A Tradução Copta (século IV, NT). O Copta é a última forma de escrita egípcia antiga. Nesse sistema de escrita, a Bíblia foi traduzida para:
- O dialeto copta Saídico de Tebas do Sul do Egito.
 - O dialeto copta Boaírico de Mênfis, na região do Delta, uma localização central, próxima a Alexandria. Este foi o dialeto básico da igreja do Egito.
 - Dialeto do centro do Egito, relativos aos centros de Tebas e de Alexandria. Não existe mais nenhum exemplar nesses dialetos.

A Tradução Copta do AT foi feita a partir da Septuaginta.

- b) A Tradução Etíope (séculos IV e V). À medida que o cristianismo se espalhou e penetrou na Etiópia a partir do Egito, surgiram traduções nesta língua. A tradução completa da Bíblia para o etíope provavelmente foi feita por monges sírios que mudaram para aquela região durante vários séculos. Os manuscritos sobreviventes têm, basicamente, origem bizantina.
- c) A Tradução Gótica. A região germânica entre o Reno e o Danúbio foi evangelizada antes do Concílio de Niceia (325). Úlfilas (311-381), o apóstolo dos godos, na área conhecida como Bulgária, traduziu fielmente a Bíblia grega para o gótico. Há fragmentos deste trabalho, constituindo-se o documento mais antigo num dialeto de língua do grupo alemão, ao qual o inglês pertence. O gótico e o copta foram escritas criadas com o único propósito de escrever as Escrituras nas línguas daquele povo.
- d) A Tradução Armênia. Esta é uma tradução considerada secundária porque se origina de outras traduções. Foram realizadas como resultado da evangelização da igreja síria. A tradução armênia é uma das mais importantes das secundárias. A primeira tradução foi realizada com base num texto siríaco (Siríaca *peshita*), por um sobrinho e discípulo de Mesrobe, um soldado que se tornou missionário (439). A tradução baseada na hexaplárica foi revisada de acordo com a Peshita.

7 TRADUÇÕES EM LATIM E AFINS

No século II, o latim suplantou o grego e foi, por muitos anos, a língua diplomática da Europa. Ao longo da costa setentrional da África, organizaram-se igrejas compostas de pessoas de língua latina. Sua história e origem são desconhecidas. O AT foi vertido em Septuaginta e ao NT faltavam os seguintes livros: Hebreus, Tiago e 2 Pedro. Tertuliano e os seus contemporâneos usaram-na livremente. Esta tradução foi a base da *Vulgata*, a qual se tornou a Bíblia autorizada da Igreja Católica Apostólica Romana.

O aramaico foi a língua oficial da Palestina após o cativo babilônico. Era a língua materna de Cristo e dos apóstolos. O grego e o latim se espalharam à medida que o Império Romano crescia e o latim passou a ser a língua militar do Oriente. Do grego ático (490 a.C.) surgiu a era helenística trazendo o grego helenístico, o *koiné dialektos* que derivava de uma mistura de vários dialetos gregos, sendo o grego, popular e oficial. Somente a partir de 265 d.C. o latim se tornou a língua comum do povo. Traduções da Bíblia começaram a ser produzidas em latim. A Antiga Latina (AT) foi uma tradução precedente à Vulgata de Jerônimo, originária da África, usada por Tertuliano e por Cipriano, da qual temos apenas citações e fragmentos em nosso tempo. Houve também uma versão do Novo Testamento denominada Antiga Latina, da qual sobreviveram dezenas de manuscritos e fragmentos, não existindo nenhuma cópia em códice (livro de peles). A Antiga Latina continuou a ser copiada por muito tempo até ceder lugar à Vulgata. O texto europeu da Antiga Latina foi usado por Irineu e Novaciano e, também, foi mencionada por Agostinho, bispo de Hipona, que foi o precursor da Vulgata.

FIGURA 38 – S. AGOSTINHO

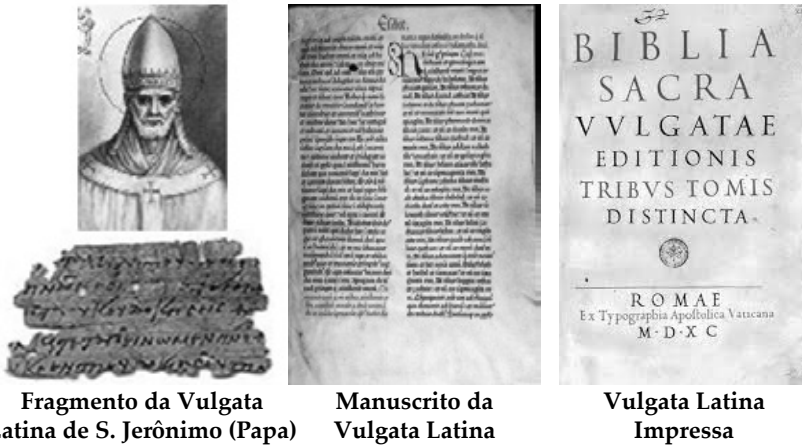


FONTE: Disponível em: <www.colcristorei.com.br>.
Acesso em: 10 set. 2008.

8 A VULGATA LATINA

No ano 383 d.C., São Jerônimo (Sofrônio Eusébio Jerônimo) era um dos mais sábios do seu tempo, sendo secretário de Damasus, bispo de Roma. Foi convidado por Damasus para corrigir e melhorar a Bíblia Latina em uso nas igrejas do Leste? Aquele sábio completou a revisão do NT. Depois da morte de Damasus, Jerônimo mudou-se para Belém, onde fundou um mosteiro. Ali, aos 80 anos de sua vida, começou uma nova tradução do AT hebraico para o latim, com base no Códice Veronense. Este é conhecido como Vulgata, e ficou sendo a base de todas as traduções, por mais de mil anos. No Concílio de Trento (1545-1547), a Vulgata foi proclamada autêntica e um anátema foi pronunciado sobre qualquer pessoa que afirmasse que qualquer livro que nela se achava não fosse totalmente inspirado em toda parte, concordando com a decisão do Concílio em ter uma edição autorizada e uniforme. A respeito deste assunto, Sixtus V publicou um texto, em 1.590 d.C. Contudo, Clemente VII, em 1592 d.C., o fez também e omitiu os livros de 3 e 4 Esdras, 3 Macabeus e a Oração de Manassés. A razão desta decisão foi retirar de circulação a edição anterior e publicar uma edição melhor, a qual tem sido a Bíblia seguida pelos católicos romanos em todas as suas traduções.

FIGURA 39 – FRAGMENTO – MANUSCRITO – VULGATA LATINA IMPRESSA



Fragmento da Vulgata Latina de S. Jerônimo (Papa)

Manuscrito da Vulgata Latina

Vulgata Latina Impressa

FONTE: Disponível em: <www.shemaysrael.com>; <upload.wikimedia.org>; <oblogdoalex.blogspot.com>. Acesso em: 3 set. 2008.

9 OUTRAS TRADUÇÕES POSTERIORES DO LATIM

Com a chegada do cristianismo no centro-oriental da Europa, onde se localizava o Império Morávio, a pedido de Rotislav (fundador do reino), o imperador Miguel III enviou os irmãos Metódio e Constantino (Cirilo), ambos de Tessalônica à Moravia a fim de realizarem cultos em latim para o povo eslavônico. A fim de realizarem seu trabalho, os monges criaram o alfabeto cirílico que é, ainda, o meio de escrita do russo, do ucraniano, do servo-croata e do búlgaro, desde o século X. Em seguida Cirilo e Metódio começaram a tradução da Bíblia do latim para os eslavos.

FIGURA 40 – OS IRMÃOS CIRILO E METÓDIO



FONTE: Disponível em: <www.bnr.bg>. Acesso em: 10 set. 2008.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você aprendeu que:

- Há termos relativos ao trabalho de tradução, cuja compreensão é importante para que entendamos as ações que envolvem este complexo trabalho até os nossos dias.
- As traduções e versões da Bíblia, a partir do original grego e hebraico, datam de tempos remotos. Fato do qual inferimos que não ocorreu apenas uma iniciativa meramente humana para disseminar a Escritura, mas principalmente, que houve a ação de Deus conduzindo a história de tal maneira que a Sua Palavra não se perdesse através do tempo e da história.
- Os esforços para realizar o trabalho de tradução foram feitos com o propósito de transmitir a Palavra de Deus a outros povos de maneira cada vez mais aperfeiçoada.
- A história das traduções e versões da Bíblia reflete o elo definitivo na cadeia de comunicação que provém de Deus para nós. O desejo de Deus sempre foi revelar-Se e comunicar-Se com o homem.

AUTOATIVIDADE



- 1 Há vários termos técnicos aplicados à história da tradução da Bíblia. Por que é importante entendê-los?
- 2 Qual é a diferença entre uma Tradução e uma Versão?
- 3 As traduções mais antigas e mais importantes na história da tradução da Bíblia foram a Septuaginta (LXX) e a Vulgata Latina. Responda:
 - a) O que é a Septuaginta e quem a traduziu?
 - b) O que é a Vulgata Latina e quem a traduziu?



TRADUÇÕES E VERSÕES SECUNDÁRIAS

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico, você estudará as importantes traduções e versões da Bíblia consideradas secundárias, as traduções fundamentadas no texto latino, a tradução para o português, como a Bíblia chegou ao Brasil e as versões mais atuais.

2 A TRADUÇÃO PARA O INGLÊS

A tradução da Bíblia, na língua vernácula, foi ainda mais impulsionada na Renascença. Como vimos anteriormente, as traduções representaram um período importante na história da Bíblia e do desenvolvimento do cristianismo. Entretanto, na continuidade histórica, devido às perseguições impostas aos cristãos, os reformadores da igreja fugiram de um país para outro, tornando-se difícil afirmar em qual parte do continente europeu a Renascença teve maior influência. Em toda parte rompeu a Reforma. O NT (em grego, 1516), de Erasmo, **Erasmo de Rotterdam**, cujo nome era Desiderius Erasmus, um erudito que tinha o desejo ardente de deixar a Bíblia clara e inteligível para todos, serviu de base de muitas traduções e versões.

FIGURA 41 – ERASMO DE ROTTERDAM – EPÍSTOLA AOS ROMANOS DE ERASMO



Erasmo (1516)



Epístola aos Romanos de Erasmo

FONTE: Disponível em: <edsongil.wordpress.com> e <iesousxristos.bravehost.com>. Acesso em: 10 set. 2008.

As traduções em inglês são muito importantes, porque existem mais traduções modernas da Bíblia nesta língua do que em outros idiomas. O inglês se desenvolveu a partir de um dialeto do baixo-alemão, sendo uma língua originária do ramo teutônico ocidental das línguas de família indo-européia e foi se modificando do antigo inglês (450 – 1.100 d.C.) para o período do médio inglês (1.100 – 1.500 d.C.), época de Geoffrey Chaucer e Wycliffe. Após a invenção da imprensa ocorreu o período do inglês moderno (1.500 d.C. até hoje), marcado por muitas mudanças vocálicas. Neste período morre Chaucer e nasce William Shakespeare. As traduções inglesas são melhor compreendidas a partir do conhecimento desta história.

As traduções parciais para o antigo inglês foram traduções da antiga latina e da vulgata. Assim, a Bíblia passou a entrar para a língua inglesa.

Foram traduções feitas apenas em quadros, pregações, poemas e paráfrases:

- a) *Cedmão (680)* – A História de *Cedmão*, encontrada na História Eclesiástica de *Beda*.
- b) *Aldhelm (640-709)* – O Bispo Aldhelm traduziu o *Saltério* (Salmos) para o inglês, foi a primeira tradução direta da Bíblia.
- c) *Egberto (700)* – Arcebispo de Iorque traduziu os Evangelhos.
- d) *Beda, o Venerável (674-735)* – Beda foi o maior estudioso inglês e europeu de sua época. Escreveu a famosa História Eclesiástica. Entre suas obras há a tradução do evangelho de João, terminada na hora de sua morte.
- e) *Alfredo, O Grande (849-901)* – Alfredo foi estudioso e rei da Inglaterra. Durante seu reinado, no Tratado de Wedmore (878) previu para os novos súditos o batismo cristão e a fidelidade ao rei. Fez juntamente com a tradução da *História Eclesiástica* de Beda do latim para o inglês, a tradução dos *Dez Mandamentos*. Durante sua época a Inglaterra experimentou o reavivamento cristão.
- f) *Aldred (950)* – Introduziu à história da Bíblia a cópia latina. Da obra de Eadfrid, bispo de Lindisfarne (698-721), surge a obra de Aldred, cujo nome foi os *Evangelhos de Lindisfarne*, seguida pela obra de MacRegol, os *Evangelhos de Rushworth*. Aldred escreveu um comentário entre as linhas de uma cópia dos evangelhos, em latim, a princípio.
- g) *Aelfric (1000)* – Bispo de Eysam, em Wessex, traduziu partes dos sete primeiros livros do AT, baseadas no texto latino. Antes de Aelfric, os Evangelhos de Wessex foram traduzidos.

2.1 AS TRADUÇÕES PARCIAIS PARA O MÉDIO INGLÊS (1100 – 1400)

Estas traduções ocorreram no período histórico de domínio dos normandos:

- a) Orm ou Ormin (1200) – Paráfrase poética dos Evangelhos e Atos acompanhada de comentário.
- b) Guilherme de Shoerham (1320) – Tradução em prosa de uma parte da Bíblia.
- c) Ricardo Rolle (1320 – 1340) – Segunda tradução literal da Bíblia para o inglês.

2.2 AS TRADUÇÕES COMPLETAS PARA O MÉDIO INGLÊS E PARA O INGLÊS MODERNO

- a) **John Wyclif (1320 – 1384)** – Reformador de extrema relevância para a história da Igreja, lutou contra a apatia espiritual e a degeneração moral do clero inglês, tornou-se forçosamente notório na oposição ao papado. Foi dirigido pelos lollardos, os sacerdotes pobres. Foi contemporâneo de Geoffrey Chaucer e João de Gaunt e o primeiro a traduzir a Bíblia para o médio inglês afastando o latim escolástico da comunicação e do culto junto aos ingleses. Seus exemplares eram feitos à mão, porque a imprensa ainda não tinha sido inventada. Wyclif foi excomungado (expulso) da igreja e sua tradução foi condenada porque tornou a Bíblia acessível aos ingleses em sua própria língua. Sua obra foi terminada após sua morte por Nicolas de Hereford.

FIGURA 42 – JOHN WYCLIFF (1.320-1.384) – BÍBLIA MANUSCRITA POR WYCLIFF (1440) – PÁGINA DA BÍBLIA DE WYCLIFF



FONTE: Disponível em: <www.revelation-today.com>. Acesso em: 10 set. 2008.

- b) **João Purvey (1354 – 1428)** – Era secretário de Wycliffe e fez uma revisão da primeira Bíblia deste, em 1395, conhecida como a Versão Posterior de Wycliffe, na qual se substituíram muitas expressões do latim por expressões inglesas natas. Esta versão foi disponibilizada antes da obra de João Huss (1369 – 1415) e antes da invenção da imprensa. O resultado do trabalho de Purvey foi o enfraquecimento da influência papal sobre o povo da Inglaterra.

c) **William Tyndale (1492 – 1536)** – Com Tyndale se iniciam as traduções da Bíblia no século XVI. Era a época da Renascença. Gutenberg criou a imprensa, foi publicada a Bíblia Mazarin, o grego começou ser estudado na Universidade de Paris, a Bíblia hebraica foi publicada. Esta tradução foi mais exata para o inglês, a partir dos originais do hebraico e grego, tendo influências de Wycliffe e Lutero, o que colocou Tyndale sob constantes ameaças e sua obra sob muitos ataques. Por causa do seu trabalho, quando ainda não concluído, foi seqüestrado na Antuérpia e foi levado à fortaleza de Vilvorde, em Flandres. Lá continuou a traduzir a Bíblia. Seus exemplares impressos foram espalhados pela Inglaterra. Por causa disto, em 1536 a Igreja o condenou por heresia, o destituiu do sacerdócio e ordenou que fosse queimado vivo. Na hora da sua execução clamou: Senhor abre os olhos do rei da Inglaterra. Deus foi-lhe fiel e realizou o seu pedido.

FIGURA 43 – WILLIAM TYNDALE – TEXTO DA BÍBLIA DE TYNDALE (1536)



FONTE: Disponível em: <www.specialtyinterests.net e www.newtestamentchurch.org>. Acesso em: 10 set. 2008.

d) **Miles Coverdale (1488 – 1569)** – Foi assistente de Tyndale em Antuérpia, sua obra foi mais que uma revisão da tradução completa de Tyndale, pois Coverdale acrescentou elementos abstraidos das traduções alemãs. Nesta versão se encontram resumos de capítulos e algumas novas expressões no texto traduzido. Aqui, através desta obra ocorreu a marca distinta de separação entre o AT e os apócrifos escritos depois da Vulgata ter alcançado posição elevada no ocidente.

e) **Thomas Matthew (1500 – 1555)** – Este foi o pseudônimo literário de John Rogers, o primeiro mártir perseguido pela rainha Mary Tudor. Rogers foi assistente de Tyndale e publicou a Bíblia inglesa que conjugava Tyndale e Coverdale com acréscimo de notas e referências e substrações dos franceses Lefréve (1534) e Olivertan (1535). A edição desta Bíblia em 1537 foi autorizada pelo rei Henrique VIII e fez com que circulassem pela Inglaterra duas Bíblias inglesas após a morte de Tyndale.

- f) **Richard Taverner (1505 – 1575)** – Era um leigo com grande conhecimento do grego. Revisou Matthew e produziu uma tradução aprofundada em relação ao grego, em 1539, contudo, sua obra foi ultrapassada por outra revisão da Bíblia de Mathew, no mesmo ano, denominada a Grande Bíblia.
- g) **A Grande Bíblia** – Esta tradução surgiu devido à grande e frequente intimidação sobre o Rei Henrique VIII por causa das obras de Coverdale e Mathew. Coverdale com a aprovação do Rei, Thomas Cromwell (1485 – 1540), protestante e presidente da Câmara dos Pares e o primeiro arcebispo protestante de Cantuária e Thomas Cranmer (1489 – 1556), se dispuseram a preparar um novo texto, para a Bíblia, usando o trabalho de outros homens. A Grande Bíblia foi colocada à disposição do povo inglês, acalmando a situação difícil e tensa para a Bíblia na Inglaterra devido ao fato da maioria dos bispos ainda pertencerem à Igreja Católica Romana.
- h) **A Bíblia de Crammer (1540)** – Foi uma edição especial da Grande Bíblia com prefácio, foi assinada pelo Arcebispo Cranmer de Cantuária, trazia algumas revisões baseadas na obra anterior. Até 1547, esta Bíblia tornou-se predominante nas igrejas, não sendo, nem mesmo, revogada durante o reinado de Mary Tudor (1553 – 1558), no qual houve perseguição.
- i) **A Bíblia de Genebra (1557 – 1560)** – Esta Bíblia surgiu devido à perseguição de Mary Tudor e, conseqüentemente, não foi patrocinada pela igreja oficial. Nesta ocasião, muitos reformadores fugiram para o continente a fim de se refugiarem e entre eles estavam Miles Coverdale e John Knox (1513 – 1572) os quais produziram uma revisão da Bíblia muito influente na Inglaterra. A Bíblia de Genebra se tornou extremamente popular e fez frente às posteriores. Esta era a Bíblia de cada casa na Inglaterra. Foi usada pelos puritanos, citada por Shakespeare e usada na tradução de 1611. Com citações mais suaves do que as utilizadas por Tyndale, ainda que para os reis Elisabete I (1558 – 1603) e Tiago I (1603 – 1625), fossem calvinistas demais.

FIGURA 44 – MILLES COVERDALE E JOHN KNOX



FONTE: Disponível em: <www.s9.com e www.fbinsitute.com>. Acesso em: 17 set. 2008.

- j) A Bíblia dos Bispos (1568)** – A Bíblia dos Bispos foi uma revisão da Grande Bíblia, a Bíblia autorizada das igrejas, realizada por um grupo de eruditos que incluía oito bispos, daí o seu nome. O trabalho apresentou uma tradução superior do texto grego e o NT foi publicado com folhas mais espessas para o uso e como a Grande Bíblia continha poucas notas nas margens, foi publicada *cum privilegio regiae majestatis*, sua distribuição por todo país, em todos os lares, igrejas e catedrais, foi decretada por convocação em 1571. Esta Bíblia foi base da revisão e da versão autorizada de King James I (Rei Tiago I). Depois dela, se iniciaram as traduções modelares da Bíblia em inglês, de maneira que não só protestantes se empreenderam na tradução da Bíblia, mas também os católicos romanos ingleses se motivaram a realizar este trabalho ainda no período de perseguição de Mary Tudor. Por causa da multiplicidade de traduções que ocorreram até a entronização do Rei Tiago I em 1603, o próprio rei ordenou uma nova tradução unificada e com autoridade que servisse de base para o debate teológico e para o uso dos diversos grupos dentro da igreja. Desta feita, a Bíblia do Rei Tiago tornou-se a Bíblia mais influente de todas as traduções dos cristãos protestantes ingleses.
- k) A Bíblia de Rheims-Douai (1562 – 1609)** – Rheims, católico romano, traduziu o NT (1582) a partir da Faculdade Inglesa de Douai (católica). Esta Bíblia, solicitada pela hierarquia romana foi produzida para contrapor-se às traduções inglesas protestantes, mas tinha limitações pela fraqueza da versão do texto baseado em outra tradução, a Vulgata Latina, e não nos originais, hebraico e grego. O AT, por Martin e Allen, com notas de Wortington, foi publicado em 1609, devido a dificuldades financeiras e ao surgimento de muitas outras versões da Vulgata. Esta tradução tinha conformidade com o texto sixtino-clementino (1592) e trazia notas de interpretação harmonizadas com o Concílio de Trento (1546 – 1563). O NT de Rheims teve tempo suficiente para circular, influenciar os tradutores da Bíblia inglesa de 1611 (King James).
- l) A Bíblia do Rei Tiago (1611) *The King James Bible*** – Esta versão foi traduzida por ordem do Rei James I, da Inglaterra. Quarenta e sete mestres, dos cinquenta e quatro escolhidos de seis grupos de tradutores oriundos de Cambridge, Oxford e Westminster, compararam todos os manuscritos disponíveis antes de começar a tradução. Era um critério terem como base de trabalho a Bíblia dos Bispos, e recorrerem às traduções de Tyndale, Mathew, Coverdale, Whitchurche e de Genebra, caso que estas traduções se aproximassem mais do texto original. Esta versão autorizada, de fato, não foi uma versão, mas foi uma Bíblia que substituiu a Bíblia dos Bispos nas igrejas. Por ter sido feita no formato da Bíblia de Genebra, esta tradução conseguiu maior influência na Inglaterra. Posteriormente, o Parlamento durante o reinado do Rei Carlos estabeleceu uma comissão para realizar a revisão da versão autorizada do Rei Tiago, mas os resultados foram insignificantes. Em 1701, 1762 e 1769 foram feitas revisões pelo Dr. Blayney de Oxford. Pequenas mudanças continuaram a surgir até 1967 no texto desta versão, as quais constam na versão *New Scofield reference edition* (Nova edição de referência de Scofiel). Embora, atualmente, novas edições revistas e mais exatas tenham aparecido, a versão original continua sendo a mais conhecida por todo o povo inglês, desde 1611.

FIGURA 45 – O REI TIAGO – A VERSÃO ORIGINAL DE KING JAMES – SALMO 23, PÁGINA ORIGINAL (1611) DA VERSÃO KING JAMES



FONTE: Disponível em: <www.rarebookreview.com>; <www.associatedcontent.com>; <www.bibleandscience.com>. Acesso em: 10 set. 2008.

FIGURA 46 – A BÍBLIA DE GENEBRA



FONTE: Disponível em: <olharcristao.blogspot.com>. Acesso em: 17 set. 2008.

m) A Bíblia de Rheims-Douai-Challoner (após 1653) – Esta foi a principal tradução da Bíblia em inglês para os católicos romanos ingleses, a qual surgiu no período da Reforma, a partir da Faculdade Inglesa de Douai. Não é a única tradução católica para o inglês, mas trata-se da tradução que foi ganhando espaço até 1635. Richard Challoner, bispo de Londres, publicou a segunda edição revisada desta Bíblia em 1749 – 1750. Nomes posteriores de importância nas traduções católicas inglesas foram Cornelius Nary (1718), Robert Witham (1730), outras revisões foram surgindo até 1772 por Challoner. O mundo católico inglês, desde então, tem uma grande dívida e gratidão para com o Dr. Challoner.

n) A Bíblia da Confraria da Doutrina Cristã (1790) – Foi a primeira Bíblia Católica dos Estados Unidos, baseada na combinação das obras de Douai, de Challoner e de Rheims-Challoner. A Junta Episcopal da Confraria de Doutrina Cristã, em 1936, iniciou uma nova revisão do NT de Rheims, sob a direção de Edward P. Arbez, com base na Vulgata Latina. Nesta versão, muitas das expressões antigas e notas foram eliminadas. O Novo Testamento da Confraternidade foi publicado em 1941 e adotado pelos católicos ingleses em todo o mundo por ocasião da Segunda Guerra Mundial. O Papa Pio XII publicou, em 1943, a encíclica *Divino affante Spiritu*, declarando que as traduções da Bíblia podiam se basear nos textos originais, em hebraico e grego e, não apenas na Vulgata Latina. (GEISLER e NIX, p. 235). Esta declaração revolucionou e inverteu a posição tomada pelos tradutores católicos de Rheims-Douai. Agora, a tradução seria com base nas línguas originais e não a partir de uma tradução em latim. Em 1970, Louis F. Hartman lança a *New American Bible* (Nova Bíblia Americana) baseada nos textos originais. Esta é a Bíblia Oficial Católica nos Estados Unidos.



O Papa Pio XII publicou, em 1943, a encíclica *Divino affante Spiritu*, declarando que as traduções da Bíblia podiam basear-se nos textos originais, em hebraico e grego, e não apenas na Vulgata Latina.

o) Wynouth, Hoffatt, Goodespeed, Williams - Estes, entre outros, traduziram ultimamente a Bíblia na linguagem moderna.

p) A Tradução de Knox (1935) – Esta é a Bíblia Católica Oficial do Reino Unido, solicitada por Ronald A. Knox em 1939, o Monsenhor Knox. Esta solicitação ocorreu após a declaração do Papa Pio XII, mencionada acima. Esta tradução não se baseou nos originais, mas no texto da Vulgata sixtino-clementina (1592), contudo, Roma deu sua sanção oficial à tradução de Knox para os católicos ingleses. *Revised Standar Version* (1946) - Esta versão do NT foi bem recebida em toda parte e está sendo largamente usada para estudos bíblicos.

q) As Traduções Católicas em Língua Moderna – A posição inicial da Igreja Católica Romana em relação à publicação da Bíblia por leigos foi de condenar tal prática. Mas havia opiniões favoráveis a respeito da produção do texto por estudiosos católicos leigos. Então, surgiram as demais traduções católicas conforme segue: Bíblia de Coyne (1811); Novo Testamento de Newcastle (1812); Bíblia de Rheims-Douai sem notas em 1813; Bíblia de Haydock (1811 – 1814); Bíblia de MacNamara (1813 – 1814); Novo Testamento de Bregan (1814); Bíblia de Gibson (1816 – 1817); uma versão dos evangelhos pelo Pe. Francis Spender (1901, publicada em 1937); O Novo Testamento do Leigo (Londres, 1928); nova

versão do Novo Testamento supervisionada por Cuthbert Lattey, S. J., Versão de Westminster das Sagradas Escrituras. Por causa da posição oficial da Igreja Católica com relação à tradução de Knox, é pouco provável que a versão de Westminster receba o mesmo reconhecimento oficial; Novo Testamento, versão americanizada (1941); Novo Testamento traduzido do grego original com notas explicativas por James A. Kliest e Joseph L. Lilly (1956) e a mais importante e recente tradução, a Bíblia de Jerusalém (1961), traduzida dos textos originais, baseada em La Bible de Jerusalém. As notas contidas nesta Bíblia representam a ala liberal dos estudiosos católicos da Bíblia.

3 AS TRADUÇÕES E VERSÕES JUDAICAS

Esta necessidade foi demonstrada desde o surgimento da Septuaginta (LXX). Já no século III a.C., houve a necessidade da tradução para o aramaico, para atender a região de Alexandria. Durante o período medieval, os judeus foram impedidos de estudar abertamente o texto sagrado devido às circunstâncias sob as quais viviam e pela posição da Igreja em relação à participação dos judeus na crucificação de Cristo. Por volta de 1400, os judeus começaram a traduzir o AT para várias línguas. Por volta de 1800, precisamente 1789, período da Revolução Francesa, foi publicada uma versão judaica do Pentateuco como emenda à Bíblia do Rei Tiago. Em 1839, Salid Neuman faz um trabalho semelhante. Em seguida, durante o período compreendido de 1851 – 1856, o rabino Benisch produziu uma Bíblia completa para os judeus de fala inglesa. Neste ínterim, Isaac Leeser fez a versão da Bíblia Hebraica que vinha sendo utilizada nas sinagogas inglesas e americanas, mas foi tida como insatisfatória pela Sociedade Bíblica Judaica, que decidiu revisá-la em 1892. Notou-se que uma tradução nova deveria ser feita. A Nova versão judaica foi publicada em 1917, seguindo a Versão Padrão Americana. Michael Frielander, em 1884, faz uma última tentativa para emendar a tradução judaica à Bíblia do Rei Tiago, para uso dos judeus. A Sociedade Judaica de Publicação, em 1962, publicou a Torá: uma nova tradução das Santas Escrituras, segundo o texto massorético e, em 1969, o Megiloth, ambas versões baseadas no texto massorético do AT.

4 AS TRADUÇÕES E VERSÕES PROTESTANTES

Todas as revisões feitas à versão do Rei Tiago não foram oficialmente autorizadas tanto pela igreja como pela realeza. Contudo, uma revisão se fazia necessária devido às melhorias ocorridas entre os estudiosos no século XIX, as descobertas arqueológicas como um todo, as mudanças na sociedade inglesa e na sua língua.

Por ordem especial de sua majestade, R. L. Clark, Alfred Goodwin e W. Sanday fizeram a revisão que recebeu por nome Edição *Variorum* do Novo Testamento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, de 1880. Esta obra preparou as condições para o surgimento da Bíblia Inglesa Revisada e seguiu os textos tradicionais de Tyndale e Coverdale, da Grande Bíblia, da Bíblia de Genebra, da Bíblia dos Bispos e das várias edições da Bíblia do Rei Tiago.

Em 1870, uma revisão plena da Bíblia Autorizada foi proposta pelos bispos Wilberforce para o NT, e Ollivant para o AT, na convocação da Província da Cantuária. A Bíblia completa foi publicada em 1898. Em 1901, foi publicada a Edição Padrão Americana da Versão Revisada. Na seqüência, em 1937, o Concílio Internacional autorizou uma junta a revisar a Bíblia inglesa novamente. Em 1946, devido à segunda guerra mundial, foi publicado o NT e o AT em 1952. Os livros apócrifos, em 1957. Esta versão, a despeito das críticas, fornece à igreja inglesa uma revisão atualizada da Bíblia baseada no texto crítico.

A Assembléia Geral da Igreja da Escócia reuniu-se para deliberar e autorizar o trabalho de uma junta comum para uma completa e nova tradução, o que ocorreu em 1947. O NT da Nova Bíblia Inglesa foi publicado em 1961 e o AT em 1970. Os tradutores decidiram por uma versão simples. Contudo, suficiente para transmitir significado, autêntico, a par da Tradução do Rei Tiago.

A Nova Bíblia Padrão Americana (*New American Standar Version*), pela Fundação Lockman, foi uma revisão da Versão Padrão Americana (*American Standar Version*), considerada a rocha da veracidade bíblica, mas não se aproximou deste ideal, contudo, tornou-se um instrumento fiel importante para outras versões. Em 1963 foi publicado o NT e a Bíblia completa em 1970. Esta nova versão padronizada buscava fidelidade em relação às línguas originais, à gramática, à posição devida a Cristo Jesus e ser compreensível para o povo todo. Em 1976, foi publicada a Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional. Muitas publicações de traduções surgiram paralelamente às traduções citadas, anteriormente. São versões não oficiais desde o século XVIII. O século XX foi marcado pela profusão das traduções da Bíblia em inglês e uma revelação abundante de estudiosos e suas obras de tradução.

5 AS TRADUÇÕES E VERSÕES ECUMÊNICAS

Com a produção das Bíblias do segmento católico romano, evangélico e judaico, numa era ecumênica, houve a tentativa de produzir Bíblias dentro deste segmento.

Como exemplo, cito as seguintes obras:

- O Novo Testamento: edição da versão padrão revisada (1965).
- A Bíblia Âncora (1964).
- A Versão Padrão Revisada, A Bíblia Comum (1973).

Cada versão tem sido produzida por vários estudiosos de perspectivas teológicas e culturais diversificadas. E o século XX, como nenhum outro período histórico humano, possuiu, até então, o maior número de traduções, a maior disseminação da Escritura, tanto num empenho oficial como não-oficial. Esta realidade e privilégio nos trazem maior responsabilidade em relação a compreender, ensinar e pregar a Palavra revelada e inspirada pelo Deus vivo e verdadeiro.

6 TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS

As traduções para o português ocorreram em Portugal e no Brasil. Houve um período de traduções parciais que vou citar cronologicamente:

- Venturoso ou Bem-Aventurado (1279 – 1325), feita pelo rei Dom Diniz com base na Vulgata Latina. D. Diniz foi a primeira pessoa a traduzir parte do texto bíblico para o português. Esta tradução, historicamente, foi realizada antes da primeira tradução da Bíblia para o inglês (1380), feita por John Wycliffe.
- Vários membros da realeza portuguesa que tinham por motivo popularizar a Escritura para o povo, padres, freis e um cronista, fizeram alguns trabalhos de tradução até 1566. Antes da invenção da imprensa (1450), a produção dos livros era muito lenta, manuscrita em folhas de pergaminho, muito cara, o que tornava forçosamente a circulação e a disseminação da Escritura muito limitada. Em 1554, organizaram-se diversas companhias comerciais para o desenvolvimento das várias colônias dos países europeus. A Companhia Holandesa das Índias Orientais se organizou em 1602, cuja carta patente exigiu que se cuidasse de plantar a Igreja entre os povos e procurasse a sua conversão nas possessões tomadas aos portugueses, nas Índias Orientais. Foi esta companhia que, mais tarde, patrocinou a revisão do NT de João Ferreira de Almeida, em 1693.
- Os Quatro Evangelhos, início do século XIX, feita parte pelo Pe. Luiz Brandão e parte pelo Pe. Antonio Ribeiro dos Santos. Estas obras sofreram terrível perseguição da Igreja Católica Romana, por isso seus exemplares são raríssimos.

7 O PRIMEIRO LIVRO IMPRESSO POR GUTENBERG

O primeiro livro que Gutenberg imprimiu foi a Bíblia. Este processo, que iniciou a 23 de fevereiro de 1455 foi concluído por volta de cinco anos depois.

As traduções completas em português foram iniciadas por João Ferreira de Almeida, ministro e pregador do santo evangelho da Igreja Reformada da Batávia (hoje, Jacarta, na ilha de Java, Indonésia). Almeida nasceu em 1628 em Torre de Tavares, nos arredores de Lisboa. Converteu-se do catolicismo à fé evangélica, aos quatorze anos de idade quando, após ter vivido dois anos na Batávia (sudoeste da Ásia), partiu para Málaca, na Malásia, através da leitura de um folheto em espanhol que narrava as diferenças da cristandade. Com quinze anos começou a pregar o evangelho no Ceilão, atual Sri-lanka, e na Costa de Malabar. Quando iniciou o trabalho de tradução da Bíblia, não tinha dezessete anos e podia realizá-lo por conhecer o hebraico e o grego. Para o seu trabalho, fez uso do manuscrito hebraico e grego, da tradução do *Textus Receptus* (Bizantino), da tradução holandesa, da francesa a partir da tradução Beza, da italiana, da espanhola e a Vulgata Latina.

A tradução do Novo Testamento foi concluída em 1676 e, em 1681, foi impressa em Amsterdã na Holanda. Imediatamente, Almeida começou a tradução do Antigo Testamento, mas devido ao seu falecimento, em seis de agosto de 1691, não pôde concluí-la e, na ocasião, seu trabalho chegara até Ezequiel 41:21. Almeida dedicou sua vida à pregação do Evangelho e à tradução da Bíblia para o português. Em 1748, o trabalho foi reiniciado pelo Pr. Jacobus op den Akker, de Batávia. Deste trabalho resultou a primeira Bíblia impressa em português, completa e, em dois volumes: de Gênesis a Ester e de Jó a Malaquias.

FIGURA 47 – JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA – A BÍBLIA DE ALMEIDA, 1681



FONTE: Disponível em: <www.tribalgeneration.org>; <revisitaraeducacao.blogspot.com> e <www.portaldetonando.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2008.

A Sociedade Bíblica Britânica, em 1809, publicou uma edição do NT em português por João Ferreira de Almeida e, em 1819, a Bíblia completa foi publicada em um só volume, com o Título: **A Bíblia Sagrada**, pela Sociedade Bíblica Britânica, em Londres.

8 AS TRADUÇÕES E AS VERSÕES CATÓLICAS ROMANAS

Durante o tempo do Papa Benedito XVI, por um decreto da Congregação do Index, de 13 de julho de 1757, a Bíblia foi reconhecida como útil para robustecer a fé dos crentes, pelas suas maravilhosas anotações. Esta nova atitude da Igreja Católica Romana deu um impulso à tradução da Bíblia, tomando-se a Vulgata como base. As mais notórias foram:

- A Bíblia de Rahmeyer de meados do século XVIII. É uma versão inédita e se encontra na biblioteca do Senado de Hamburgo, na Alemanha.
- A tradução de Figueiredo, cuja primeira edição, em 1778, foi apresentada em seis volumes para o NT e para o AT, a primeira edição, de 1783 a 1790, em dezessete volumes. A Bíblia do Pe. Antonio Pereira de Figueiredo em sete volumes surgiu em 1819 em um único volume em 1821, incluindo os livros Apócrifos, sendo a preferida dos católicos romanos. Figueiredo nasceu em Tomar, perto de Lisboa, em 1725, e faleceu num convento em Lisboa em 1797.

Afamado como latinista, historiador e, sobretudo, como teólogo com idéias liberais, estava habilitado para a tarefa da tradução. A sua versão da Bíblia foi feita a partir da Vulgata, com referência aos textos gregos originais. Por dezoito anos, ele se ocupou com esta obra, a qual foi submetida a duas revisões cuidadosas antes de ser publicada. A primeira edição saiu em 1778, referente ao NT e o AT desde 1783 a 1790. A Bíblia de Figueiredo em um só volume foi publicada pela primeira vez em 1821, com o Título: Santa Bíblia, em Londres.

9 A BÍBLIA NO BRASIL (1879)

Em 1879, uma edição do NT foi publicada pela Sociedade de Literatura Religiosa e Moral do Rio de Janeiro, que foi anunciada como A Primeira Edição Brasileira, porém era a versão de Almeida revista.

As Sociedades Bíblicas empenhadas na disseminação da Bíblia no Brasil se reuniram em 1902 para nomear uma comissão para traduzir os textos do hebraico e grego para o português. A comissão tradutora foi composta de três estrangeiros, missionários das diversas juntas operando no Brasil, e diversos brasileiros. O NT em português foi publicado em 1910 e a Bíblia inteira em 1917, através da Sociedade Bíblica de Literatura Religiosa e Moral do Rio de Janeiro.

9.1 COMO A BÍBLIA CHEGOU AO BRASIL

É difícil narrar com precisão a origem do uso da Bíblia no Brasil, por falta de pormenores. Pelos três primeiros séculos da história do Brasil, a Bíblia era proibida e negligenciada. Ela não estava na lista dos livros autorizados pela coroa de Portugal a circularem no Brasil durante os dias coloniais. Só em meados do século XIX, a sua leitura foi permitida.

O célebre Villegaignon, depois de uma experiência dolorosa, dedicou-se ao estudo da palavra de Deus, e convidou a Igreja Reformada na França a enviar ministros do Evangelho para evangelizar sua colônia. Porém, esta revolução não teve bons resultados e, certamente, ela não faz parte do início da disseminação da Bíblia no Brasil.

Entre os colonos holandeses, em Recife, havia dirigentes de classes religiosas e estes, de quando em quando, dirigiam preleções sobre a palavra de Deus. Em uma das reuniões tomou-se esta resolução: Fica entendido que vão se requisitar vinte grandes Bíblias para introdução da nova tradução para uso de cada um. Não podemos dizer se os pregadores conseguiram traduzir qualquer parte em português.

Somos obrigados a examinar a história das Sociedades Bíblicas, Britânica e Americana, para obter maiores informações. Antes de 1836, estas sociedades despacharam exemplares das Escrituras aos negociantes estrangeiros residentes na costa oriental do Brasil, para distribuição. Num livro velho há uma citação de uma carta do Rio de Janeiro, de 23 de dezembro de 1837, do Reverendo Justin Spaulding, na qual diz que distribuiu todas as Bíblias e Novos Testamentos enviados e que tem certeza de que a Sociedade Bíblica Americana remeterá mais. No mesmo livro, se refere às cartas escritas pelo Reverendo Dr. D. P. Kider, do Rio de Janeiro, em 13 e 29 de janeiro de 1838, nas quais relatou as vendas das Bíblias em português e latim. Em 09 de março de 1838, a Sociedade Bíblica Americana mandou 75 Bíblias e 25 Novos Testamentos à Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Metodista Episcopal, para o uso dos seus missionários no Brasil e, os livros logo foram espalhados.

O Estado de São Paulo, em 1839, patrocinou a propaganda bíblica. O Reverendo Dr. Kidder, pela influência e dedicação, ganhou a cooperação de algumas autoridades da província, e o Sr. Antonio Carlos, relator da Comissão de Instrução Pública, apresentou à Assembleia Provincial uma proposta para que fosse aceita uma oferta de Bíblias, dizendo: Eu me proponho garantir, da parte da Sociedade Bíblica Americana, a doação de exemplares do Novo Testamento em português, traduzido pelo Padre Antonio Pereira Figueiredo, em número suficiente para fornecer a cada escola primária da província doze exemplares, sob a simples condição de que os mesmos sejam tanto recebidos, como entregues à Alfândega do Rio de Janeiro, a fim de serem distribuídos entre as ditas escolas e usados pelas mesmas, como livros de leitura geral e instrução, para os alunos das mesmas. Esta oferta foi recebida com satisfação, e, é evidente que nos primeiros dias da propagação da Bíblia ela tenha tido boa aceitação.

As Sociedades Bíblicas continuaram a mandar diversas Bíblias para pessoas no Brasil, até que se estabeleceram elas mesmas no país. Frequentemente se encontram Bíblias nas cidades à beira-mar e nas do interior mais longínquo, que foram distribuídas antes que tais sociedades fossem estabelecidas em território brasileiro. Os primeiros missionários protestantes chegaram ao Brasil em 1855 e, no ano seguinte, a Sociedade Britânica estabeleceu a sua agência no Rio de Janeiro e, em 1876, fundou-se a Sociedade Americana também. Os benefícios que estas sociedades trouxeram ao Brasil são imensuráveis.

9.1.1 Primeiras versões

As traduções realizadas no Brasil se dividem em traduções parciais e traduções completas. As traduções parciais foram:

- Nazaré, 1847, São Luiz do Maranhão, referente ao NT com base na Vulgata pelo Frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré.

- Primeira edição brasileira do NT de Almeida, 1879, pela Sociedade de Literatura Religiosa e Moral do Rio de Janeiro, versão revista por José Manoel Garcia, pelo Pr. M. P. B. de Carvalhosa, e Pr. Alexandre Blackford, Rio de Janeiro.
- Harpa de Israel, 1898, tradução dos Salmos pelo hebraísta P. R. dos Santos Saraiva.
- Tradução do Evangelho de Mateus, diretamente do texto grego, 1909, pelo Pe. Santana.
- Livro de Jó, com sangrias poéticas, 1912, por Basilio Teles.
- Novo Testamento, a partir da Vulgata, 1917, por J. L. Assunção.
- O Livro de Amós, 1917, por Esteves Pereira, traduzido do idioma etíope.
- Novo Testamento e Os Salmos, obras distintas, 1923, por J. Basílio Pereira.
- Lei de Moisés (Pentateuco), 1923, pelo rabino Meir Masiah Melamed.
- O Novo Testamento, diretamente do grego, em 1930, pelo Pe. Huberto Rohden.

As traduções completas foram:

- A Tradução Brasileira, 1902, publicada em 1927, pelo gramático Eduardo Carlos Pereira.
- A tradução do Pe. Matos Soares é a mais popular entre os católicos. Foi publicada em 1930, da Vulgata, com notas entre parênteses acerca dos dogmas da Igreja Católica Romana. Recebeu o apoio papal em 1932 devido às menções dogmáticas.
- Revisão de Almeida, pelas Sociedades Bíblicas Unidas, 1943.
- Edição Revista e Atualizada no Brasil e a Versão Corrigida, pela Sociedade Bíblica do Brasil, em 1948, data da organização desta Sociedade destinada a dar a Bíblia à Pátria.
- Edição Revisada de Almeida, 1967, pela Imprensa Bíblia Brasileira, fundada em 1940.
- A Edição Corrigida e Revisada fiel ao texto original, em 1969, pela Sociedade Bíblica Trinitariana, com base na tradução de Almeida.

- A Bíblia de Jerusalém, 1959, editada no Brasil por Edições Paulinas em 1981 com notas, foi produzida pelos monges de Meredsous, da Escola Bíblica de Jerusalém (padres dominicanos). Neste ano, também, um trabalho de diversos tradutores, editado pela Vozes e pelo Círculo do Livro, com notas, sob a coordenação de Ludovico Garmus, foi editado sob o nome de Edição Integral da Bíblia.
- A Bíblia na Linguagem de Hoje, 1988, pela Sociedade Bíblica do Brasil. Esta Bíblia foi produzida com a finalidade de oferecer o texto numa linguagem comum e corrente.
- Edição Contemporânea da Bíblia de Almeida, 1990, pela Editora Vida.
- Bíblia – Nova Versão Internacional, 1993, pela Sociedade Bíblica Internacional, coordenada pelo Rev. Luiz Sayão.

LEITURA COMPLEMENTAR

A BÍBLIA

Por detrás e por baixo da Bíblia, acima e além da Bíblia, está o Deus da Bíblia. A Bíblia é a revelação escrita de Deus acerca da sua vontade para os homens. Seu tema central é a salvação mediante Jesus Cristo.

A Bíblia contém 66 livros, escritos por 40 autores, abrangendo um período de aproximadamente 1600 anos. O Antigo Testamento foi escrito na maior parte em hebraico. O Novo Testamento foi escrito na língua grega. Nossa Bíblia é uma tradução dessas línguas originais.

A palavra Testamento quer dizer aliança ou pacto. O Antigo Testamento é a aliança que Deus faz com o homem quanto à sua salvação, antes de Cristo vir. O Novo Testamento é o pacto que Deus fez com o homem, quanto à salvação, depois de Cristo vir.

No Antigo Testamento encontramos a aliança da lei. No Novo Testamento encontramos a aliança da graça que veio por Jesus Cristo. Uma conduzia à outra (Gálatas 3:17-25).

O Antigo Testamento começa o que o Novo completa.

O Antigo se reúne ao redor do Sinai.

O Novo ao redor do Calvário.

O Antigo está associado com Moisés.

O Novo com Cristo (João 1:17).

O Antigo Testamento começa com Deus (Gênesis 1:1).

O Novo Testamento começa com Cristo (Mateus 1:1).

De Adão a Abraão temos a história da raça humana.

De Abraão a Cristo temos a história da raça escolhida.

De Cristo em diante temos a história da Igreja.

O conhecimento que muitos têm da História é como um colar de pérolas sem o cordão, disse certo historiador. Esta declaração parece especialmente verdadeira em relação à história bíblica. Apanhe as pérolas das Escrituras e ponha-as em ordem, no cordão, de Gênesis ao Apocalipse, de modo que a história bíblica faça sentido para você.

Lembre-se de que na Palavra de Deus o fundamento do Cristianismo se firma na revelação do Deus único e verdadeiro. Deus escolheu um povo, os filhos de Israel, a fim de tornar conhecida a sua vontade e preservar um registro de si mesmo.

A Bíblia nos fala da origem do pecado e como essa maldição separou o homem de Deus. Daí a promessa de um Salvador, “Aquele que veio buscar e salvar o que se havia perdido e dar a sua vida em resgate de muitos” (Lucas 19:10; Mateus 20:28). Vemos que através dos séculos um propósito é evidente: o de preparar o caminho para a vinda do Redentor do mundo.

Não há nenhum caminho fácil para o aprendizado e, de modo especial, não há caminho fácil para o conhecimento da Bíblia. O Espírito de Deus nos guiará a toda verdade, sem dúvida, mas o mandamento de Deus é que procuremos nos apresentar diante Dele, aprovados como obreiros que não têm de que se envergonhar (veja 2 Timóteo 2:15).

Você precisa ter um propósito na leitura da Bíblia. A Bíblia revela a vontade de Deus de modo a levar o homem a conhecê-la. Cada livro tem um ensino direto. A Bíblia conquanto seja uma biblioteca, é também o Livro. É uma história, uma grandiosa história que avança do princípio ao fim. Aqui está algo fenomenal na literatura. Uma infinidade e variedade de temas e estilos como encontramos na Bíblia, reunidos não através de algumas gerações, mas através de séculos, torna a possibilidade de qualquer unidade incrivelmente pequena. Nenhum editor se arriscaria a publicar um livro assim, e, se o fizesse, ninguém o compraria para ler. Entretanto, é isso que encontramos na Bíblia.

Podemos começar no Gênesis e ler, o Livro, até o fim. Não há contradição. Podemos passar tão suavemente de um estilo de literatura para outro, como se estivéssemos lendo uma história escrita por uma única pessoa, e realmente temos Nela uma história produzida por uma só pessoa.

Apesar de divina, ela é humana. O pensamento é divino, a revelação é divina, mas a expressão da comunicação é humana. “Homens falaram da parte de Deus (elemento humano) movidos pelo Espírito Santo (elemento divino)” (2 Pedro 1:21).

Temos, pois, aqui um livro diferente de todos os demais. O Livro, uma revelação divina, uma revelação progressiva, comunicada através de homens, movimenta-se suavemente do princípio até o seu grandioso final. Não podemos dispensar nenhuma de suas partes.

A história bíblica leva-nos, de volta, ao passado desconhecido da eternidade e suas profecias conduzem-nos ao futuro, que de outro modo nos seria desconhecido.

Uma história de Amor. Não trate a Bíblia com leviandade. Não brinque com Ela.

Deixe que o próprio Espírito de Deus ensine a você. Leia a Bíblia buscando iluminação. Ela é uma revelação e Deus irá derramar luz sobre as suas páginas, se você buscá-la com humildade.

A Palavra de Deus é viva e todas as partes são necessárias. Acrescentar ou tirar-lhe algo seria danificar sua perfeição absoluta (Apocalipse 22: 18, 19). Cristo, a palavra viva, viveu a vida mais perfeita que alguém já viveu. Foi bondoso, terno, amável, paciente e compassivo. Ele amava as pessoas. Realizou milagres maravilhosos para alimentar os famintos. As multidões cansadas, sofredoras e angustiadas vinham a ele e ele lhes dava descanso (Mateus 11: 28-30). João disse que se todos os seus atos de bondade tivessem sido registrados, o mundo inteiro não poderia conter os livros (João 21: 25).

Depois, ele morreu – para tirar o pecado do mundo, e se tornar o Salvador dos homens. Afinal, ressuscitou dos mortos. Está vivo hoje. Não é simplesmente um personagem histórico, mas uma Pessoa viva – o fato mais importante da História e a maior força no mundo hoje. E ele promete a vida eterna a todos os que vão a ele.

A Bíblia toda gira em torno da história de Cristo e da sua promessa de vida eterna aos homens. Foi escrita somente para que creiamos e entendamos, conheçamos, amemos e sigamos a Cristo.

A Bíblia – A Palavra de Deus escrita, revela a marca do seu Autor; ela é em todo sentido a **Palavra de Deus**.

FONTE: MEARS, Henrietta C. **Estudo Panorâmico da Bíblia**. São Paulo: Ed. Vida, 1991, p. 9-20.

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico, você aprendeu que:

- As versões secundárias da Bíblia foram feitas a partir das traduções mais antigas, ou seja, a Septuaginta e a Vulgata Latina. Estas versões são relativas ao texto em inglês. As versões em inglês, desde então, têm sido de relevante importância devido ao seu poder de disseminação universal.
- As traduções em português se iniciaram antes das traduções para o inglês, contudo, o trabalho foi lento e teve grande impulso depois da invenção da imprensa. A Bíblia, em português, teve como seu tradutor principal o pregador João Ferreira de Almeida, o qual dedicou praticamente toda a sua vida para este trabalho.
- A preocupação de trazer a Escritura para o Brasil foi uma realidade desde a época imperial. A família real portuguesa empreendeu esforços neste sentido. O trabalho de traduções, realizadas no Brasil, começou muito depois do descobrimento, ou seja, em 1847.

AUTOATIVIDADE



- 1 Por que as traduções para o inglês são muito importantes para a modernidade?
- 2 Comente, resumidamente, o trabalho de Wycliffe, Tyndale, Rei Tiago e Knox em relação à Sagrada Escritura.
- 3 Os povos de fala portuguesa, certamente, têm uma dívida de gratidão para com João Ferreira de Almeida. Quem foi João Ferreira de Almeida e qual foi o seu trabalho? Quando e por quem foi publicada a primeira Bíblia completa em um só volume em português?
- 4 A Bíblia, editada e publicada no Brasil, data de 1879. Qual a relação entre os primeiros missionários protestantes, as Sociedades Bíblicas e a chegada da Bíblia no Brasil?

A PALAVRA DE DEUS VIVENCIADA

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- identificar Jesus como o grande promotor da redenção do ser humano;
- entender que de Deus emana a autoridade e o poder através de sua Palavra – as Sagradas Escrituras;
- compreender que o conhecimento da Sagrada Escritura nos leva à fé e a uma prática consciente e transformadora.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em quatro tópicos. No final de cada um deles, você encontrará atividades que o ajudarão a refletir e a fixar os conhecimentos abordados.

TÓPICO 1 – A HISTÓRIA DE DEUS COM OS HOMENS
QUE CULMINOU EM JESUS CRISTO

TÓPICO 2 – A AUTORIDADE E O PODER DA PALAVRA DE DEUS

TÓPICO 3 – A PALAVRA DE DEUS LIDA, MEDITADA E ESTUDADA

TÓPICO 4 – O CONHECIMENTO E A COMPREENSÃO
VITAL E CONTINUADA DA BÍBLIA



A HISTÓRIA DE DEUS COM OS HOMENS QUE CULMINOU EM JESUS CRISTO

1 INTRODUÇÃO

A Bíblia gira em torno do grande assunto da história de Deus com os homens, o seu relacionamento com eles, baseado no amor. Tudo o que Deus fez e faz tem esta motivação como causa, meio e fim. Neste tópico, você conhecerá os assuntos encontrados na Bíblia relativos a esta história e qual é o objetivo principal desta relação histórica, ou seja, a salvação eterna de todo aquele que crê.

2 O ASSUNTO E O TEMA CENTRAL DA BÍBLIA

O assunto tratado na Escritura Sagrada é a **História da Redenção dos Homens através de Jesus Cristo**, o Messias. “Foi o sacrifício de Jesus, na cruz, que garantiu a vida eterna a todo aquele que crê” (João, 1: 12). O **Tema Central** da Bíblia é a **Redenção do Homem**.

A história de Deus com os homens teve seu clímax, ou seja, culminou na encarnação de Jesus Cristo, na sua vida terrena entre nós, e mui especialmente na sua obra de salvação. A obra da salvação começou na cruz, continuou na ressurreição, na ascensão e terminará na volta de Cristo para buscar a sua Igreja. Na cruz, Jesus se tornou Cristo, o Messias, na ressurreição tornou-se Senhor, porque venceu o último inimigo a ser vencido, a morte e, na sua segunda vinda, virá como o **Rei dos Reis** e **Senhor dos Senhores**.

“Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados, e eleitos, e fiéis” (Apocalipse, 17: 14).

O termo **Redenção** significa resgate, como ocorre para se finalizar um sequestro. O que isto quer dizer? Que a morte de Cristo foi a moeda para o pagamento do sequestro que o inimigo, o diabo, fez de nossas almas, por ocasião da queda do homem no jardim do Éden. Cristo morreu em nosso lugar, pelos nossos pecados. A justiça divina já estabelecera na Lei que, sem derramamento de sangue, não haveria remissão de pecado.

“Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus” (1Coríntios, 6:20).

“Digam-no os remidos do SENHOR, os que remiu da mão do inimigo” (Salmos, 107:2).

No Antigo Testamento o pecado era coberto, desculpado através do derramamento de sangue de animais e Cristo, como o Cordeiro de Deus perfeito, sacrificou-se em nosso lugar para libertar-nos das garras do inimigo, do castigo eterno, das consequências do nosso pecado, enfim. Tudo isto ocorreu por causa do amor eterno de Deus por nós, suas criaturas.

A partir da morte de Cristo, não são mais necessários sacrifícios de animais, porque Ele, sendo o sacrifício perfeito e único, cumpriu a Lei neste sentido e agora nos oferece a salvação gratuitamente, pela sua graça. Não é por mérito pessoal ou por obra humana que se alcança a salvação, mas é pela fé na pessoa de Jesus Cristo de Nazaré e no seu sacrifício salvífico na cruz. A Bíblia diz que Deus não rejeita um coração contrito, ou seja, um coração arrependido, então, além da fé, é necessário arrependimento dos pecados, confissão e aceitação do perdão de Deus através do que Cristo nos propiciou.

“Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé” (Romanos, 1: 17).

“Mas o justo viverá da fé, e, se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele” (Hebreus 10: 38).

“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor” (Atos 3: 19).

“Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado, a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus” (Salmos, 51:17).

No Novo Testamento não nos é ensinado que devemos realizar sacrifícios para derramamento de sangue, pois Cristo morreu por nós uma única vez.

“Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus, mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito” (1Pedro 3: 16).

Devemos viver e celebrar a nossa nova aliança no seu sangue, esta é a base e o sentido do novo testamento. A ceia do Senhor, instituída por Cristo na última festa da Páscoa em que participou, antes da sua morte, substituiu o sacrifício do cordeiro da Páscoa, que era realizado pelos judeus desde a noite da libertação que antecedeu o Êxodo do Egito. A Páscoa e todos os elementos que compunham este cerimonial são símbolos do sacrifício de Cristo.

E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha (1Coríntios, 11: 24 - 26).

E falou o SENHOR a Moisés e a Arão na terra do Egito, dizendo: Este mesmo mês vos será o princípio dos meses; este vos será o primeiro dos meses do ano. Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês tome cada um para si um cordeiro, segundo as casas dos pais, um cordeiro para cada família. Mas se a família for pequena para um cordeiro, então tome um só com seu vizinho perto de sua casa, conforme o número das almas; cada um conforme ao seu comer, fareis a conta conforme ao cordeiro. O cordeiro, ou cabrito, será sem mácula, um macho de um ano, o qual tomareis das ovelhas ou das cabras. E o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o sacrificará à tarde. E tomarão do sangue, e pô-lo-ão em ambas as ombreiras, e na verga da porta, nas casas em que o comerem. E naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães ázimos; com ervas amargas a comerão. Não comereis dele cru, nem cozido em água, senão assado no fogo, a sua cabeça com os seus pés e com a sua fressura. E nada dele deixareis até amanhã; mas o que dele ficar até amanhã, queimareis no fogo. Assim pois o comereis: Os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e o comereis apressadamente; esta é a páscoa do SENHOR. E eu passarei pela terra do Egito esta noite, e ferirei todo o primogênito na terra do Egito, desde os homens até aos animais; e em todos os deuses do Egito farei juízos. Eu sou o SENHOR. E aquele sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; vendo eu sangue, passarei por cima de vós, e não haverá entre vós praga de mortandade, quando eu ferir a terra do Egito. E este dia vos será por memória, e celebrá-lo-eis por festa ao SENHOR; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo (Êxodo, 12: 1 – 14).

A promessa messiânica foi dada ao homem em Gênesis 3:15, logo após a sua queda se inicia, então a história da redenção na terra.

“E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gênesis, 3:15).

Lawrence Olson nos diz:

Um Raio de Esperança. Gn. 3.15. Esta promessa pode ser chamada de ‘protoevangelho’, pois Deus prometeu a semente da mulher, que dela mesma, nasceria aquele capaz de esmagar a cabeça da serpente, isto é, Jesus Cristo, o Redentor, que venceria Satanás. É a primeira das grandes promessas messiânicas. O tipo bíblico desta vitória aparece no ato de Deus sacrificar um animal para prover as túnicas com que cobrir a nudez de Adão e Eva. É um belo tipo de Jesus, o Cordeiro de Deus, que nos proveu uma cobertura para o nosso pecado. (OLSON, 1979, p. 44).

Esta promessa foi cumprida no início do período histórico, bíblico e espiritual designado como a **dispensação da graça**, que se localiza na **dispensação da igreja**, a **dispensação eclesiástica**.

Uma **dispensação** é um período de tempo em que o homem é provado acerca da vontade de Deus revelada para aquele período. Jesus, além de ser o Cordeiro de Deus é também o nosso Sumo-Sacerdote, aquele que intercede pelos que crêem diante do Pai. Cristo cumpriu todas as profecias messiânicas do Velho Testamento e é o mediador da Nova Aliança. Ele mesmo a apresentou. Com a vinda de Cristo a velha aliança, a Mosaica, teve seu término.

“Mas agora alcançou ele ministério tanto mais excelente, quanto é mediador de uma melhor aliança que está confirmada em melhores promessas” (Hebreus, 8: 6).

Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezeros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção. Porque, se o sangue dos touros e bodes, e a cinza de uma novilha esparzida sobre os imundos, os santifica, quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo? E por isso é Mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna (Hebreus, 9: 11-15).

A história de Deus com os homens terá um final maravilhoso para aqueles que crêem em Cristo como o Messias e fizeram dele o seu Senhor, conforme diz a Bíblia:

E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido. E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus e Deus limpará de

seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis. E disse-me mais: Está cumprido. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida. Quem vencer, herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho (Apocalipse, 21: 1-7).

Deus habitará para sempre com os homens, num novo céu e numa nova terra. Está destinado aos que herdarem todas estas coisas viverem o plano original de Deus ao criar o homem.

A Bíblia não se furta em dizer o que está destinado aos incrédulos:

“Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicadores, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte” (Apocalipse, 21: 8).

Para chegarmos lá é necessária uma atitude, a atitude de crer, de arrepender-se, de entregar-se em amor a Cristo e a Seu serviço, buscando crescer espiritualmente sempre. Sobre isto Hagin diz: “Você não se torna um cristão plenamente crescido e maduro da noite para o dia... mas uma coisa posso dizer com certeza: Não há a mínima necessidade de você não crescer...” É da maior solicitude descobrir se estamos crescendo espiritualmente agora mais do que outrora. Continua Hagin: “O cristão crescido não desistirá deste alvo, porque sabe que Jesus está bem presente para representá-lo à destra do Pai. É o conhecimento da Palavra de Deus que nos ajuda a crescer. Aquela Palavra (a Bíblia) é o alimento espiritual – alimento para o nosso espírito.” (parênteses do autor, HAGIN, 1989, p. 100).

3 CHAVE BÍBLICA PARA COMPREENDER A HISTÓRIA

A história humana se divide em antes e depois de Cristo. Para compreendermos a história, é necessário estudarmos acerca da humanidade e da divindade de Cristo, pois todos os fatos estão relacionados com a preexistência, existência e vinda futura de Jesus.

Jesus resume a história e a compreensão da história em si mesmo através da seguinte afirmação: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro” (Apocalipse, 22:13).

Uma síntese panorâmica da história que tem sua lógica e fundamento em Cristo, se apresenta na epístola aos Hebreus como segue:

Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo. O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas; feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles [...] do Filho, diz: Ó Deus, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos; cetro de equidade é o cetro do teu reino [...] Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria mais do que a teus companheiros. E tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, e os céus são obra de tuas mãos. Eles perecerão, mas tu permanecerás; E todos eles, como roupa, envelhecerão, e como um manto os enrolarás, e serão mudados. Mas tu és o mesmo, e os teus anos não acabarão. Portanto, convém-nos atentar com mais diligência para as coisas que já temos ouvido, para que em tempo algum nos desviemos delas. Porque, se a palavra falada pelos anjos permaneceu firme, e toda a transgressão e desobediência recebeu a justa retribuição, como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação, a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade? Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos. Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos [...] Porque convinha que aquele, para quem são todas as coisas, e mediante quem tudo existe, trazendo muitos filhos à glória, consagrasse pelas aflições o príncipe da salvação deles. Porque, assim o que santifica, como os que são santificados, são todos de um; por cuja causa não se envergonha de lhes chamar irmãos, dizendo: Anunciarei o teu nome a meus irmãos, cantar-te-ei louvores no meio da congregação. E outra vez: Porei nele a minha confiança. E outra vez: Eis-me aqui a mim, e aos filhos que Deus me deu. E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão [...] Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados [...] Por isso, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerai a Jesus Cristo, apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão” (Hebreus, 1:1 – 3:1).

Como fato histórico comprobatório da existência e da morte de Cristo, apresento a sentença de morte expedida pelo governador da cidade de Jerusalém – Pôncio Pilatos, cópia autêntica da Peça do Processo de Cristo, existente no Museu da Espanha:

No ano dezenove de Tibério César, imperador romano de todo o mundo, Monarca invencível na Olimpíada cento e vinte um, e na Elíada vinte e quatro, da criação do mundo, segundo o número e cômputo dos Hebreus, quatro vezes mil cento e oitenta e sete, do progênio do Romano Império, no ano setenta e três, e na libertação do cativo da Babilônia, no ano mil duzentos e sete, sendo governador da Judeia Quinto Sérgio, sob o regimento o governador da cidade de Jerusalém, Presidente Gratíssimo, Pôncio Pilatos; regente na Baixa Galileia, Herodes Antipas; pontífice do sumo sacerdote, Caifás; magnos do Templo, Alis Almael Robas Acasel, Franchino Ceutauro; cônsules romanos da cidade de Jerusalém, Quinto Cornélio Sublime e Sixto Rusto, no mês de março e dia XXV do ano presente ~ Eu, Pôncio Pilatos, aqui Presidente do Império Romano, dentro do Palácio e arqui-residência, julgo, condeno e sentencio à morte Jesus, chamado pela Plebe ~ Cristo Nazareno ~ e galileu de nação, homem sedicioso contra a Lei Mosaica ~ contrário ao grande imperador Tibério César. Determino e ordeno por esta que se lhe dê morte na cruz, sendo pregado com cravos como todos os réus, porque congregando e ajustando homens, ricos e pobres, não tem cessado de promover tumultos por toda a Judeia, dizendo-se filho de Deus e Rei de Israel, ameaçando com a ruína de Jerusalém e do Sacro Templo, negando o tributo a César, tendo ainda o atrevimento de entrar com ramos e em triunfo, com grande parte da plebe, dentro da cidade de Jerusalém. Que seja ligado e açoitado, e que seja vestido de púrpura e coroado de alguns espinhos, com a própria cruz nos ombros para que sirva de exemplo a todos os malfeitores, e que, juntamente com ele, sejam conduzidos dois ladrões homicidas; saindo logo pela porta sagrada, hoje Antoniana, e que conduza Jesus ao monte público da justiça, chamado Calvário, onde, crucificado e morto, ficará seu corpo na cruz, como espetáculo para todos os malfeitores, e que sobre a cruz se ponha, em diversas línguas, este título: Iesus Nazarenus, Rex Iudeorum. Mando, também, que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição se atreva, temerariamente, a impedir a justiça por mim mandada, administrada e executada com todo o rigor, segundo os Decretos e Leis Romanas, sob as penas de rebelião contra o Imperador Romano. Testemunhas da nossa sentença. Pelas doze tribos de Israel: Rabaim Daniel, Rabaim Joaquim Banicar, Babasu, Laré Petuculani. Pelos fariseus: Bullieniel, Simeão, Ranol, Babbine, Mandoani, Bancurfosse. Pelos hebreus: Matumberto. Pelo Império Romano e pelo Presidente de Roma: Lúcio Sextilo e Amácio Chilício.

FONTE: AMARAL, Jucid Peixoto do. **Manual do Magistrado**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1992. Disponível em: <www.internext.com.br/valois/pena/cristo.htm> Acesso em: 6 nov. 2008.

Erickson nos diz: Quando examinamos a obra de Jesus, descobrimos que ela foi realizada em dois estágios básicos, tradicionalmente mencionados como seu estado de humilhação e seu estado de exaltação. Cada um desses estágios, por sua vez, constitui-se de uma série de passos. O que temos são dois passos para baixo, descendo da glória (encarnação e morte), depois uma série de passos que o levam de volta à sua glória anterior e, até, a um patamar superior àquele. (ERICKSON, 1997, p. 312).

4 JESUS CRISTO: O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO

Neste tópico, temos tratado a respeito de Jesus Cristo. Que relação tem então Jesus Cristo com a Bíblia, visto que estamos estudando Bibliologia? Tem toda relação porque Jesus é o **verbo de Deus** (no original – logos = palavra).

Cristo e a palavra criativa e a palavra inspirada tem uma estrita relação. Responder a pergunta “Quem é Cristo?” e retratá-lo em relação ao passado, presente e futuro de acordo com as Escrituras, nos leva a entender o propósito e a mensagem da Bíblia.

4.1 JESUS CRISTO E O PASSADO

Quanto à sua Deidade, ou seja, divindade, ser Deus, Ele é a segunda pessoa da Trindade Divina, o Filho de Deus, no sentido único. Jesus é a única pessoa no universo que participou de uma relação para com Deus jamais encontrada. Jesus reivindicou Deidade para si mesmo declarando este fato através da expressão, por exemplo, **O Pai me enviou** (João 20: 21) entre outras passagens – Mateus 11: 27; João 17: 25; João 14: 9-11. Nestas passagens notamos o aspecto de comunhão e conhecimento divinos.

Cristo revelou sua divindade através de outros fatos:

- Sua Autoridade – Mateus 7: 24

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha”.

- Sua Impecabilidade – João 8: 46

“Quem dentre vós me convence de pecado”?

- O Testemunho de seus discípulos – João 20: 28 (entre outros)

“Senhor meu, e Deus meu!”.

Quando falamos a respeito de Jesus Cristo e o passado, estamos nos referindo à preexistência de Cristo. Ele é eterno e este fato está comprovado na Palavra de Deus através da identificação de Cristo como o **Verbo Divino**.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:1, 10, 14).

“O que era desde o princípio, o que ouvimos e o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado e as nossas mãos tocaram na Palavra da vida.” (1 João 1:1).

“E estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus.” (Apocalipse 19: 13)

Pearlman diz: A palavra do homem é aquela por meio da qual ele se expressa e por meio da qual ele se comunica com os seus semelhantes. Por sua palavra ele dá a conhecer seus pensamentos e sentimentos, e por sua palavra ele manda e executa a sua vontade. A palavra com que se expressa está impregnada de seu pensamento e de seu caráter. Embora se veja uma pessoa e dela se tenha informações, não se conhecerá o bastante enquanto ela não falar. A palavra do homem é a expressão de seu caráter. Da mesma maneira, a “Palavra de Deus” é o veículo mediante o qual Deus se comunica com outros seres e é o meio pelo qual Deus expressa o seu poder, a sua inteligência e a sua vontade. Cristo é a Palavra ou Verbo, porque por meio dele, Deus revelou sua atividade, sua vontade, seu propósito e por meio dele tem contacto com o mundo. Nós nos expressamos por meio de palavras; o eterno Deus se expressa a si mesmo por meio do seu Filho, o qual “é a expressa imagem da sua pessoa” (Hebreus 1: 3). Cristo é a Palavra de Deus, demonstrando-o em pessoa. Ele não somente traz a mensagem de Deus – ele é a mensagem de Deus. É certo que Deus se revelou pela palavra profética, por meio de sonhos, visões e por meio de manifestações temporais. Porém, o homem anelava por uma resposta mais clara à seguinte pergunta: Como é Deus? Para responder a esta pergunta, surgiu o evento mais significativo da história – “E o Verbo se fez carne” (João 1: 14). Deus é como Cristo, porque Cristo é o Verbo – a idéia que Deus tem de si mesmo. Isto é, ele é “a expressa imagem da sua pessoa” (Hebreus 1: 3), “a imagem do Deus invisível” (Colossenses 1: 5), (PEARLAM, 1977, p. 100,101).

Em relação aos três ofícios de Cristo, no passado ele exerceu o seu ministério ou ofício profético.

4.2 JESUS CRISTO E O PRESENTE

Atualmente, Cristo exerce o seu segundo ofício, o seu ministério sacerdotal, sendo o nosso sumo-sacerdote, que intercede por nós junto ao Pai e está assentado à sua direita nas alturas. Além disto, Ele é o Messias revelado e o Senhor que ocupa uma posição exaltada e soberana no céu e na terra.

“Porque todo o sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios, por isso era necessário que este também tivesse alguma coisa que oferecer” (Hebreus 8: 3).

“Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão.” (Hebreus 4: 14).

“Ora, a suma do que temos dito é que temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da majestade,” (Hebreus 8: 1).

“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hebreus 4: 15).

“Porque todo o sumo sacerdote, tomado dentre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus, para que ofereça dons e sacrifícios pelos pecados” (Hebreus 5: 1).

“Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus” (Hebreus 7: 26).

“Assim também Cristo não se glorificou a si mesmo, para se fazer sumo sacerdote, mas aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, hoje te gerei” (Hebreus 5: 5).

“Saiba, pois com certeza toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes Deus o fez Senhor e Cristo” (Atos 2: 36).

“Conjuro-te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino” (II Timóteo 4: 1).

“E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder (autoridade) no céu e na terra” (Mateus 28: 18).

4.3 JESUS CRISTO E O FUTURO

A volta de Jesus é iminente, poderá ocorrer a qualquer momento, e na sua vinda, arrebatará sua Igreja para estar com Ele para sempre no céu. A Igreja reinará com Cristo, portanto Ele será Rei no futuro, exercendo o seu terceiro e último ofício.

Jesus falou a respeito do futuro e de si mesmo:

“Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso” (Apocalipse 1: 8).

A Palavra de Deus fala a respeito do seu reinado:

“E reinará eternamente na casa de Jacó e o seu reino não terá fim” (Lucas 1: 33).

“Este será grande e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai” (Lucas 1: 32).

“E o sétimo anjo tocou a sua trombeta e houve no céu grandes vozes que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre” (Apocalipse 11: 15).

LEITURA COMPLEMENTAR

DIDAQUÉ – DOCTRINA APOSTOLORUM – DOCTRINA DOS DOZE APÓSTOLOS

A *didaqué* é uma instrução do Senhor para as nações, segundo os doze apóstolos, ou melhor dizendo, uma espécie de catecismo dos primeiros cristãos. Esse documento permite conhecer as origens do cristianismo e, principalmente, dá uma idéia de como era a iniciação cristã, as celebrações, a organização e a vida das primeiras comunidades. O autor (ou autores) pertence ao meio judaico-cristão, e dirige seu ensinamento às comunidades formadas por convertidos, vindos principalmente do paganismo.

PARTE I - O CAMINHO DA VIDA E O CAMINHO DA MORTE

CAPÍTULO I

Existem dois caminhos: o caminho da vida e o caminho da morte. Há uma grande diferença entre os dois.

Este é o caminho da vida: primeiro, ame a Deus que o criou; segundo, ame a seu próximo como a si mesmo. Não faça ao outro aquilo que você não quer que façam a você.

Este é o ensinamento derivado dessas palavras: bendiga àqueles que o amaldiçoam, reze por seus inimigos e jejeue por aqueles que o perseguem. Ora, se você ama àqueles que o amam, que graça você merece? Os pagãos também não fazem o mesmo? Quanto a você, ame àqueles que o odeiam e assim você não terá nenhum inimigo.

Não se deixe levar pelo instinto. Se alguém lhe bofeteia na face direita, ofereça-lhe também a outra face e assim você será perfeito. Se alguém o obriga a acompanhá-lo por um quilômetro, acompanhe-o por dois. Se alguém lhe tira o manto, ofereça-lhe também a túnica. Se alguém toma alguma coisa que lhe pertence, não a peça de volta porque não é direito.

Dê a quem lhe pede e não peça de volta, pois o Pai quer que os seus bens sejam dados a todos. Bem-aventurado aquele que dá conforme o mandamento, pois será considerado inocente. Ai daquele que recebe: se pede por estar necessitado, será considerado inocente, mas se recebeu sem necessidade, prestará contas do motivo e da finalidade. Será posto na prisão e será interrogado sobre o que fez e, daí, não sairá até que devolva o último centavo.

Sobre isso também foi dito: que a sua esmola fique suando nas suas mãos até que você saiba para quem a está dando.

CAPÍTULO II

O segundo mandamento da instrução é:

Não mate, não cometa adultério, não corrompa os jovens, não fornicue, não roube, não pratique a magia nem a feitiçaria. Não mate a criança no seio de sua mãe e nem depois que ela tenha nascido.

Não cobice os bens alheios, não cometa falso juramento, nem preste falso testemunho, não seja maldoso, nem vingativo.

Não tenha duplo pensamento ou linguajar, pois o duplo sentido é armadilha fatal.

A sua palavra não deve ser em vão, mas comprovada na prática.

Não seja avarento, nem ladrão, nem fingido, nem malicioso, nem soberbo. Não planeje o mal contra o seu próximo.

Não odeie a ninguém, mas corrija alguns, reze por outros e ame ainda aos outros, mais até do que a si mesmo.

CAPÍTULO III

Filho, procure evitar tudo aquilo que é mau e tudo que se parece com o mal.

Não seja colérico porque a ira conduz à morte. Não seja ciumento também, nem briguento ou violento, pois o homicídio nasce de todas essas coisas.

Filho, não cobice as mulheres, pois a cobiça leva à fornicção. Evite falar palavras obscenas e olhar maliciosamente já que os adultérios surgem dessas coisas.

Filho, não se aproxime da adivinhação porque ela leva à idolatria. Não pratique encantamentos, astrologia ou purificações, nem queira ver ou ouvir sobre isso, pois disso tudo nasce a idolatria.

Filho, não seja mentiroso, pois a mentira leva ao roubo. Não persiga o dinheiro nem cobice a fama porque os roubos nascem dessas coisas.

Filho, não fale demais, pois falar muito leva à blasfêmia. Não seja insolente nem tenha mente perversa, porque as blasfêmias nascem dessas coisas.

Seja manso, pois os mansos herdarão a terra.

Seja paciente, misericordioso, sem maldade, tranqüilo e bondoso. Respeite sempre as palavras que você escutou.

Não louve a si mesmo, nem se entregue à insolência. Não se junte com os poderosos, mas aproxime dos justos e pobres.

Aceite tudo o que acontece consigo como coisa boa e saiba que nada acontece sem a permissão de Deus.

CAPÍTULO IV

Filho, lembre-se dia e noite daquele que prega a Palavra de Deus para você. Honre-o como se fosse o próprio Senhor, pois Ele está presente onde a soberania do Senhor é anunciada.

Procure estar todos os dias na companhia dos fiéis para encontrar forças em suas palavras.

Não provoque divisão. Ao contrário, reconcilia àqueles que brigam entre si. Julgue de forma justa e corrija as culpas sem distinguir as pessoas.

Não hesite sobre o que vai acontecer.

Não se pareça com aqueles que dão a mão quando precisam e a retiram quando devem dar.

Se o trabalho de suas mãos rendem algo, as ofereça como reparação pelos seus pecados.

Não hesite em dar, nem dê reclamando, porque, na verdade, você sabe quem realmente pagou sua recompensa.

Não rejeite o necessitado. Compartilhe tudo com seu irmão e não diga que as coisas são apenas suas. Se vocês estão unidos nas coisas imortais, tanto mais estarão nas coisas perecíveis.

Não se descuide de seu filho ou filha. Muito pelo contrário, desde a infância instrua-os a temer a Deus.

Não dê ordens com rudeza ao seu escravo ou escrava, pois eles também esperam no mesmo Deus que você, assim, não perderão o temor de Deus, que está acima de todos. Certamente, Ele não virá chamar a pessoa pela aparência, mas somente àqueles que foram preparados pelo Espírito.

Quanto a vocês, escravos, obedeçam aos seus senhores, com todo o respeito e reverência, como à própria imagem de Deus.

Deteste toda a hipocrisia e tudo aquilo que não agrada o Senhor.

Não viole os mandamentos dos Senhor. Guarde tudo aquilo que você recebeu: não acrescente ou retire nada.

Confesse seus pecados na reunião dos fiéis e não comece a orar estando com má consciência. Este é o caminho da vida.

CAPÍTULO V

Este é o caminho da morte: primeiro, é mau e cheio de maldições, homicídios, adultérios, paixões, fornicções, roubos, idolatria, magias, feitiçarias, rapinas, falsos

testemunhos, hipocrisias, coração com duplo sentido, fraudes, orgulho, maldades, arrogância, avareza, palavras obscenas, ciúmes, insolência, altivez, ostentação e falta de temor de Deus.

Nesse caminho, trilham os perseguidores dos justos, os inimigos da verdade, os amantes da mentira, os ignorantes da justiça, os que não desejam o bem nem o justo julgamento, os que não praticam o bem, mas o mal. A calma e a paciência estão longe deles. Estes amam as coisas vãs, são ávidos por recompensas, não se compadecem com os pobres, não se importam com os perseguidos, não reconhecem o Criador. São também assassinos de crianças, corruptores da imagem de Deus, desprezam os necessitados, oprimem os aflitos, defendem os ricos, julgam injustamente os pobres e, finalmente, são pecadores consumados. Filho, afaste-se disso tudo.

CAPÍTULO VI

Fique atento para que ninguém o afaste do caminho da instrução, pois quem faz isso ensina coisas que não pertencem a Deus.

Você será perfeito se conseguir carregar todo o jugo do Senhor. Se isso não for possível, faça o que puder.

A respeito da comida, observe o que puder. Não coma nada do que é sacrificado aos ídolos, pois esse culto é destinado a deuses mortos.

PARTE II - A CELEBRAÇÃO LITÚRGICA

CAPÍTULO VII

Quanto ao batismo, faça assim: depois de ditas todas essas coisas, batize em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Se você não tiver água corrente, batize em outra água. Se não puder batizar com água fria, faça com água quente.

Na falta de uma e de outra, derrame água três vezes sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Antes de batizar, tanto aquele que batiza como o batizando, bem como aqueles que puderem, devem observar o jejum. Você deve ordenar ao batizando um jejum de um ou dois dias.

CAPÍTULO VIII

Os seus jejuos não devem coincidir com os dos hipócritas. Eles jejuam no segundo e no quinto dia da semana. Porém, você deve jejuar no quarto dia e no dia da preparação.

Não reze como os hipócritas, mas como o Senhor ordenou em seu Evangelho. Reze assim: “Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome, venha o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão-nosso de cada

dia nos dá hoje, perdoa nossa dívida, assim como também perdoamos os nossos devedores e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal porque teu é o poder e a glória para sempre”.

Rezem assim três vezes ao dia.

CAPÍTULO IX

Celebre a Eucaristia assim:

Diga primeiro sobre o cálice: “Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre”.

Depois diga sobre o pão partido: “Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da vida e do conhecimento que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre.

Da mesma forma como este pão partido havia sido semeado sobre as colinas e depois foi recolhido para se tornar um, assim também seja reunida a tua Igreja desde os confins da terra no teu Reino, porque teu é o poder e a glória, por Jesus Cristo, para sempre”.

Que ninguém coma nem beba da Eucaristia sem antes ter sido batizado em nome do Senhor pois sobre isso o Senhor disse: “Não deem as coisas santas aos cães”.

CAPÍTULO X

Após ser saciado, agradeça assim:

“Nós te agradecemos, Pai santo, por teu santo nome que fizeste habitar em nossos corações e pelo conhecimento, pela fé e imortalidade que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre.

Tu, Senhor onipotente, criaste todas as coisas por causa do teu nome e deste aos homens o prazer do alimento e da bebida, para que te agradeçam. A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espirituais e uma vida eterna através do teu servo.

Antes de tudo, te agradecemos porque és poderoso. A ti, glória para sempre.

Lembra-te, Senhor, da tua Igreja, livrando-a de todo o mal e aperfeiçoando-a no teu amor. Reúne dos quatro ventos esta Igreja santificada para o teu Reino que lhe preparaste, porque teu é o poder e a glória para sempre.

Que a tua graça venha e este mundo passe. Hosana ao Deus de Davi. Venha quem é fiel, converta-se quem é infiel. Maranatha. Amém.”

Deixe os profetas agradecerem à vontade.

PARTE III - A VIDA EM COMUNIDADE

CAPÍTULO XI

Se vier alguém até você e ensinar tudo o que foi dito anteriormente, deve ser acolhido.

Mas se aquele que ensina é perverso e ensinar outra doutrina para te destruir, não lhe dê atenção. No entanto, se ele ensina para estabelecer a justiça e conhecimento do Senhor, você deve acolhê-lo como se fosse o Senhor.

Já quanto aos apóstolos e profetas, faça conforme o princípio do Evangelho.

Todo apóstolo que vem até você, deve ser recebido como o próprio Senhor.

Ele não deve ficar mais que um dia ou, se necessário, mais outro. Se ficar três dias é um falso profeta.

Ao partir, o apóstolo não deve levar nada a não ser o pão necessário para chegar ao lugar onde deve parar. Se pedir dinheiro, é um falso profeta.

Não ponha à prova nem julgue um profeta que fala tudo sob inspiração, pois todo pecado será perdoado, mas esse não será perdoado.

Nem todo aquele que fala inspirado é profeta, a não ser que viva como o Senhor. É desse modo que você reconhece o falso e o verdadeiro profeta.

Todo profeta que, sob inspiração, manda preparar a mesa não deve comer dela. Caso contrário, é um falso profeta.

Todo profeta que ensina a verdade, mas não pratica o que ensina é um falso profeta.

Todo profeta comprovado e verdadeiro, que age pelo mistério terreno da Igreja, mas que não ensina a fazer como ele faz não deverá ser julgado por você, ele será julgado por Deus. Assim fizeram também os antigos profetas.

Se alguém disser sob inspiração: “Dê-me dinheiro” ou qualquer outra coisa, não o escutem. Porém, se ele pedir para dar a outros necessitados, então ninguém o julgue.

CAPÍTULO XII

Acolha todo aquele que vier em nome do Senhor. Depois, examine para conhecê-lo, pois você tem discernimento para distinguir a esquerda da direita.

Se o hóspede estiver de passagem, dê-lhe ajuda no que puder. Entretanto, ele não deve permanecer com você mais que dois ou três dias, se necessário.

Se quiser se estabelecer e tiver uma profissão, então que trabalhe para se sustentar.

Porém, se ele não tiver profissão, proceda de acordo com a prudência, para que um cristão não viva ociosamente em seu meio.

Se ele não aceitar isso, trata-se de um comerciante de Cristo. Tenha cuidado com essa gente!

CAPÍTULO XIII

Todo verdadeiro profeta que queira estabelecer-se em seu meio é digno do alimento.

Assim também o verdadeiro mestre é digno do seu alimento, como qualquer operário.

Assim, tome os primeiros frutos de todos os produtos da vinha e da eira, dos bois e das ovelhas e os dê aos profetas, pois são eles os seus sumo-sacerdotes.

Porém, se você não tiver profetas, dê aos pobres.

Se você fizer pão, tome os primeiros e os dê conforme o preceito.

Da mesma maneira, ao abrir um recipiente de vinho ou óleo, tome a primeira parte e a dê aos profetas.

Tome uma parte de seu dinheiro, da sua roupa e de todas as suas posses, conforme lhe parecer oportuno e os dê de acordo com o preceito.

CAPÍTULO XIV

Reúna-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer após ter confessado seus pecados, para que o sacrifício seja puro.

Aquele que está brigado com seu companheiro não pode juntar-se antes de se reconciliar, para que o sacrifício oferecido não seja profanado.

Esse é o sacrifício do qual o Senhor disse: “Em todo lugar e em todo tempo, seja oferecido um sacrifício puro, porque sou um grande rei, diz o Senhor, e o meu nome é admirável entre as nações”.

CAPÍTULO XV

Escolha bispos e diáconos dignos do Senhor. Eles devem ser homens mansos, desprendidos do dinheiro, verazes e provados, pois também exercem para vocês o ministério dos profetas e dos mestres.

Não os despreze, porque eles têm a mesma dignidade que os profetas e os mestres.

Corrija uns aos outros, não com ódio, mas com paz, como você tem no Evangelho. E ninguém fale com uma pessoa que tenha ofendido o próximo, que essa pessoa não escute uma só palavra sua até que tenha se arrependido.

Faça suas orações, esmolas e ações da forma que você tem no Evangelho de nosso Senhor.

PARTE IV - O FIM DOS TEMPOS

CAPÍTULO XVI

Vigie sobre a vida uns dos outros. Não deixe que sua lâmpada se apague, nem afrouxe o cinto dos rins. Fique preparado porque você não sabe a que horas nosso Senhor chegará.

Reúna-se com frequência para que, juntos, procurem o que convém a vocês, porque de nada lhe servirá todo o tempo que viveu a fé se no último instante não estiver perfeito.

De fato, nos últimos dias se multiplicarão os falsos profetas e os corruptores, as ovelhas se transformarão em lobos e o amor se converterá em ódio.

Aumentando a injustiça, os homens se odiarão, se perseguirão e se trairão mutuamente. Então o sedutor do mundo aparecerá, como se fosse o Filho de Deus, e fará sinais e prodígios. A terra será entregue em suas mãos e cometerá crimes como jamais foram cometidos desde o começo do mundo.

Então toda criatura humana passará pela prova de fogo e muitos, escandalizados, perecerão. No entanto, aqueles que permanecerem firmes na fé serão salvos por aquele que os outros amaldiçoam.

Então aparecerão os sinais da verdade: primeiro, o sinal da abertura no céu; depois, o sinal do toque da trombeta, e, em terceiro, a ressurreição dos mortos.

Sim, a ressurreição, mas não de todos, conforme foi dito: “O Senhor virá e todos os santos estarão com ele”.

Então o mundo assistirá o Senhor chegando sobre as nuvens do céu.

FONTE: Disponível em: <www.geocities.com/apologeticacatolica/didaque.html - 21k>. Acesso em: 17 dez. 2008.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- O assunto e o tema central da Escritura Sagrada é a História da Redenção dos Homens através de Jesus Cristo, o Messias. A Bíblia revela que, de fato, há uma história de Deus com os homens, originada, baseada e continuada através do amor.
- Jesus Cristo, sua existência factível entre nós, foi o clímax da história tanto no mundo físico e histórico quanto no mundo espiritual, ou seja, a história se dividiu em antes e depois de Cristo e, espiritualmente, ocorreu a sua humilhação e depois a sua exaltação.
- Para responder à pergunta “Quem é Cristo?” é necessário retratá-lo em relação ao passado, presente e futuro de acordo com as Escrituras. Este estudo e esta resposta nos levam a entender o propósito e a mensagem da Bíblia.

AUTOATIVIDADE



- 1 A obra de salvação passa por algumas etapas históricas, quais são elas?
- 2 Jesus Cristo é a chave para compreender a História. Esta afirmativa se refere a que fatos que estão relacionados à sua existência, e em que versículo bíblico o próprio Senhor Jesus a resumiu?
- 3 Sobre a preexistência de Jesus, ou seja, o passado, o que a sua Deidade revela?
- 4 Quais são as duas posições que Jesus Cristo ocupa no presente e o que elas significam?
- 5 Jesus e a Igreja estarão presentes no último ofício de Cristo. Qual será esta relação?



A AUTORIDADE E O PODER DA PALAVRA DE DEUS

1 INTRODUÇÃO

Estamos vivendo numa época onde o princípio de autoridade está em crise e, por conseguinte, o julgamento final do homem tem se colocado acima da Palavra de Deus, no sentido da mesma ser autoridade sobre todos os homens. A sociedade tem sido conduzida através das atitudes oriundas da pós-modernidade, tais como o secularismo, o relativismo, o hedonismo, o antropocentrismo etc. Há a falta de entendimento e de reconhecimento da Palavra de Deus, como Palavra autoritária, para a conduta e para a fé. O reducionismo ao qual a Escritura tem sido submetida pelo mundo não cristão tem causado o caos social e moral, que hoje vislumbramos. Tem sido desafiador para a Igreja de Deus lidar com as tentações do tempo presente para discerni-las, rejeitá-las e vencê-las. Há uma promessa para quem assim o fizer:

“Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra. Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Apocalipse 3: 10, 11, 21, 22).

A Bíblia tem autoridade? Há harmonia entre a Bíblia e a razão? Há um poder terapêutico e transformador na Sagrada Escritura? Neste tópico, estaremos tratando e respondendo estas questões.

2 A AUTORIDADE DA PALAVRA DE DEUS

A seguir, apresentamos a importância e a autoridade da palavra de Deus.

2.1 A AUTORIDADE RELIGIOSA

A Palavra de Deus, como autoridade, tem o direito de comandar a fé e a ação. Deus é a autoridade máxima e última em questões religiosas, Ele tem o direito tanto pelo que é como pelo que faz de prescrever a crença e a ação, de estabelecer o que devemos crer e como devemos viver. As tradições dos homens e da Igreja não estão acima da Escritura e nem a substituem. A Bíblia se constitui, no padrão da fé e da prática, na mensagem autorizada de Deus para os homens através da qual Ele exerce sua autoridade.

3 O TRABALHO DO ESPÍRITO SANTO

O trabalho do Espírito Santo, em relação à Bíblia, envolve a revelação, a inspiração e a iluminação. É necessária a iluminação e o testemunho do Espírito Santo para que possamos compreender o significado da Bíblia e tenhamos certeza de que ela é verdadeira. Nem a Igreja e nem a razão são suficientes para transmitir este testemunho íntimo. O mesmo Espírito que revelou a Escritura é o mesmo que nos guia a toda a verdade, desde o pentecostes.

“Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir” (João 16: 13).

“Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim. E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio” (João 15: 26, 27).

“E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo” (João 16:8).

A própria natureza do Espírito é a verdade e o seu ministério tem como objetivo elucidar a verdade, criar fé, persuasão e arrependimento, mas não uma nova revelação.

“E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo” (João 16:8).

4 COMPONENTES OBJETIVOS E SUBJETIVOS DA AUTORIDADE

A Palavra objetiva se refere à palavra escrita e inspirada. A palavra subjetiva se constitui de dois elementos: a iluminação interior referente à Palavra objetiva e o arrependimento produzido pelo Espírito Santo. A Palavra objetiva e a palavra subjetiva constituem a autoridade do cristão.

A palavra escrita deve ser corretamente interpretada. A palavra subjetiva é fruto do trabalho persuasivo do Espírito Santo. Juntas operam a maturidade para a vida cristã. Erickson (1997) nos traz uma expressão, de um pastor, relativa a este assunto: “se você tiver a Bíblia sem ter o Espírito, acabará seco. Se você tiver o Espírito sem ter a Bíblia, acabará explodindo. Mas se você tiver os dois, a Bíblia e Espírito juntos, crescerá”.

5 A BÍBLIA E A RAZÃO

Há uma relação entre a autoridade bíblica e a razão. A Escritura nos dá o conteúdo da nossa crença e do nosso código de prática. A razão nos diz o conteúdo de nossa crença, ela determina, através da Hermenêutica e da Exegese, o significado das Escrituras.

A Hermenêutica, que é a arte e a ciência de explicar a Escritura, diz como regra áurea que a Escritura explica a própria Escritura, embora exista esta autoexplicação, especialmente, pelo fato de ter sido produzida por uma mente única, ela, sozinha, não nos dará o sentido da Escritura. Desta feita, você percebe claramente.

5.1 CRER TAMBÉM É PENSAR

Crer é também pensar, certamente. Há manifestações e reações diversas quanto à fé, tais como: o ritualismo que confunde a fé, pois foge da essência e conduz à mística ignorante, o radical, que aprisiona a pessoa aos conceitos da tradição das perspectivas pessoais de compreensão, quer por usos e costumes ou para uma socialização do evangelho e não pelo evangelho além do fundamentalismo surdo, cego, não dialogal, ignorante que causa tantos prejuízos e dissabores em nosso meio na sociedade e para a Missão da Igreja.

Há também o privilégio da experiência em detrimento da doutrina, um desequilíbrio e um terreno fértil para as heresias e a produção das falsidades e abusos às vezes presentes no pentecostalismo não generalizado.

Deus nos criou seres inteligentes, dotados de uma mente à sua imagem e semelhança, portanto, há perguntas, raciocínios lógicos e estas faculdades, ou seja, a contemplação da razão e do razoável carece da verdade pura. Tanto na biblicidade como na teologia, nem Deus e nem a Escritura fogem ao debate ou se escondem da razão. Há de se ter um equilíbrio, contando com o discernimento

que é possível ao homem espiritual, pela graça de Deus. A verdade vence a mentira! Devemos fazer isso de nossas mentes, contudo com a graça de Deus.

A Palavra apela e orienta acerca da **Renovação do Entendimento** para compreensão objetiva da vontade de Deus pela Escritura, o que é alvo e anseio do crente consciente. Tanto pelo que relatei, como pela própria Didática Divina, pela Escritura concluímos que temos recebido meios para honrar o Senhor e responder dignamente a razão da nossa fé.

6 AUTORIDADE HISTÓRICA E NORMATIVA

Esta é uma outra distinção que precisamos destacar, pois se refere também à Bíblia como nossa autoridade. A autoridade histórica da Bíblia se refere ao que ela ensina e exigiu das pessoas nos tempos bíblicos. Estas verdades são também chamadas de verdades temporais, pois estão restritas a uma época passada, num contexto cultural específico. Em relação à autoridade histórica precisamos inferir princípios. É o espírito da Palavra.

A autoridade normativa se refere à vontade de Deus para com todas as pessoas, são verdades e exigências universais que nunca mudam nem estão restritas a um determinado tempo ou grupo cultural. Diante destas especificações é possível que haja autoridade histórica sem autoridade normativa que pode ter sido dada num determinado tempo, contudo é transcendente a este tempo.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico você aprendeu que:

- Há uma crise geral em relação ao princípio de autoridade no mundo, o que tem afetado o entendimento da posição benéfica da Palavra de Deus como autoridade para a conduta e para a fé.
- A Escritura Sagrada se apresenta como Autoridade Religiosa e que Deus tem o direito de prescrever a crença e a ação, o que devemos crer e como devemos viver. Além da autoridade religiosa, a autoridade da Bíblia repousa na autoridade histórica e normativa.
- O trabalho e o testemunho íntimo do Espírito Santo em relação à Bíblia nos transmitem a certeza de que ela é verdadeira.
- Há elementos objetivos e subjetivos da autoridade da Bíblia. A palavra objetiva é a palavra escrita e, esta, deve ser corretamente interpretada. A palavra subjetiva é o fruto do trabalho persuasivo do Espírito Santo e, juntas, operam a maturidade para a vida cristã.
- Há uma relação entre a Bíblia e a razão porque crer é também pensar.

AUTOATIVIDADE



- 1 Quais têm sido as consequências do reducionismo ao qual a Palavra de Deus tem sido submetida pelo mundo não cristão?
- 2 O que envolve o trabalho do Espírito Santo em relação à Bíblia?
- 3 A que se referem os componentes objetivos e subjetivos da autoridade bíblica?
- 4 Nem Deus nem a Escritura fogem ao debate ou se escondem da razão. Por que carecemos da verdade pura?



A PALAVRA DE DEUS LIDA, MEDITADA E ESTUDADA

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico, trataremos da importante questão da leitura, meditação e estudo da Palavra de Deus. São níveis diferentes e mais profundos respectivamente.

A Palavra do Senhor desceu do céu para nós, a fim de nos guiar claramente e para que não andemos em dúvida. Apresentamos uma proposta de estudo bíblico simples e prática para seu uso no dia-a-dia. Com a ajuda do Espírito Santo, você gozará da comunhão com o Senhor Jesus e do crescimento espiritual tão necessário e desejado por todos nós.

2 QUALQUER UM PODE ENTENDER A BÍBLIA CLARAMENTE

Caso alguém não tenha experiência quanto ao manejo da Bíblia, diante de tantos livros, no início se sentirá confuso para localizar as referências bíblicas, porém em pouco tempo esta dificuldade será superada. Esta dificuldade deve ser uma motivação para conhecer melhor a Palavra de Deus.

O sucesso na vida cristã ou o fracasso dependem de uma vida de comunhão com Deus onde a Sua Palavra é fundamental, insubstituível e indispensável, pois através do conhecimento bíblico armazenado em nossa mente, com regularidade e de nossa obediência às suas verdades, desfrutaremos de uma vida harmoniosa, tranqüila, feliz e vitoriosa. A aquisição de conhecimento bíblico não é condição para a salvação, mas é condição para o crescimento espiritual do cristão.

“Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (João 13:17).

A Bíblia foi escrita para pessoas comuns. Neste sentido, os massoretas realizaram um excelente trabalho no texto do Antigo Testamento Hebraico. O Novo Testamento foi escrito no grego popular e não no clássico, fatos que demonstram a ação de Deus para tornar acessível e clara a sua mensagem aos homens. Muitas pessoas pensam que nunca conseguirão entender a Bíblia, mas ela não foi escrita para teólogos, foi escrita para pessoas como eu e você. Talvez

nem todos sejam capazes de se aprofundar nas verdades bíblicas da mesma maneira que os teólogos, haverá muitas coisas que não iremos compreender, mas é muito maior a proporção do que podemos entender. Somente a partir do momento em que a pessoa começa a estudar a Palavra de Deus é que sua vida espiritual toma uma nova dimensão rumo ao progresso. Isso requer esforço, o esforço mais árduo que existe, o esforço de pensar, mas esta é a única maneira para se aprender as lições bíblicas. O tempo mínimo dedicado diariamente para podermos aprender qualquer coisa é de 15 minutos de estudo por dia, se persistirmos nisso pelo tempo que for necessário, nosso crescimento será notório e os maiores beneficiados seremos nós mesmos.

Após algum tempo, conseguir-se-á atingir alguns objetivos:

- ler a Bíblia toda;
- gravar os princípios básicos mais importantes, as promessas de Deus e suas ordenanças;
- aprender e decorar versículos-chaves;
- adquirir o conhecimento prático da Bíblia;
- formar o hábito permanente e prazeroso de estudar a Bíblia.

Para o entendimento da Escritura, acrescente-se ao estudo individual, a frequência regular à igreja e aos estudos bíblicos.

3 O QUE O ESPÍRITO SANTO FARÁ POR VOCÊ

Através da iluminação das Sagradas Escrituras o Espírito Santo:

- nos guiará a toda a verdade;
- fortalecerá a nossa fé;
- nos tornará cristãos mais fortes;
- nos dará certeza da salvação;
- nos dará confiança e poder na oração;
- nos dará a consciência da purificação dos pecados;
- nos dará alegria;

- produzirá paz;
- nos orientará nas decisões da vida;
- nos capacitará a testemunhar de nossa fé;
- será uma garantia de sucesso.

4 COMOLERA BÍBLIA: ESPIRITUALIDADE E ERACIONALIDADE

A leitura é um dos métodos de estudo bíblico, o método básico. Paulo recomendou ao seu filho Timóteo na fé:

“Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja a Palavra da verdade” (2 Timóteo 2:15).

“Fiel é a palavra e digna de inteira aceitação [...] torna-te padrão na palavra [...] aplica-te à leitura [...] medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto” (2 Timóteo 4:9 -15).

Se você não adquirir o hábito de ler regularmente a Bíblia nunca cultivará o de estudá-la. Para uma leitura proveitosa precisamos:

- ler diariamente no horário em que estiver bem alerta e disposto;
- definir a hora certa;
- marcar a duração do tempo;
- marcar um lugar definido que facilite a concentração e a persistência;
- ler com um lápis na mão para grifar o que se destaca, fixando assim a leitura, mantendo sempre a atitude de estar preparado para receber uma mensagem de Deus;
- ler a Bíblia devocionalmente. Antes de iniciar sua leitura, ore para que o Espírito Santo traga a mensagem de Deus ao seu coração e torne este livro vivo, proveitoso para a prática. A melhor maneira de se ler a Palavra de Deus devocionalmente é em oração, pois o Espírito Santo nos dará um pensamento que vem ao encontro de nossa necessidade, ou nos dará uma bênção de que necessitaremos no decorrer do dia;
- escrever um diário simples da vida devocional. Chamamos este diário de diário espiritual. Não é um diário complicado, ele se constitui de um caderno onde se separa uma página para cada dia a qual deve ser datada e constar dos seguintes itens:

- A mensagem de Deus para hoje – você a encontra e registra;
- uma promessa de Deus – caso você a encontre, você a registra;
- uma ordem para obedecer – se houver você a registra e caso haja mais que uma escolha, a mais importante;
- um princípio eterno – refere-se a um comportamento humano que porventura esteja expresso no texto;
- a aplicação – responde-se à seguinte pergunta: como posso aplicar isso à minha vida?

FIGURA 48 – MODELO DE UM DIÁRIO ESPIRITUAL

Diário Espiritual	
Texto:	Data:
1 Mensagem de Deus para hoje:	
2 Uma Promessa Divina:	
3 Uma ordem:	
4 Um princípio eterno:	
5 Como posso aplicar isto à minha vida?	

FONTE: O autor

5 A MEDITAÇÃO DA SAGRADA ESCRITURA

Kornfield e Lima (2006) apontam nove benefícios sobre o que a meditação na Palavra fará por nós e dizem que há cinco formas de conhecermos a Palavra:

O que a Meditação na Palavra fará por você:

- 1 Ela nos tornará crentes mais fortes.
- 2 Ela nos dará certeza da salvação.
- 3 Ela nos dará confiança e poder na oração.
- 4 A purificação do pecado.
- 5 Ela nos dará alegria.
- 6 Produzirá paz.
- 7 Ela nos orientará nas decisões da vida.
- 8 Ela nos capacitará a testemunhar de nossa fé.
- 9 Será uma garantia de sucesso.

As cinco formas de Conhecermos a Palavra são:

1 Ouvir

‘De sorte que a fé vem pelo ouvir, e o ouvir a palavra de Deus’ (Romanos 10:17).

2 Ler

‘Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas’ (Apocalipse 1:3).

3 Estudar

‘Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica, pois receberam a palavra com toda avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram de fato assim’ (Atos 17:11).

4 Memorizar

‘De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho? Observando-o segundo a tua palavra. Guardo no coração as tuas palavras,

para não pecar contra ti' (Salmo 119: 9, 11).

5 Meditar

‘Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes o seu prazer está na lei do Senhor e na sua lei medita de dia e de noite. Ele é como a árvore plantada junto à corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha, e tudo quanto ele faz será bem sucedido’ (Salmo 1: 1-3)’.

A meditação é ato de refletir, pensar sobre a passagem escolhida para este fim, através da qual o Espírito Santo poderá falar conosco, nos inspirar, nos iluminar, levando-nos a pensar sobre tudo o que aquela passagem pode nos trazer de bom, tanto para a nossa edificação, para a nossa correção, para a direção em assuntos necessários e desafiadores do dia a dia. A meditação tem o objetivo de nos levar a aplicar o conhecimento encontrado.

Um método para meditar poderá ser:

- 1 Escolha o parágrafo ou capítulo a ser lido.
- 2 Leia completamente.
- 3 Leia novamente com um lápis na mão para sublinhar as verdades que se destacam para você no texto.
- 4 Releia apenas os destaques.
- 5 Selecione o que mais lhe impactou naquele momento.
- 6 Comece a pensar no texto e preencha o Diário Espiritual.
- 7 Ore sobre o que você concluiu através da meditação.

O conhecimento da Palavra transforma o nosso entendimento e nos ajuda a fazer uma leitura correta do mundo que nos cerca a fim de que não sejamos levados por ventos de doutrinas falsas, nem pelas ideologias e filosofias dos homens sem Deus.

A meditação é uma das práticas devocionais. As práticas devocionais ocorrem naturalmente na prática diária da comunhão com Deus. São elas:

- 1 A Prática da Leitura e Meditação da Bíblia.
- 2 A Prática da Oração.

- 3 A Prática do Desabafo.
- 4 A Prática da Confissão.
- 5 A Prática da Restauração.
- 6 A Prática da Humildade.
- 7 A Prática da Descomplexação.
- 8 A Prática do Poder.
- 9 A Prática da Alegria

FONTE: Kornfield; Lima (2006, p. 62, 71)

César nos diz:

As práticas devocionais são exercícios de sobrevivência e plenitude espiritual [...] abarcam todos os exercícios que produzem, aperfeiçoam e sustentam a perfeita comunhão do pecador salvo e redimido por Jesus Cristo com o próprio Deus. Elas acabam com a distância que há entre Deus e o homem e levam o crente ao ponto máximo da comunhão, tornando-o amigo de Deus. (2 Cr. 20:7; Jo. 15: 15-15) (CÉSAR, 1993, p. 5).

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, através do conteúdo apresentado, você aprendeu que:

- A Bíblia nos foi dada por Deus e que qualquer pessoa pode compreendê-la claramente. O sucesso, na vida cristã, depende de uma vida de comunhão com Deus e com sua Palavra. A Bíblia foi escrita para pessoas comuns.
- O Espírito Santo iluminará você para que possa compreender a Bíblia.
- A Bíblia deve ser lida com racionalidade, com um método de estudo e tal procedimento não anula a espiritualidade.
- A meditação da Sagrada Escritura é ato de refletir, pensar sobre uma passagem escolhida para que, através da iluminação do Espírito Santo, você receba o alimento espiritual. É através da meditação que Deus fala conosco.
- A meditação tem o objetivo de levar-nos a aplicar o conhecimento encontrado.

AUTOATIVIDADE



- 1 Muitos pensam que a Bíblia é complexa e de difícil interpretação. Como poderemos responder a estas pessoas?
- 2 O que acontece a partir do momento em que a pessoa começa a estudar a Palavra de Deus?
- 3 Qual é a utilidade de um Diário Espiritual?
- 4 O que o conhecimento da Palavra nos proporciona?



O CONHECIMENTO E A COMPREENSÃO VITAL E CONTINUADA DA BÍBLIA

1 INTRODUÇÃO

Não há seres humanos despidos de “teologia”, até o ateu tem sua teologia. Isto não significa afirmar que toda concepção teológica é correta, significa dizer que ninguém é isento de uma atitude, de uma reação que leva à ação nos assuntos espirituais e religiosos. Neste aspecto, o que devo enfatizar para você, acadêmico não é apenas o conhecimento, mas a construção de uma relação diária de amor mútuo entre você e Deus. Lembre-se: a concepção teológica afeta a vida integral do ser humano aqui e agora. O conhecimento e a compreensão da Bíblia nos levarão a uma prática diária, ou seja, à obediência. Conhecer, compreender e obedecer são aspectos vitais para uma vida cristã bem sucedida, para desenvolvermos a nossa salvação e para o exercício do ministério.

2 CONHECIMENTO DA BÍBLIA: PROPÓSITO, POSSIBILIDADE E FINALIDADE

Propósito – O propósito de Deus em nos transmitir a sua Palavra é que recebamos a sua mensagem em nossos corações. A mensagem de conforto que nos direciona em nossas decisões. O nosso Deus é o nosso Senhor, conhecer sua palavra é conhecer a sua vontade e realizá-la, nos conduz sempre num caminho de segurança e paz.

Outro propósito é para que O conheçamos, Seu caráter, Sua personalidade, Sua glória, Seu poder, Sua majestade e esplendor a fim de termos um relacionamento pessoal com Ele, como Pai, também para que nos tornemos adoradores conscientes, sinceros, verdadeiros.

Possibilidade – A Palavra revelada é poderosa, ela veio a nós pela ação criativa do Espírito Santo. A Palavra de Deus é uma arma espiritual e precisamos usá-la para vencer as tentações, as dificuldades e os desafios que nos apresentam. É através da oração da fé com base na Palavra de Deus que novamente o Espírito Santo, trazendo a efeito o que ali está escrito para o nosso bem e para a glória do Pai.

Finalidade – A Palavra de Deus é o tecido, o pano de fundo para a vida cotidiana, é através dos seus princípios e verdades que temos a base para crer e agir. A Palavra de Deus em nós, dentro de nós, nos torna homens e mulheres com autoridade espiritual. Isto nos leva além do conhecimento, é uma dimensão maior e mais profunda da vida espiritual em Cristo.

A fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus, ou seja, a fé contribui para o nosso avivamento pessoal e é despertada quando ouvimos a mensagem de Deus. Transcendemos a religião quando sentimos fome e sede da Palavra de Deus e da presença Dele. A exposição bíblica é um dos elementos geradores do ambiente interior do avivamento, mas este é consolidado através de uma vida diária de comunhão com a Palavra e com Deus, através da oração onde O buscamos de todo o coração a fim de achá-LO realmente. Deus sendo pessoa não se nega jamais em estar conosco, como temos prazer em estar na Sua presença, Ele tem prazer em estar na nossa, de Se apresentar a nós e a cada dia revelar um pouco mais de Si.

Conhecer a Palavra de Deus para ouvir e discernir Sua voz, é uma das mais importantes finalidades desta relação contínua e crescente com a Palavra, pois nos dará proteção, será nossa arma de ataque e de defesa para a vitória na batalha espiritual diária e no nosso ministério. Jesus nos deu exemplo, ele venceu o inimigo e as tentações que se apresentaram citando a Palavra de Deus. Como poderemos fazer o mesmo se ela não estiver em nós? Vou citar uma situação real que mostra o poder da Palavra de Deus e que de fato ela penetra o nosso interior e permanece ali no mais profundo do nosso ser, no espírito.

Um dos meus alunos no Seminário Quadrangular de Curitiba, originário da cidade de Maringá, acidentou-se fazendo manutenção elétrica para a companhia de energia estadual, literalmente caiu do poste de luz, bateu a cabeça, ficou desacordado, em coma. Passados os dias e os vários procedimentos médicos, ele retornou do coma, porém estava com amnésia, lembrava-se de poucas pessoas e de pouquíssimos fatos. Contudo, no dia em que o visitei ele me disse: “pastor, eu não me lembro de quase nada, a única coisa que me restou foi tudo o que eu aprendi da Palavra de Deus, disto não me esqueci de nada”. Graças a Deus ele hoje vive normalmente e sem seqüelas. O amoroso Deus e sua Palavra demonstraram o quão poderosos foram e são na vida daquele homem. Foi com base nas promessas da Palavra que ele pode, a cada dia, mesmo que gemendo e chorando, reivindicar o que era seu por herança espiritual e sair do hospital com vida e saúde.

3 COMPREENSÃO CONTINUADA: OBJETIVO E NATUREZA

Como dissemos anteriormente, a compreensão da Bíblia é um fator vital e decisivo para cada um de nós, porque isto diz respeito à nossa vida, aqui e agora, mas também em relação à eternidade. Somos seres espirituais também, devemos assumir a responsabilidade espiritual para conosco mesmo, porque quer o façamos ou não, teremos que responder a respeito disto quando nos

apresentarmos perante o Pai. Por sermos seres espirituais também, não haverá satisfação plena nesta vida sem colocarmos Cristo como centro de nossas vidas, pois precisamos de Sua presença, de Sua Palavra e de Seu Espírito. O crescimento espiritual proporcionado pela compreensão continuada da Palavra de Deus nos levará ao fortalecimento e à maturidade espiritual. A maturidade espiritual, além de nos dar o exercício de uma fé prazerosa, consciente e responsável, nos tornará frutíferos no Espírito de Deus e em obras, ou seja, gozaremos de uma vida de resultados. Jesus disse que fomos escolhidos para isto, para dar frutos que permaneçam para sempre. Cristãos maduros influenciam e fazem a diferença para abençoar os que o cercam.

A compreensão continuada da Bíblia garante a defesa da verdadeira fé cristã. Neste mundo atual conturbado, deturpado pelas falsas doutrinas, pelas manipulações espirituais, pelo abuso da boa fé, influenciado pelos valores decadentes e pela falsa espiritualidade da pós-modernidade, a defesa da fé é de um valor inestimável. Não podemos seguir os falsos cristos, Jesus já nos advertiu a respeito disto nos Evangelhos. A dedicação à Palavra de Deus para uma compreensão continuada é uma questão atitudinal, passa pela nossa decisão e vontade. A Palavra nos aconselha a buscar o Senhor enquanto podemos achá-lo e enquanto Ele está perto.

4 O CONHECIMENTO, UM SABER QUE CONDUZ À SABEDORIA DA FÉ

Deus é luz e esta luz diz respeito também à iluminação espiritual em nosso interior que nos vem pelo entendimento do que conhecemos da Palavra de Deus, este é um trabalho do Espírito Santo, ou seja, nos guiar em toda a verdade. É através do trabalho e auxílio do Espírito Santo, que discerniremos as coisas espirituais como nos fala o apóstolo Paulo. O discernimento das coisas espirituais, das realidades e fatos que envolvem o mundo espiritual, o discernimento da vontade de Deus para nos dar direção nas situações da vida são manifestações da sabedoria que Deus nos dá através da comunhão com a Sua Palavra e com a Sua pessoa.

Esta é a sabedoria da fé e na fé nos conduz numa vida de liberdade. O conhecimento liberta. Jesus mesmo disse que ao conhecermos a verdade, ela nos libertaria. Esta liberdade que é a expressão de uma vida cristã sábia se traduz no nosso estilo de vida com integridade, santidade, paz interior (consciência) e exterior (relacionamentos e atitudes relacionais). A sabedoria da fé conduz à Missão Integral da Igreja. Aquele que conhece a verdade, que discerne as coisas espirituais não fica passivo diante da realidade que observa, a sabedoria da fé deve nos tornar estrategistas para alcançar aqueles que não conhecem a Cristo. Não basta ter conhecimento, ele deve gerar vida, ser uma semente poderosa para sermos e fazermos o papel da Igreja de Cristo no mundo. Jesus nos comissionou em (Mateus 28: 18-20), observe:

E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém!

Somos artesãos de uma nova humanidade, ministrando a outros com entusiasmo, fervor e solidez. Discípulos gerando discípulos com o caráter e com a vida de Cristo.

5 A PRÁTICA DA SAGRADA ESCRITURA

A Teologia Prática é um dos temas e atitudes da Igreja do século XXI. É extremamente importante refletirmos sobre esta proposta, ou seja, ter um conhecimento de Deus aplicável e transferível. A Teologia Prática se refere a conhecer o que a Teologia ensina, trazendo os princípios apresentados e descobertos à vivência diária para o crescimento espiritual e para um testemunho eficaz de Cristo e das coisas espirituais. Deus não se deu a conhecer e nem empreendeu este gigantesco esforço em colocar a Sua Palavra em nossas mãos para que fossemos apenas grandes intelectuais, mas sábios. Sábio não é uma pessoa que conhece todas as coisas, mas é uma pessoa que sabe aplicar corretamente aquilo que conhece. A prática correta da Escritura, da sã doutrina cristã, gera a confiabilidade e a credibilidade do cristão.

Você e eu pudemos observar o quão terrível é uma pessoa não ser coerente entre aquilo que crê e fala com aquilo que vive, nem as pessoas pagãs admitem tal postura, esta é uma exigência contínua da sociedade para com a cristandade, principalmente a evangélica. A teologia prática tem a ver com o Senhorio de Jesus Cristo em nossas vidas, nós somos a mensagem viva, a carta viva de Deus, o Corpo expressivo e concreto de Cristo na terra. As implicações do Senhorio de Cristo estão sintetizadas nesta frase: Não há “Evangelho” sem Cristo e sem cruz. Isto é prática, é a teologia aplicada no cotidiano.

6 A ESPERANÇA PELAS ESCRITURAS: PROFECIAS E PROMESSAS

O nosso destino final é traçado pelas nossas escolhas e pela nossa decisão em aceitar e crer em Cristo como Salvador e Senhor de nossas almas. O fato de você estudar teologia revela o seu desejo de conhecer a Deus, conhecer a Palavra de Deus. Esta vontade deve levá-lo não apenas à formação acadêmica, mas aproximá-lo de Cristo, deve solidificar a sua fé, reforçar a sua posição de filho de Deus, afirmar o testemunho interior do Espírito Santo em seu espírito de que você é filho de Deus, salvo e remido pelo sangue de Jesus. Mais do que nunca, ou seja, hoje, intensamente, vivemos o ambiente da Profecia, o cenário mundial assinala para o cumprimento das últimas coisas. Este fato deve ser motivo de alegria para nós porque herdaremos a Promessa, ou seja, finalmente viveremos pelo que

cremos, estaremos para sempre com o Senhor. O único perigo ou impedimento para a concretização desta Esperança é se deixar influenciar e vencer pelo espírito de apostasia.

O nosso cuidado, ou seja, vigilância deve ser constante em relação a isto. A apostasia penetra lentamente, ela pode ser relacionada à negação da fé, mesmo para aqueles que já conheceram a verdade revelada na Palavra de Deus, como da moral. A apostasia, neste sentido, se torna possível, entre outras atitudes, através do relativismo, ou seja, da incorporação da atitude de que não há uma verdade absoluta. Concebe-se, assim, que cada um tem uma verdade e uma verdade para si, através do hedonismo, ou seja, a busca do prazer imediato a qualquer custo. Neste sentido precisamos escolher a quem serviremos, a Cristo ou a nós mesmos. Que a bendita esperança, baseada nas profecias e promessas da Palavra, nos alimente a cada dia para que possamos ver concretizada a nossa fé em vida eterna.

LEITURA COMPLEMENTAR

Como leitura complementar, selecionei um texto do livro *A teologia nossa de cada dia* – aplicando os princípios teológicos no cotidiano, escrito por Robert Banks. Este texto foi escrito por Jean Luís Segundo, um dos mais conhecidos teólogos da Libertação da América Latina. Segundo afirma, está havendo um desenvolvimento da teologia da laicidade. E em sua análise crítica, diz que “a teologia tornou-se tão profissional no Ocidente, tão confinada a uma audiência seleta, educada e dotada de interesses eclesiais... penetrante. Compare isso, com o caráter não-profissional informal e profético da teologia entre Jesus e os primeiros cristãos. O que exigimos é o “retorno da teologia da atmosfera rarefeita da academia para o mundo do senso comum”. Este comentário, de segundo, deve levar-nos a uma reflexão pessoal quanto ao valor da Teologia Prática, pois este era o propósito genuíno de Deus, uma teologia para o povo. Abaixo apresento o destaque selecionado para a leitura complementar:

UMA ABORDAGEM PIONEIRA

Segundo relaciona quatro marcas dessa teologia do senso comum:

- 1 “devemos nos afastar da teologia abstrata ou acadêmica e nos aproximar de uma que se origine no compromisso de mudar as pessoas e de melhorar o mundo;
- 2 precisamos analisar de que modo a sociedade funciona se quisermos tomar a Palavra de Deus e convertê-la de um esboço vago numa mensagem claramente definida;
- 3 precisamos evitar proclamar verdades totalmente eternas e universais e aplicar a Palavra de Deus a problemas e situações específicos;
- 4 não devemos deturpar a Palavra de Deus em favor de nossos próprios objetivos se quisermos dizer alguma coisa que seja realmente criativa e libertadora”.

Como professor, compreendo o comentário de Segundo que representa um clamor para uma mensagem efetiva e contextualizada da Palavra de Deus, contudo, devo observar que sem uma base teológica sólida não se pode fazer esta aplicação contextualizada. Também afirmo que devemos continuar a proclamar as verdades eternas e universais trazendo-as para o hoje.



FONTE: Adaptado de: Banks (2004, p. 218-224)

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico, você aprendeu:

- A importância do conhecimento e da compreensão da Bíblia de maneira contínua. Classificamos estes dois aspectos como vitais para a vida pessoal e espiritual.
- Que há um propósito, uma possibilidade e uma finalidade poderosa da Palavra de Deus.
- A origem e a natureza da Palavra de Deus. Por sermos seres espirituais, este conhecimento e compreensão se tornam possíveis através da iluminação do Espírito Santo, pois a origem e a natureza da Palavra são espirituais.
- Que não basta conhecer, é necessário obedecer, aplicar corretamente o que se conhece, pois nisto está a verdadeira sabedoria da fé. Finalmente, concluímos este tópico afirmando que todas as promessas e profecias bíblicas são a base da nossa esperança em Cristo.

AUTOATIVIDADE



- 1 Para que o conhecimento, a compreensão e a obediência à Palavra de Deus são aspectos vitais?
- 2 Conhecer a Palavra de Deus para ouvir e discernir a voz de Deus é uma das mais importantes finalidades desta relação contínua e crescente com a Palavra. O que esta finalidade dará e será para nós?
- 3 Por que a compreensão da Bíblia é um fator vital e decisivo para cada um de nós?
- 4 Qual é a proposta da Teologia Prática? A que se refere?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de estudo pentecostal**. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

AMARAL, Jucid Peixoto do. **Manual do magistrado**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1992. Disponível em: <www.internext.com.br/valois/pena/cristo.htm - 5k>. Acesso em: 6 nov. 2008.

ARCHER, Gleason L. In: BOICE, James Montgomery. **O alicerce da autoridade Bíblica**. 2. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2000.

ARLAM, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. 6. ed. Miami: Vida, 1977.

BANKS, Robert. **A teologia nossa de cada dia**: aplicando os princípios teológicos no cotidiano. São Paulo: Vida, 2004.

BARTH, Karl. Disponível em: <www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/11580_3.PDF?NrOcoSis=37511&CdLinPrg=es>. Acesso em: 24 fev. 2009.

BOICE, James Montgomery. **O alicerce da autoridade bíblica**. 2. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989.

_____. **Creio, sim – mas, e daí?** São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **Práticas devocionais**. Viçosa: Ultimato, 1993.

COLLEN, Sidney. All About the Bible. New York: Fleming H. Revell Company, 1934 In: DUFFIELD, Guy P.; VAN CLEAVE, Nathaniel M. **Fundamentos da teologia pentecostal**. São Paulo: Quadrangular, 1991. v. 1.

DECLARAÇÃO DE CHICAGO. Disponível em: <www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm - 50k ->. Acesso em: 24 fev. 2009.

DUFFIELD, Guy P.; VAN CLEAVE, Nathaniel M. **Fundamentos da teologia pentecostal**. São Paulo: Quadrangular, 2000. v. 1.

DUFFIELD, Guy P.; VAN CLEAVE, Nathaniel M. **Fundamentos da teologia pentecostal**. São Paulo: Quadrangular, 1991. v. 1.

DONALD, J. Selby; WEST, James King. Introduction to the Bible. In: DUFFIELD, Guy P.; VAN CLEAVE, Nathaniel M. **Fundamentos da teologia pentecostal**. São Paulo: Quadrangular, 1991. v. 1.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1997.

EVANS, William. Disponível em: <www.pastorosmarino.com.br/print6.php?titcod=3691-110k>. Acesso em: 24 fev. 2009.

GAUSSEN, L. Theopneustia. In: DUFFIELD, Guy P.; VAN CLEAVE, Nathaniel M. **Fundamentos da teologia pentecostal**. São Paulo: Quadrangular, 1991. v. 1.

GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós**. São Paulo: Vida, 1997.

GEISLER, Norman; NIX, William. Introdução bíblica: Como a Bíblia chegou até nós. In: DUFFIELD, Guy P.; VAN CLEAVE, Nathaniel M. **Fundamentos da teologia pentecostal**. São Paulo: Quadrangular, 1991. v. 1.

HAGIN, Erwin Kenneth. **Crescendo espiritualmente**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1989.

JOSEPHUS, Flavius. The life and works of Flavius Josephus. In: DUFFIELD, Guy P.; VAN CLEAVE, Nathaniel M. **Fundamentos da Teologia Pentecostal**. São Paulo: Quadrangular, 1991. v. 1.

KORNFIELD, David; LIMA, Josadak. **Dedicados à palavra**. Curitiba: A. D. Santos, 2006. (Série discipulado de liderança).

LAHAYE, TIM. **Como estudar a Bíblia sozinho**. Venda Nova: Betânia, 1976.

LIMA, Josadak. **Exercitando-se na palavra: crescimento no aprendizado da palavra**. Curitiba: AD Santos, 2005.

OLSON, N. Lawrence. **O plano divino através dos séculos: estudo das dispensações**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1979.

PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia**. 6. ed. Miami: Vida, 1977.

RIDDERBOS, N. H. In: DUFFIELD, Guy P.; VAN CLEAVE, Nathaniel M. **Fundamentos da teologia pentecostal**. São Paulo: Quadrangular, 1991. v. 1.

ROBINSON, George L. International Standard Bible Encyclopaedia. In: DUFFIELD, Guy P.; VAN CLEAVE, Nathaniel M. **Fundamentos da teologia pentecostal**. São Paulo: Quadrangular, 1991. v. 1.

SCHAFF, Philip. The Creeds of Christendom. In: GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós**. São Paulo: Vida, 1997.

THIESSEN, Henry Clarence. Introduction to the New Testament. In: DUFFIELD, Guy P.; VAN CLEAVE, Nathaniel M. **Fundamentos da teologia pentecostal**. São Paulo: Quadrangular, 1991. v. 1.

VOLTAIRE. Disponível em: <www.wittenberg.com.br/arquivos/Estudo180-17-biblia-evidencias-inspiracao.pdf>. Acesso em: 24. fev. 2009.

WESTCOTT, Brooke Foss. **The Bible in the church**. 2. ed. New York: MacMillan, 1887.

ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.